



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SILVIA HELENY GOMES DA SILVA

**O DIREITO À PAISAGEM URBANA: IMAGEM E AFETIVIDADE NA
CONSTRUÇÃO DE UMA GEOGRAFIA DO OLHAR**

FORTALEZA

2019

SILVIA HELENY GOMES DA SILVA

O DIREITO À PAISAGEM URBANA: IMAGEM E AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO
DE UMA GEOGRAFIA DO OLHAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social. Vulnerabilidades sociais e processos psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S583d Silva, Silvia Heleny Gomes da.
O direito à paisagem urbana : imagem e afetividade na construção de uma geografia do olhar / Silvia Heleny Gomes da Silva. – 2019.
111 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Zulmira Aúrea Cruz Bomfim.

1. Paisagem. 2. Cidade. 3. Afetividade. 4. Geografia do olhar. I. Título.

CDD 150

SILVIA HELENY GOMES DA SILVA

O DIREITO À PAISAGEM URBANA: IMAGEM E AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO
DE UMA GEOGRAFIA DO OLHAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social. Vulnerabilidades sociais e processos psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Aprovada em: ____ / ____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Fátima Maria Araújo Bertini
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Para o meu eterno avô-pai-amigo-mestre Luiz Casemiro (*in memoriam*). Vô, obrigada por todos os aprendizados, por me ensinar a passar o troco na sua bodega, a tocar as primeiras notas no violão, a brincar de bila, pião, a fazer cimento, a rebocar parede e a pintar com cal. Obrigada por todas as histórias que você me contou sobre a sua vida, as suas peripécias, as suas descobertas de infância e sobre lobisomens. Obrigada por tocar para mim e cantar com a tua voz baixinha. Obrigada pelo colo, pelo abraço, pela quentura do teu ser em se fazer ninho para me acolher. Te amo para todo o sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo dom da vida e proteção.

À minha mãe por ser meu alicerce e colo.

Ao meu avô por ser meu forte e exemplo do que é ser pai-avô-amigo.

Ao meu irmão, por me acompanhar nos desafios da vida e ser íntegro.

Ao meu amor, por me amparar e acreditar em mim sempre. Além de ser a minha pessoa favorita.

Ao meu cachorro Baruch, pela companhia aos pés da minha mesa sempre que estava escrevendo e por me trazer alegria.

Às minhas grandes amigas Beatriz Lizaviêta, Fernanda Luá e Tatiane Albuquerque, pelas risadas, companheirismo e descobertas.

Ao meu querido amigo Edilson, pela sinceridade e pelos longos anos de amizade.

À minha querida Carliane, por ser essa pessoa tão especial e verdadeira em minha vida.

À minha orientadora Zulmira Bomfim, pela acolhida e pelo ensino do que é ser um ser humano cheio de grandeza e ternura.

Ao meu querido Andy, pelo abraço, colo, confidências e por ser tão iluminado. Obrigada por todos os tijolinhos de perseverança que construímos juntos.

À inconfundível Roberta, por ser tão doce, forte e engraçada. A vida é mais divertida e intensa com você e os mapas astrológicos enfeitam os dias.

À minha amiga Dalice, pelo coração casa e pelo abraço gostoso.

Ao Fábio, pela ajuda antes de eu entrar no mestrado e por ouvir as minhas inseguranças.

Ao meu amigo Gustavo Costa, pelas trocas de ideias, sensibilidades e fotografias.

Aos professor Otávio Lemos Costa, pelo acompanhamento durante a graduação e por ter participado da minha banca de qualificação.

Ao professor Aluísio Ferreira de Lima, por ser solícito e ter dado indicações de leituras para uma melhor elaboração da dissertação.

À professora Fátima Bertini, pelo zelo da leitura e esmero nas contribuições do trabalho.

Ao querido Helder Hamilton, por ser tão atencioso e simpático na secretaria da Coordenação da Pós-Graduação em Psicologia. Sentia-me sempre acolhida.

Ao Sr. Gilmar, porteiro do prédio da Pós-Graduação em Psicologia, pelas boas vindas sempre que eu chegava.

E meus profundos agradecimentos aos atenciosos participantes da pesquisa:

Sr. Centro, pelo seu jeito simpático e alegre;

Sr. Barra do Ceará, pela singeleza e encanto com o que é simples;

Sra. Praia do Futuro II, pela timidez solícita;

Sra. Conjunto Ceará, pela meiguice e aconchego no tratamento;

Sra. Sabiaguaba, pela força, felicidade e altivez demonstradas nas nossas conversas;

Sr. Cidade 2000, pela profundidade de pensamento e bom coração;

Sr. Parquelândia, pelo exemplo do que é viver dignamente com um trabalho simples;

Sr. Gentilândia, pela jovialidade e empolgação.

RESUMO

A cidade não se constitui apenas em sua estrutura física. Ela é edificada, sustentada, confirmada e ressignificada a partir da relação mútua entre si e as pessoas que a movimentam e a tornam vívida por meio de trocas simbólicas tecidas com os espaços e lugares. Estas trocas entre o ambiente citadino e as pessoas se dão, primeiramente, pela forma como os indivíduos se movem sobre ela e como a percebem. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo compreender como habitantes da cidade de Fortaleza constroem imagens e afetividades com a paisagem urbana a partir da sua geografia do olhar, considerando a pergunta: Qual a importância da paisagem na vida das pessoas e que papel ela desempenha? É fundamental considerar que a paisagem fala a partir de um lugar que é permeado de histórias, sentimentos e emoções. As pessoas falam sobre os lugares, da mesma forma como os lugares falam sobre elas. Esta relação é dialógica e recíproca. Quais afetividades estão envolvidos no direito das pessoas à paisagem, tanto quando ele é contemplado e/ou limitado? Este é o problema de pesquisa do presente trabalho. Para tanto, a realização deste trabalho teve como base conceitos teóricos das áreas de Psicologia, Geografia, Arquitetura, Sociologia e Direito Urbanístico, além de perspectivas da Imagem e da Fotografia. A pesquisa de campo contou com a inserção da pesquisadora em vários bairros de Fortaleza, totalizando as sete regionais administrativas do território da cidade. Como ferramenta metodológica foi utilizado o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) junto com a Narrativa Ambiental e a Fotografia, que foi empregada como ferramenta de apreensão da paisagem. Para tanto, a presente pesquisa se caracteriza dentro do método qualitativo. Os resultados mostraram que a paisagem urbana extrapola a sua materialidade e adentra em questões muito subjetivas. Evocando afetividades de medo, insegurança, abandono, alegria, saudade, amor, bem-estar e incertezas. Conhecer a cidade de Fortaleza a partir da afetividade de seus habitantes, tomando a paisagem como referência, é ter contato direto com a urbanidade que muitas vezes passa despercebida no convívio cotidiano. Ler as paisagens é ler o espaço no qual ela está contextualizada, além de tomar conhecimento sobre as maneiras do homem de se organizar socialmente na criação de territórios e lugares.

Palavras-chave: Paisagem. Cidade. Afetividade. Geografia do Olhar.

ABSTRACT

The city is not just its physical structure. It is built, sustained, confirmed and resignified from the mutual relationship between itself and the people who move it and make it vivid through symbolic exchanges woven with spaces and places. These exchanges between the city environment and people are primarily due to the way individuals move about it and how they perceive it. In this sense, the present study aimed to understand how inhabitants of the city of Fortaleza build images and affectivities with the urban landscape from their geography of the eye, considering the question: What is the importance of landscape in people's lives and what role does it play? It is crucial to consider that the landscape speaks from a place that is permeated with stories, feelings and emotions. People talk about places, just as places talk about them. This relationship is dialogical and reciprocal. What affects are involved in people's right to the landscape, both when contemplated and/or limited? This is the research problem of the present work. Therefore, the realization of this work was based on theoretical concepts in the areas of Psychology, Geography, Architecture, Anthropology, Sociology, Urban Law, and perspectives of Image and Photography. The field research counted on the insertion of the researcher in several neighborhoods of Fortaleza, totaling the seven administrative regions of the city territory. As a methodological tool we used the Affective Map Generating Instrument (IGMA) together with the Environmental Narrative and Photography, thus being characterized within the qualitative method. The results showed that the urban landscape goes beyond its materiality and enters into very subjective questions. Evoking affectivities of fear, insecurity, abandonment, joy, longing, love, well-being and uncertainties. To know the city of Fortaleza from the affection of its inhabitants, taking the landscape as a reference, is to have direct contact with the urbanity that often goes unnoticed in everyday life. To read landscapes is to read the space in which it is contextualized, as well as to learn about man's ways of socially organizing himself in the creation of territories and places.

Keywords: Landscape. City. Affectivity. Geography of the Eye.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Fotografia de Evgen Bavcar	37
Figura 2 –	Fotografia de Evgen Bavcar	37
Figura 3 –	Mapa de localização dos bairros visitados	61
Figura 4 –	Desenho do Sr. Centro	64
Figura 5 –	Fotografia feita pelo Sr. Centro	64
Figura 6 –	Desenho do Sr. Barra do Ceará	68
Figura 7 –	Fotografia feita pelo Sr. Barra do Ceará	68
Figura 8 –	Desenho da Sra. Praia do Futuro II	71
Figura 9 –	Fotografia feita pela Sra. Praia do Futuro II	71
Figura 10 –	Desenho da Sra. Conjunto Ceará	74
Figura 11 –	Fotografia feita pela Sra. Conjunto Ceará	74
Figura 12 –	Desenho da Sra. Sabiaguaba	80
Figura 13 –	Fotografia feita pela Sra. Sabiaguaba	80
Figura 14 –	Desenho do Sr. Cidade 2000	85
Figura 15 –	Fotografia feita pelo Sr. Cidade 2000	85
Figura 16 –	Desenho feito pelo Sr. Parquelândia	88
Figura 17 –	Fotografia feita pelo Sr. Parquelândia	88
Figura 18 –	Desenho do Sr. Gentilândia	91
Figura 19 –	Fotografia que o Sr. Gentilândia solicitou	91
Figura 20 –	Fluxograma da estrutura da pesquisa	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Trabalhos de Dissertação Orientados pelo Locus	51
Quadro 2 –	Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade	56
Quadro 3 –	Os bairros visitados e as suas respectivas regionais administrativas	62
Quadro 4 –	Dados sociodemográficos do Sr. Centro	62
Quadro 5 –	Mapa Afetivo 1 - Sr. Centro	63
Quadro 6 –	Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Centro	65
Quadro 7 –	Dados sociodemográficos do Sr. Barra do Ceará	67
Quadro 8 –	Mapa Afetivo 2 - Sr. Barra do Ceará	68
Quadro 9 –	Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Barra do Ceará	68
Quadro 10 –	Dados sociodemográficos da Sra. Praia do Futuro II	69
Quadro 11 –	Mapa Afetivo 3 - Sra. Praia do Futuro II	70
Quadro 12 –	Perguntas e respostas adicionais à Sra. Praia do Futuro II	71
Quadro 13 –	Dados sociodemográficos da Sra. Conjunto Ceará	72
Quadro 14 –	Mapa Afetivo 4 - Sra. Conjunto Ceará	73
Quadro 15 –	Perguntas e respostas adicionais à Sra. Conjunto Ceará	74
Quadro 16 –	Dados sociodemográficos da Sra. Sabiaguaba	76
Quadro 17 –	Mapa Afetivo 5 - Sra. Sabiaguaba	79
Quadro 18 –	Perguntas e respostas adicionais à Sra. Sabiaguaba	81
Quadro 19 –	Dados sociodemográficos do Sr. Cidade 2000	83
Quadro 20 –	Mapa Afetivo 6 - Sr. Cidade 2000	84
Quadro 21 –	Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Cidade 2000	86
Quadro 22 –	Dados sociodemográficos do Sr. Parquelândia	86
Quadro 23 –	Mapa Afetivo 7 - Sr. Parquelândia	87
Quadro 24 –	Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Parquelândia	88
Quadro 25 –	Dados sociodemográficos do Sr. Gentilândia	89
Quadro 26 –	Mapa Afetivo 8 - Sr. Gentilândia	90
Quadro 27 –	Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Gentilândia	91
Quadro 28 –	Paisagens categorizadas na pesquisa	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IGMA	Instrumento Gerador de Mapas Afetivos
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
SER	Secretaria Executiva Regional
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A PAISAGEM URBANA EM QUESTÃO	16
2.1	O conceito de paisagem e seus desdobramentos	17
2.2	A paisagem enquanto direito	23
3	A IMAGEM COMO NARRATIVA E MEMÓRIA	30
3.1	O olhar como ato de apreensão, análise e recorte da realidade	33
3.2	A construção da geografia do olhar	38
4	O LUGAR ENQUANTO MEDIAÇÃO	42
4.1	O conceito de mediação em Vigotski	43
4.2	O conceito de lugar	45
5	FORTALEZA: AFETIVIDADE E IMAGENS	51
5.1	Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) e a Narrativa Ambiental	54
5.2	As geografias dos olhares em Fortaleza	57
5.2.1	<i>O Sr. Centro</i>	62
5.2.2	<i>O Sr. Barra do Ceará</i>	66
5.2.3	<i>A Sra. Praia do Futuro II</i>	69
5.2.4	<i>A Sra. Conjunto Ceará</i>	71
5.2.5	<i>A Sra. Sabiaguaba</i>	75
5.2.6	<i>O Sr. Cidade 2000</i>	83
5.2.7	<i>O Sr. Parquelândia</i>	86
5.2.8	<i>O Sr. Gentilândia</i>	89
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	106
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	108
	ANEXO A – INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFETIVOS	138

1 INTRODUÇÃO

A praça amanheceu chovida. A água banhou os seus sovacos e dobras. Sobre ela, um homem de bigode leva pães para o seu café da manhã. Ele se protege debaixo de um guarda-chuva preto. Do outro lado, crianças vão para a escola, elas ainda guardam o cheiro de preguiça e sono nos olhos. A praça amanheceu chovida e com gente. Eu me molhei também (Silvia Heleny Gomes da Silva, 2019).

A paisagem urbana é como um grande mosaico onde várias pessoas inserem, constantemente, peças distintas. A temporalidade dos itens introduzidos variam de épocas e trazem consigo histórias variadas. Uma esquina, rua, bairro, cidade contém em suas estruturas paisagens que revelam as facetas do seu cotidiano e funcionamento.

Portanto, o traçado arquitetônico e urbanístico vigente de uma localidade, cria dinâmicas e movimentos próprios, e fazem com que os trajetos dos sujeitos no ambiente citadino ganhem usos e formatos característicos. Por exemplo, se a prioridade do governo é que os habitantes circulem mais usando bicicletas, as ciclo faixas serão ponto de interesse na montagem da malha rodoviária. Se o foco é acessibilidade, rampas, corrimões, pisos táteis e melhores sinalizações estarão em pauta. Assim, o planejamento da cidade pode facilitar ou limitar a interação entre as pessoas e os ambientes, e entre elas mesmas também.

Seria, então, o estudo da interação das pessoas com o espaço público um problema de paisagem? Oportunamente, que sim, já que todos os elementos contidos da cidade formam paisagens, e junto deles, os indivíduos dão tom e são agentes ativos na modelação desse grande mosaico. Entendemos aqui a paisagem não somente como aquilo que vemos, mas aquilo que vemos, tocamos, sentimos, cheiramos, experimentamos, lembramos, valorizamos, alteramos, destruimos, construímos e sonhamos. Da materialidade à imaterialidade, a paisagem é feita. É preciso salientar que as paisagens são ambientes, cada qual com suas particularidades e semelhanças.

Neste sentido, a presente dissertação se apoiou, principalmente, sobre duas ciências basilares para a discussão que se busca, foram elas Geografia e Psicologia. A primeira, por ser a área de minha graduação; a segunda, por pertencer ao mestrado acadêmico almejado e conquistado por mim. Porém, o enfoque se ramificou pela perspectiva da geografia cultural e da psicologia ambiental. Por isso, da proposta de se estudar a relação pessoa-ambiente, tomando como ponto de partida a paisagem urbana da cidade de Fortaleza/CE.

Deste modo, para que conseguíssemos compreender a paisagem urbana da cidade, recorreremos à subjetividade do olhar de cada entrevistado da pesquisa. Explicando melhor, as cartografias ou geografias do olhar são, portanto, construções individuais que partem do

contato e experiência com os lugares, possibilitando assim que sejam construídas percepções, sentimentos e emoções a partir do encontro com a realidade (Gomes, 2013). Para enriquecer o debate utilizamos o autor que trabalha com a geografia do olhar (Gomes), o olhar (Chauí, Bosi, Berger) e os que abordam sobre imagem (Sontag, Benjamin, Manguel, Gonçalves Filho, Barthes, Bavcar, Rancière, Koller, Lynch), cada qual faz ponte de diálogo com o tema em questão.

Assim, a pesquisa estruturou-se sobre três palavras que foram os eixos centrais: paisagem, afetividade e lugar. Pela paisagem, discutimos questões pertinentes ao conceito em si pela Geografia (Sauer, Berque, Cosgrove, Moraes), além de tratar questões referentes ao direito à paisagem (Cauquelin, Simmel, Landim, Meining, Custódio, Harvey, Dardel). Pela afetividade, trouxemos autores da psicologia que embasaram a discussão (Sawaia, Bomfim, Vigotski). Pelo lugar, tratamos pontos de contato entre o enfoque geográfico e o psicológico (Tuan, Mandarola Jr, Vigotski, Veronezi, Damasceno, Fernandes, Claval, Bondiá, Relph, Serpa).

O trabalho se delineou por meio dos seguintes objetivos. Sendo o objetivo geral: Investigar como habitantes de bairros de Fortaleza constroem imagens e afetividades da sua paisagem urbana a partir da sua geografia do olhar. E os específicos: 1) Pesquisar quais narrativas são contadas sobre essas paisagens na perspectiva dos sujeitos; 2) Analisar a dinâmica das afetividades demonstradas; 3) Comparar as geografias dos olhares em Fortaleza a partir dos mapas afetivos e das narrativas ambientais.

De certo, é pela costura dos objetivos (geral e específicos) que buscamos lançar a proposta maior de tentar compreender como esses habitantes de bairros fortalezenses constroem suas geografias dos olhares a partir da paisagem urbana em que têm contato no plano de suas experiências ambientais cotidianas.

Como fechamento do trabalho, elencamos os resultados obtidos nas pesquisas de campo, categorizando as paisagens retratadas pelos sujeitos e seus conteúdos. As entrevistas abrangeram as sete regionais administrativas da cidade e trouxeram como resultados as diferentes nuances do espaço geográfico fortalezense tomando como mote a paisagem de cada lugar.

Acreditamos que a presente dissertação veio no intuito de construir pontes entre o saber geográfico e o psicológico, aplicando tal conhecimento às particularidades dos bairros de Fortaleza/Ce. O encontro com cada entrevistado, fez emergir as outras facetas da cidade, àquela que é fugidia ao somente concreto da vida, a que abrange as sensibilidades do cotidiano minimamente vivido e sentido. Descobrir novas trilhas na cidade nos faz forasteiros

de lugares novos possíveis dentro do “habitualmente conhecido”. As linhas aqui contidas falam justamente do descortinar desse todo grande que é a vida na cidade.

Busquei nas ruas, até então desconhecidas para mim, encontrar pessoas que me eram totalmente novidade. No Centro, descobri a loja de usados e o tempo passado presente, os móveis e televisores que falavam de outra época. No Benfica, conversei com o gari e contemplei a praça de outrora, aconcheguei-me debaixo da castanhola. Na Av. Antônio Bezerra, encontrei o vendedor ambulante e a sua saga perante os frenéticos sons e movimentos dos carros e pessoas, seu guarda-sol deu sombra a nós. Na Barra do Ceará, me aproximei do vendedor de coco e do seu mar paisagem, do seu vento e relatos do seu lugar. Na Cidade 2000 me senti situada no traçado quadrilátero de um bairro curioso e farto de comércio. Na Praia do Futuro, escutei a vendedora de lanches e os seus sonhos singelos, esculpidos a partir do seu bairro referência. Na Sabiaguaba, tomei café com a marisqueira/agricultora cheia de histórias infinitas de luta e perseverança no seu contato com a natureza, aprendi sobre a preciosidade de poder tirar os seus provimentos do cultivo da terra.

Senti-me formigando de bairros, de histórias, de pessoas, de sabores, cheiros, sons, vozes... paisagens! Vi paisagens, fui paisagens. De cada canto de visitei, saía com uma peça do mosaico a mais, o grande mosaico da cidade. Cada conversa aumentava minhas imagens na cabeça, cada história é como um pequeno grande item no meu quebra-cabeça humano urbano. Colecionei memórias, minhas e de outros.

As geografias sensíveis, do cotidiano, da labuta, do descanso, do simplesmente viver na cidade e a partir dela... foi tudo isso que encontrei. Fortaleza pareceu-me maior do que ela é, e ao mesmo tempo se tornou um pouco mais familiar. Entender que a cidade não é apenas um substrato de cimento e cal, faz reconhecer que os traçados urbanos e os traçados construídos pelos indivíduos todos os dias são como pedaços de tecidos de uma grande colcha de retalhos. A urbe é senhora, jovem e recém-nascida dia a dia, se veste com cores, formas e gentes diferentes. Habita e é habitada. Por isso, é casa, lar, passagem.

Espero que os capítulos que virão sejam calçadas em que os olhos que passearem por elas descubram um pouco do tudo que descobri. Que as geografias - os caminhos; dos olhares - cheios de subjetividades; aprendam com cada pessoa que tive a oportunidade de encontrar. Ler a cidade sob a perspectiva do sensível é reconhecer que o ambiente urbano é diverso de naturezas, e por isso, repleto de infinitas interpretações.

2 A PAISAGEM URBANA EM QUESTÃO

Uma paisagem pode ser vista, lida, tocada, cheirada, sentida e saboreada. Pode ser sonhada, conservada e até destruída. Nela habitam uma infinidade de elementos semelhantes e distintos ao mesmo tempo, é por si uma mistura de cores, texturas, formas, densidades e tamanhos. Se movimentar no meio urbano é estar propenso a ser atingido por um turbilhão de informações que jorram ao corpo a todo instante estímulos. Pessoas, placas, semáforos, fios, muros, cercas, câmeras, árvores, calçadas, animais, ruas, avenidas, ruelas, praças, bancos, pontes, viadutos, linhas férreas, antenas, carros, bicicletas e motos. Paisagem, substantivo feminino. Pode ser adjetivada em inúmeras combinações.

O cronista Silva Carriço (2005, p. 12) define-a sobremaneira bem,

[...] direi que, tal como o homem humaniza a paisagem, a paisagem caracteriza o homem. Todos sabemos como o homem do mar é diferente do homem da serra, o do Norte diferente do homem do Sul, o ocidental do oriental. Mas esta divergente geografia humana está em vias de extinção. Estamos, talvez mais do que nunca, numa era de migrações. E de descaracterização. A paisagem vai ficando sem gente, e o homem vai-se tornando, cada vez mais, deserto de si próprio. Crescem e massificam-se as cidades, despersonalizam-se os homens. Que passam a ser números ou peças numeradas de máquinas de produção ou de consumo. E a paisagem, vítima da incúria e do abandono, agoniza à míngua da carícia do olhar ou da mão de alguém que com ela coabite e faça amor. O êxodo provoca a desertificação. À medida que a paisagem vai deixando de ser gente, o homem vai deixando de ser paisagem. Por isso eu os quis agarrar (retratar), à paisagem e ao homem, enquanto ainda o são.

Para o autor a paisagem é considerada enquanto gente, e ao passo que ela é esquecida o homem vai deixando de ser paisagem. Ou seja, ambos se coabitam durante a sua existência. Esse pensamento faz total sentido, principalmente, quando voltamos a análise para os espaços urbanos.

Com o advento da excessiva cooptação da vida aos espaços privados, movimento cada vez mais forte, a paisagem tem se restrito consideravelmente aos *shoppings centers* - emoldurada em fachadas de vidro, ventilada por ar condicionados e erguida sobre um chão brilhoso e polido -, fato este que acarreta modos de sociabilidades que não interagem com a cidade de uma forma mais ampla, mas se esquadrinha e se limita a pontos de concentração que comportam uma grande quantidade de pessoas, entretenimento e consumo.

Não há aqui uma abominação desses espaços, afinal, eles são um ponto de encontro, mas a constatação de que estão "dando as costas" para a cidade e que a sua articulação acontece de forma hierárquica e segregada é nítida. Entre luxuosos prédios há em

algumas partes, casinhas que resistem ao famigerado mercado imobiliário. Ora são compradas e engolidas, ora se esforçam para permanecer existindo.

Neste sentido, a paisagem urbana é um elemento que pode desvendar muito sobre os lugares, tanto pela fácil apreensão da sua materialidade quanto pelo conteúdo que ela pode revelar quando se dispõe a uma análise mais atenta. Ler as paisagens é ler o espaço que a circunda, além de tomar conhecimento sobre as maneiras do homem se organizar socialmente na criação de territórios e lugares.

2.1 O conceito de paisagem e seus desdobramentos

Desde que o homem existe, são variadas as formas que ele buscou de se relacionar com outros seres e com o ambiente que o cercava. Com a descoberta de novas técnicas ao passar dos anos e a construção de ferramentas, ele pôde aumentar o seu domínio sobre a natureza. O antes nômade, que dependia exclusivamente dos provimentos que o meio natural dispunha, com o entendimento e melhor percepção dos fenômenos naturais passou a condição de sedentário, agora capaz de construir mecanismos de convivência e sobrevivência com as adversidades ambientais.

Cada meio solicitava adaptações, e aqueles que não conseguissem teriam como perda a sua própria existência, como Charles Darwin tão bem discorreu na sua Teoria da Evolução. Com o convívio em agrupamentos, o homem pôde dividir atividades, trocar conhecimentos e aprimorar suas habilidades. A vida coletiva proporcionou disputas de interesses ao passo que segurança por estar em bando, tal como acontece com outras espécies animais.

Entender o homem enquanto um animal esclarece e aproxima entendimentos do passado e presente e possibilita projeções sobre o futuro. O ser humano animal ainda continua praticando formas de sobrevivência de seus ancestrais, embora o desenvolvimento tecnológico e a vida urbana tenha mudado os estilos de vida. Reconstruir essa visão da história do que fomos e do que somos contribui para compreender o que nos tornaremos/seremos. Existir é processual e a história se sucede gradualmente.

Então, o que isso tem a ver com o trabalho aqui proposto? Por que voltar tão antes para começar esse texto? Tal decisão foi tomada apenas para começar afirmando e reforçando que o homem necessita indubitavelmente do seu meio, e que a não compreensão e cuidado com ele põe em risco a vida humana e a natureza de uma forma mais ampla. Estamos ligados à Terra, tal como estivemos ligados ao cordão umbilical com nossas mães. Contudo, o

pensar/sentir pautado somente no racionalismo nos distanciou da nossa essência animal e natural.

Neste sentido, vale salientar que o saber geográfico foi fundamental para que o ser humano pudesse viver. Entender as águas, os ventos, as chuvas, a Lua e o Sol, o solo, as sementes e plantas, os alimentos e o fogo, os relevos, os insetos foram pressupostos para saber ler a dinâmica da vida. E, ao passo destas descobertas, criar uma língua gráfica e polifônica definiu o sucesso do alcance das informações.

A oralidade era o meio mais efetivo de aprender, e ao mesmo tempo que a escrita se uniu a ela o raio de alcance dos saberes sobre a realidade ganhou proporções inimagináveis. Cartas, desenhos, pinturas, livros, jornais etc. As evoluções tecnológicas trouxeram ganhos e perdas. De um lado a rápida disseminação do conhecimento, de outro a desvalorização do hábito da contação de histórias, o enfraquecimento dos mitos que respondiam a questões de ordem natural e sobrenatural.

O nascimento das ciências criou novos hábitos e maneiras de pensar e em detrimento disso, sufocou e aniquilou outros. O "penso, logo existo"¹ sucumbiu o "sinto, logo existo", que as culturas nativas dos nossos ancestrais ensinavam. A forma cartesiana está impregnada em nós como a epiderme que nos envolve o corpo. Buscar outras maneiras de enxergar e entender o mundo, menos opressoras e excessivamente racionalistas, pode proporcionar outras experiências de aprendizado, mais amplas e ricas.

Por isso, é impossível falar de geografia sem falar de epistemologias. Afinal, toda construção de um entendimento geográfico nasce de uma ideia de mundo e de uma concepção de realidade. Trazendo tal discussão para o conceito de paisagem, é importante que não o desvincule desse processo todo de construção epistemológica. Pois o mesmo, refletiu todos os períodos históricos que se sucederam tal como suas respectivas epistemologias.

O conceito de paisagem foi um dos conceitos que deram fundamento à ciência geográfica. Durante muito tempo esteve atrelado ao caráter descritivo da realidade. Onde os primeiros pesquisadores, por meio de desenhos e esquemas feitos a mão, descreviam, enumeravam e classificavam os fenômenos que estavam sob a sua análise (MORAES, 1999).

A geografia teve início enquanto ciência no século XIX, e os pais dessa recém nomeada eram alemães, Alexander von Humboldt e Carl Ritter. O alemão foi a primeira língua a utilizar e conceituar o termo paisagem, a *landschaft*. Segundo Salgueiro (2001, p. 40)

¹ *Cogito, ergo sum* é uma frase de autoria do filósofo e matemático francês René Descartes (1596 - 1650). Em geral, e traduzida para o português como "penso, logo existo"; embora seja mais correto traduzi-la como "penso, portanto sou".

"Com efeito, *landschaft* tanto significava uma porção limitada da superfície da terra que possuía um ou mais elementos que lhe davam unidade, como a aparência da terra tal como era percebida por um observador". Portanto, as leituras desse conceito se disseminaram mundo a fora, e novas roupagens e implementações se tornaram inevitáveis frente a grande variedade de porções do espaço geográfico. Ou seja, a paisagem está presente tanto em sua dimensão física e concreta quanto na dimensão estética que Salgueiro (2001) enfatiza através da concepção alemã.

Em cada cultura houve uma interpretação singular do que vinha a ser a paisagem. Carl Sauer, o fundador da Escola de Berkley, nos Estados Unidos, foi um dos nomes mais importantes na geografia tradicional, justamente por estudar a paisagem. Sua abordagem, de viés descritivo e morfológico, foi a base da chamada Geografia Cultural Tradicional. Através do seu seminal texto chamado "A Morfologia da Paisagem", escrito em 1925, introduziu concepções sobre o trato com este conceito. Para ele a paisagem é "uma área composta por associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais" (SAUER, 2004, p. 23).

Para Sauer (2004, p. 24),

[...] a paisagem não é simplesmente uma cena real vista por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais. A observação de Croce² de que "o geógrafo que descreve uma paisagem tem a mesma tarefa de um pintor de paisagem", tem, portanto, somente validade limitada. O geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre em mente o genérico e procede por comparação.

No exposto acima podemos compreender que para Sauer (2004) a paisagem é uma junção de cenas individuais que podem variar entre si criando tipos distintos ou similares, e que é definida por comparação. "Toda paisagem tem uma individualidade, bem como uma relação com outras paisagens e isso também é verdadeiro com relação às formas que compõem a paisagem" (SAUER, 2004, p.24).

Um componente importante da paisagem que o autor citado anteriormente enfatiza é o do observador. Para que se construa a ideia de paisagem é preciso que ela passe pelo julgamento da pessoa que a observa. Onde de fato narrar sobre a paisagem acontece por escolhas objetivas e subjetivas. Para tanto, Sauer (2004, p. 28-29) salientou que:

O julgamento pessoal do conteúdo da paisagem é determinado mais por interesse. A geografia é distintamente antropocêntrica no sentido do valor ou do uso da terra para o homem. Nós estamos interessados naquela parte da paisagem que nos diz respeito como seres humanos porque nós somos parte dela, vivemos com ela, somos

² Benedetto Croce foi um filósofo, historiador e político italiano que escreveu sobre diversos assuntos, tais como: filosofia, história, historiografia e estética.

limitados por ela e a modificamos. Desse modo, nós selecionamos aquelas qualidades da paisagem em particular que são ou possam ser úteis para nós.

Logo, ao se falar, narrar ou contar sobre uma paisagem é inevitável que aspectos pessoais não sejam levados em conta. Para tanto, Sauer através de seus estudos propôs a classificação da paisagem como: 1) paisagem natural e 2) paisagem cultural. A primeira, diz respeito às condições da natureza onde a mão do homem não tocou. A segunda, se refere à alteração do meio natural pelo homem a partir dos seus interesses e desejos. "A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado" (SAUER, 2004, p.59).

A obra de Sauer originou uma escola de geografia da paisagem, focalizando o papel do homem transformando a face da Terra. A ênfase se dava principalmente em relação às tecnologias, por exemplo: o uso do fogo, a domesticação de plantas e animais, a hidráulica, mas também, até certo ponto, em relação à cultura não material (isto é, crença religiosa, sistemas legais e políticos etc). A atenção estava focalizada nas sociedades pré-modernas ou em suas evidências na paisagem contemporânea, por exemplo, a evidência da paisagem americana das várias culturas indígenas, africanas e européias que a formaram (COSGROVE, 2004, p. 100).

A maior contribuição da teoria de Carl Sauer sobre a paisagem foi a consideração da cultura como um fator importante na construção, sobreposição, destruição e reconstrução das paisagens no espaço geográfico. A cultura, desse modo, é o que vai fazer com que os indivíduos modelem o seu meio/paisagem de acordo com as suas necessidades e vontades. É sabido que as concepções de Sauer tiveram suas limitações e potencialidades, porém é inegável que a inserção da cultura nos estudos geográficos abriu caminhos diversos. As concepções de Sauer influenciaram até meados da década de 1940, contudo, a base que ele construiu tem sua contribuição até os dias de hoje.

Além de Sauer, outro nome importante foi Augustin Berque, que aprimorou a geografia cultural e as suas respectivas discussões sobre a paisagem. Para ele a geografia cultural é definida "como o estudo do sentido (global e unitário) que a sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza, relação que a paisagem exprime concretamente" (BERQUE, 2004, p. 84). Para tanto, o referido autor considera a paisagem como marca e como matriz.

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno³ (BERQUE, 2004, p. 84-85).

3 Ecúmeno, segundo o dicionário Aurélio, significa a área habitável ou habitada da Terra.

Berque (2004) enriqueceu a conceituação da paisagem justamente quando considera os esquemas de percepção, concepção e ação. O que traduz que a paisagem é algo percebido, mas que contém em si elementos que ultrapassam o campo da percepção.

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. e, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política etc (BERQUE, 2004, p. 86).

O que Berque (2004) quer dizer, assim, é que é o sujeito quem gera sentido na paisagem que percebe, concebe e age sobre ela. Ao passo que a paisagem tem vários elementos, o homem também é mais um elemento dela. Sendo, por isso, a cultura o pontapé inicial para a origem de qualquer paisagem, ou seja, "a cultura é o agente modelador da realidade", que Sauer (2004) tão bem pontuou.

Augustin Berque em colaboração com outros geógrafos ajudou a delinear aquela que se chamaria de Nova Geografia Cultural ou Geografia Cultural Pós-80. Foi onde o leque sobre a paisagem e a cultura tiveram uma expansão conceitual grandiosa. Um nome basilar dessa Nova Geografia Cultural é o de Denis Cosgrove, geógrafo que enriqueceu as novas abordagens. Principalmente, quando insere na discussão geográfica o papel do significado como fundamental na compreensão do conceito de paisagem. Para ele, "A paisagem, de fato, é uma "maneira de ver", uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma "cena", em uma unidade visual" (COSGROVE, 2004, p. 98).

Para Cosgrove (2004, p. 104-105) a cultura estabelece relações intrínsecas com o poder. Para o autor,

[...] o estudo da cultura está intimamente ligado ao estudo do poder. Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isto, às vezes, é chamado de *hegemonia cultural*. Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político (apesar de eu me concentrar nisso), mas também em termos de sexo, idade e etnicidade.

A partir das reflexões acima, Cosgrove (2004) categorizou a paisagem de acordo com as influências culturais. Sendo elas: 1) Paisagens de Cultura Dominante, 2) Paisagens Alternativas - subdividida em: 2.1) Residuais, 2.2) Emergentes e 2.3) Excluídas).

As paisagens de cultura dominante são aquelas que expressam o poder de um restrito grupo ou classe que domina sobre outras através da propriedade da terra, capital, matérias-primas e força de trabalho. São as paisagens que encontramos nos grandes centros

comerciais, financeiros, além daquelas que impõem um padrão de vida altamente elevado e seletivo.

As paisagens alternativas dizem respeito aos grupos e classes menos favorecidas economicamente e socialmente. "Por sua natureza, as culturas alternativas são menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa" (COSGROVE, 2004, p. 116). O caráter alternativo da paisagem está justamente na sua condição de ser subdominante perante à cultura nacional oficial.

As paisagens residuais falam de um tempo passado, são muitas vezes chamadas de "paisagens relíquias", pois possuem símbolos e significados valorizados em outras épocas. As emergentes são transitórias e tem pouco impacto na paisagem, como por exemplo, a cultura *hippie* dos anos 60. "Está na natureza de uma cultura emergente oferecer um desafio à cultura dominante existente, uma visão de futuros alternativos possíveis" (COSGROVE, 2004, p. 119). Já as paisagens excluídas são aquelas que configuram um lugar de exclusão social, tais como os grupos ciganos, moradores de rua, prostitutas e gigolôs, etc. Demarcando, dessa forma, uma marginalização de grupos sociais e suas respectivas marcas na paisagem (como por exemplo, as pichações).

Cosgrove (2004) trouxe uma abordagem ampliada da paisagem, ao tecer junto da discussão teórica o papel da cultura, do significado e do simbolismo da construção da paisagem. Para ele,

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas - a cidade, o parque e o jardim - e através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes. Mas pode ser lida nas paisagens rurais e mesmo nas mais aparentemente não-humanizadas paisagens do meio ambiente natural. Estas últimas são, freqüentemente, símbolos poderosos em si mesmas (COSGROVE, 2004, p. 108).

Não caberá aqui elencar todas as concepções do conceito de paisagem, visto que tal atividade exigiria um percurso extenso e por demais penoso. O intuito até agora foi de mostrar quão rica a discussão da paisagem pode ser e que o diálogo com outras ciências pode resultar em uma análise tão mais rica quanto mais aprofundada das dimensões objetivas e subjetivas humanas em relação a paisagem. Como disse Berque (2004, p. 87),

[...] todas as ciências humanas têm a ver com o estudo da paisagem do ponto de vista cultural. Se ela deve-se alimentar de sua contribuição (em diversos graus, segundo a especialização de cada um), a geografia cultural certamente, não tem a pretensão de fazer a síntese de todas essas abordagens (nem tampouco a de monopolizar o objeto "paisagem"). Como cada uma dessas ciências, ela coloca em perspectiva a contribuição das outras ciências a partir do seu próprio ponto de origem.

A partir das palavras do autor citado acima, podemos enfatizar que o maior desafio da presente pesquisa é conseguir construir um bom diálogo entre Geografia e Psicologia Ambiental. Principalmente, no que se refere a influência da paisagem urbana na construção de imagens e afetividades por habitantes de bairros de Fortaleza (CE) a partir das suas geografias dos olhares.

2.2 A paisagem enquanto direito

Na história da arte há um consenso de que o conceito de paisagem nasceu a partir dos princípios da pintura, onde ela era definida como tudo aquilo que se pode ver a partir de uma janela. Esse foi o fundamento principal para que os pintores da época criassem um parâmetro de recorte e delimitação para as suas obras. Precisava-se de um referencial que norteasse o olhar e o transformasse em algo que fosse apreensível e de fácil leitura. A criação da perspectiva seria a base para a superação de tais obstáculos, e o enquadramento a mais perfeita escolha para emoldurar uma determinada cena. "Autores confiáveis situam seu nascimento (o da paisagem) por volta de 1415. A paisagem (termo e noção) nos viria da Holanda, transitaria pela Itália, se instalaria definitivamente em nossos espíritos com a longa elaboração das leis da perspectiva" (CUAQUELIN, 2007, p. 35).

Geralmente a paisagem, e durante muito tempo foi assim, estava intimamente ligada ao equivalente de natureza. Por isso, que com o uso da perspectiva, do enquadramento (o olhar pela janela) e a ideia de moldura pôde-se referenciar, recortar e singularizar a imagem representada da infinitude do mundo natural. Instaurando um recorte espacial e temporal. Os profissionais da pintura produziram exaustivamente imagens que retratavam montanhas, lagos, vegetações, campos, quedas d'água e cenários quase mágicos, onde a natureza despontava entre as imagens mais desejadas e aceitas socialmente.

Dessa forma, não se pode negar, que "A paisagem é fruto de um longo e paciente aprendizado" (CAUQUELIN, 2007, p.8). Ou seja, o conceito do que seja a paisagem foi uma ideia inventada para facilitar o trabalho pictórico, segundo Anne Cauquelin (2007).

As concepções de Georg Simmel, um clássico com o livro *A Filosofia da Paisagem*, também versam sobre a paisagem enquanto natureza. A natureza é vista como uma unidade de um todo. "Um pedaço de natureza" é, na verdade, uma contradição em si; a natureza não tem pedaços; ela é a unidade de um todo, e se se lhe destaca um fragmento, este não será mais inteiramente natureza" (SIMMEL, 1996, p. 15). A natureza em Simmel é considerada como algo sem fronteiras, é a representação da grandeza em si. Para ele, a

paisagem é definida essencialmente a partir de uma delimitação de um alcance num raio visual, seja momentâneo ou durável, onde sua base material ou seus pedaços podem sempre se passar por natureza (embora não o seja). "Este me parece ser o ato do espírito pelo qual o homem vai modelar um grupo de fenômenos para integrá-lo à categoria de paisagem: será uma visão fechada e então percebida como unidade se bastando a ela mesma [...]" (SIMMEL, p. 16).

Para Simmel (1996), a paisagem possui uma extensão e movimento de base sentimental, apesar de ser considerada uma unidade se bastando a ela mesma, onde seus limites são vencidos e dissolvidos por este sentimento, o dito "sentimento de paisagem". A paisagem tem, então, o poder de cativar o espírito, que só assim poderá vê-la. Ou seja, para ver a paisagem é preciso ver algo que o cativa. Ela só é concebida quando se está cativado.

Tomando como base Simmel (1996), podemos inferir, então, que o olhar é uma maneira de decompor a natureza em unidades particulares, cujas individualidades são as chamadas paisagens. Segundo Simmel (1996, p. 17),

Mas para que se nasça a paisagem, é preciso inegavelmente que a pulsação da vida, na percepção e no sentimento, seja arrancada à homogeneidade da natureza e que o produto especial assim criado, depois de transferido para uma camada inteiramente nova, se abra ainda, por assim dizer, à vida universal e acolha o ilimitado nos seus limites em falhas.

O que o autor pretendeu dizer com isso é que: a paisagem, apesar de ser uma unidade particularizada, deve acolher o ilimitado da natureza, que é universal e homogêneo. Logo, a paisagem, de qualquer maneira, será sempre o Um de um Todo. Ela é variada e cheia de pontos de vista e formas. Para Simmel a paisagem é tida como obra de arte pictórica, cujo artista subtrai do fluxo caótico e infinito do mundo um pedaço delimitado. Sendo a cultura e a estética pictórica responsáveis por modelar a imagem do mundo das pessoas.

É nessa perspectiva mais ampla que se justifica a nossa interpretação da paisagem a partir dos fundamentos que modelam a nossa imagem do mundo. Sempre que vemos uma paisagem e não mais um agregado de objetos naturais, temos uma obra de arte *in statu nascendi*. E quando ouvimos profanos dizer diante da beleza, que gostariam de ser pintores para reter aquela imagem, não existe apenas o desejo de fixar uma reminiscência, o que se manifesta também provavelmente diante de outras impressões - acontece também que uma tal visão da forma artística se torna viva em nós, atua, e que, sem poder aceder a essa criatividade própria, vibra pelo menos no desejo desta, da sua antecipação anterior (SIMMEL, 1996, p. 20).

As considerações de Simmel dão espaço para a arte do cotidiano, para o sentimento e para o encanto. O ser humano é dotado da capacidade de ser atingido pela natureza. Tanto que Simmel denominou a *Stimmung* do Homem e a *Stimmung* da Paisagem como componentes do processo de interpretação da paisagem.

A *Stimmung* do Homem diz respeito a expressão que nasce a partir da criatividade humana. "Entenda-se por esta palavra a unidade que dá cor constantemente ou num dado momento à totalidade dos seus conteúdos psíquicos" (SIMMEL, 1996, p. 21). Ela é um estado psíquico e afetivo do espectador frente a paisagem. Enquanto que a *Stimmung* da Paisagem é junção de todos os detalhes da paisagem sem que se possa tornar um só deles responsável por ela. Tanto a *Stimmung* do Homem e a *Stimmung* da Paisagem só podem acontecer em concomitância e são interdependentes. Pois elas nascem a partir desse encontro, provindo de uma formação espiritual. "Ela só vive (a *Stimmung*) pela força unificante da alma, como uma mistura estreita entre o dado empírico e a nossa criatividade, mistura essa que não poderia traduzir nenhuma comparação mecânica" (SIMMEL, 1996, p. 23). A *Stimmung* de uma determinada paisagem é única e não pode ser transportada da mesma maneira para outra, cada paisagem tem a sua especificidade.

Seja o conceito de paisagem algo inventado e concretizado ao longo dos anos na cultura, ou a sua expressão espiritual, o fato é que ela desencadeia interpretações plurais onde quer que se vá. Quando categorizamos essa paisagem na perspectiva da cidade, que será o nosso foco na pesquisa, a chamamos de paisagem urbana.

Landim (2004) argumenta que a paisagem urbana vem sofrendo uma série de transformações, principalmente quando se fala da cidade contemporânea. Pois os grandes centros urbanos desempenham uma influência de representações de estruturas de poder muito forte sobre as cidades pequenas e médias, acarretando uma homogeneização da paisagem através de processos contínuos de implantação de formas e ícones espaciais e arquitetônicos. Cujo principal ator é o mercado imobiliário, que vai inferir uma paisagem dominante, como bem Cosgrove (2004) tão bem elucidou.

Para esse feito, a parceria entre o poder público e a iniciativa privada, reforçam esses padrões estéticos urbanísticos através da arquitetura, esta que quase sempre não dialoga com as reais necessidades de um determinado espaço e nem com os modos de uso e apropriação pelos moradores já existentes em um determinado bairro. Embora o aparato técnico desenvolvido pelas grandes construtoras sejam pomposos na cena urbana, é inegável não notar que é fato "a crise paisagística-ambiental" (LANDIM, 2004, p. 18).

Desde os tempos do Brasil Colônia, a classe dominante dita as regras na produção do espaço urbano. Antes da Independência, a normatização vinha de Portugal, como forma de controlar a vida na colônia e reforçar a dependência desta última em relação à metrópole. No século XIX, a modernização da cidade é feita por e para as elites, e se estende até os dias de hoje. A legislação sempre refletiu os interesses da classe dominante, sendo criada para ela e por ela, e direcionou a configuração urbana e, conseqüentemente, a formação da paisagem (LANDIM, 2004, p. 20).

A partir do exposto, fica nítido que a normatização das cidades sempre obedeceu a uma hierarquia social, política e econômica, que refletiu diretamente na formação cultural de inúmeros países. Contudo, não se pode desconsiderar que o fenômeno da industrialização da Europa e dos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, transformou os ritmos, formas e conteúdos de muitas cidades. O que fez com que o planejamento urbano fosse uma necessidade urgente frente aos desafios que as cidades impunham.

Reconhecer que toda configuração territorial tem como suporte um determinado ambiente, é considerar que tanto o urbanismo quanto a arquitetura desenvolvida devem seguir os parâmetros das condições ambientais e paisagísticas já presentes. Fato este que faria com que os valores estéticos elaborados, e representados fisicamente através das estruturas, respeitassem as especificidades próprias de cada local, acarretando uma qualidade ambiental e de vida mais saudáveis. Logo, as paisagens teriam suas particularidades mais realçadas e não corroborariam com as ditas paisagens homogêneas, que são importadas e exportadas freneticamente. A cidade seria mais respeitosa à natureza nela contida.

Ao definir a paisagem urbana, Landim (2004, p. 36) considera que ela é:

[...] a porção ou a face da estrutura urbana que se revela aos nossos sentidos. Ou seja, a estrutura urbana somente pode ser dada a conhecer por meio da sua paisagem, pois somente esse elemento pode ser percebido pelas nossas sensações espaciais.

Portanto, a forma e a organização das cidades reflete na sua paisagem, tendo esta a capacidade de informar como acontece a dinâmica urbana de um determinado local. "É como se a paisagem falasse, nos contando histórias, despertando afetividade e evocando nossas lembranças, pois a memória dos entes queridos contém espaços em que viveram" (KOHLSDORF, 1998, p. 28 apud LANDIM, 2004, p. 42).

Dessa maneira, a paisagem é o resultado de uma série de processos que modificam continuamente a cidade e os modos de apropriação sobre ela. Pensar em formas e estéticas urbanas que facilitem e convidem as pessoas a se apropriarem cada vez mais delas seria uma postura ética e política que estimularia as pessoas a serem a cidade também, de uma maneira mais ampla, saudável e participativa.

A paisagem sempre esteve presente na vida humana e foi concebida de diversas formas, desde: I) Natureza, II) Habitat, III) Artefato, IV) Sistema, V) Problema, VI) Riqueza, VII) Ideologia, VIII) História, IX) Lugar e X) Estética (MEINING, 2003). Ao passo que foi palco e personagem de uma gama de acontecimentos históricos. Negar à paisagem o seu caráter polissêmico é limitar consideravelmente a sua diversidade. Contudo, não chegar a uma definição consensual tem acarretado a permanência de vários gargalos. Um deles é a questão

jurídica, que é cheia de brechas quanto o que é a paisagem e como ela deve ser trabalhada na constituição brasileira.

Frente a grande discussão das problemática ambientais, a paisagem passou a ser debatida enquanto bem coletivo e comum. Porém, a sua diversidade conceitual torna difícil um acordo entre as várias partes da sociedade. Fazendo um resgate histórico, a Constituição de 1937, outorgada por Getúlio Vargas, é a primeira a versar sobre a paisagem na ordem jurídica brasileira.

De acordo com Custódio (2012, p. 319-320),

Concluiu-se, portanto, que a efetivação de uma política de proteção à paisagem só é possível quando se sabe o que proteger, logo há necessidade de um conceito jurídico de paisagem com uma perspectiva totalizante para que, possuindo abrangência nacional, já proteja inicialmente as paisagens locais, até a configuração de um conceito que reflita de fato as necessidades locais de proteção. A modificação da paisagem, assim resguardada, pode vir a surgir como fruto da aceitação da comunidade local, após apresentados os problemas gerados pelas mudanças pretendidas e propostas pelo Estado ou por grupos sociais e ainda indivíduos. Assim se cumpre a função do Estado Democrático de Direito, em que a modificação da paisagem não deve desfigurá-la, mas sim integrá-la.

A partir da citação acima, é interessante enfatizar que se a mudança da paisagem fosse algo conversado entre o poder público, privado e a comunidade, poderia haver uma relação mais respeitosa tanto na esfera do bairro quanto da cidade. A grande questão do não pertencimento a determinados lugares se passa, prioritariamente, no campo das subjetividades. Quando a paisagem não dialoga com o contexto ao qual está inserida, a relação de apropriação se torna difícil, e conseqüentemente, a cidade passa a não ser considerada enquanto algo do "eu" de cada pessoa. A não conservação e a destruição dos espaços públicos é apenas um exemplo dentre tantos outros.

Na Constituição de 1988, contudo, a paisagem aparece de maneira simplista e limitada. No artigo 23, inciso III, encontramos uma menção que versa assim:

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: [...]III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos (BRASIL, 2016).

Tal acontecimento frente à paisagem, realça ainda mais que ela é algo pouco valorizado quando se fala de poder público, pois a grande maioria das paisagens que são construídas, destruídas e/ou homogeneizadas levam em consideração às expectativas do setor privado da economia, sendo o público algo ainda submisso à ele.

De acordo com arquiteto Cristovão Duarte⁴, o direito à paisagem envolve a participação das pessoas que vivem na cidade, onde elas devem ter acesso ao que a urbanização pode proporcionar de bom. Ou seja, a paisagem "é um componente holístico que envolve muitos elementos da vida cotidiana das cidades desde a arborização, passando pelos parques públicos e pela drenagem das águas pluviais, a mobilidade", segundo ele.

O direito à paisagem perpassa o diálogo, a clareza das propostas e a participação da comunidade e dos órgãos públicos e privados envolvidos em alguma proposta de alteração do meio urbano. Direito à cidade pode ser sinônimo de direito à paisagem, pois ambos são interdependentes e se transformam concomitantemente.

Tal afirmativa faz ponte de pensamento com o que Harvey⁵ (2013, p. 1) expôs:

Saber que tipo de cidade queremos é uma questão que não pode ser dissociada de saber que tipo de vínculos sociais, relacionamentos com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos nós desejamos. O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo, e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmos, é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados.

Permitir que o cidadão participe de ambientes que proporcionem bem-estar, fácil mobilidade, interação com outras pessoas e lazer são condições basilares para uma boa vida na cidade. A grande questão que se impõe a esse pensamento é que qualidade, cada vez mais, tem se tornado sinônimo de dinheiro. Pagar para ter acesso reverte toda a ideologia de cidade enquanto coletividade, enquanto público e compartilhado.

A deterioração e abandono do espaço público reforça muito bem os interesses do capital de privatizar o acesso ao que deve ser permitido e usufruído por uma coletividade. O ideal seria que o espaço público fosse cuidado e tomado como bem comum, e que ele tivesse o mesmo grau de interesse ou mais das políticas públicas urbanas como tem os "espaços públicos" criados pelas grandes imobiliárias em frente aos seus prédios residenciais.

Deste modo, falar de paisagem é também falar sobre o modo de vida das pessoas, como elas interagem com o meio, como a constrói, destrói e reconstrói. Paisagens são ambientes e os ambientes são paisagens, e concomitante a eles habitam, se relacionam e

4 Professor e coordenador do mestrado profissional em arquitetura paisagística do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da UFRJ. Entrevista concedida ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro (CAU-RJ), em 29 de agosto de 2017. Disponível em: <http://www.caurj.gov.br/entrevista-cristovao-duarte/>. Acesso em 10 out. 2017.

5 Entrevista - O direito à cidade, por David Harvey. Disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/o-direito-%C3%A0-cidade-por-david-harvey/30344>>. Acesso em 21 ago. 2018.

vivem pessoas. Como disse Dardel (2015, p. 30), "A paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre".

3 A IMAGEM COMO NARRATIVA E MEMÓRIA

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

— Me ajuda a olhar!

(Eduardo Galeano, em *O Livro dos Abraços*, 9ª ed., Porto Alegre: L&PM, 2002)

A Literatura é um bom exemplo para começar a falar sobre o poder da imagem em nossas vidas e como elas são carregadas de memórias. Impossível não lembrar dos antigos álbuns de família, do momento do encontro para conversar sobre o que foi, para lembrar de detalhes que estão subtendidos dentro de determinadas imagens. A partir de uma fotografia, ao começar a narrar sobre o momento ali registrado, outros elementos são ressuscitados, os quais para um leigo observador passariam despercebidos ou se não ditos jamais iria saber deles. Uma imagem pode evocar lembranças de um cheiro, da tonalidade de uma voz, de um sabor e quem sabe até de um jeito delicado e bonito de se abraçar de alguém. Algumas fotografias podem falar de saudade, e são essas as mais nostálgicas de todas. "Todas as fotos são *memento mori*⁶. Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa)." (SONTAG, 2004, p. 26).

Nos dias atuais, o caráter de veracidade que as imagens desempenham é muito forte. Mais do que nunca o mundo tem se utilizado das imagens para atrair pessoas a lugares, ao consumo e a tornar pública a vida privada. "Uma foto é tanto uma pseudopresença quanto uma prova de ausência" (SONTAG, 2004, p. 26).

Sontag (2004) é enfática quando analisa a sociedade do consumo em relação ao uso excessivo da imagem:

A necessidade de confirmar a realidade e de realçar a experiência por meio de fotos é um consumismo estético em que todos, hoje, estão viciados. As sociedades industriais transformam seus cidadãos em dependentes de imagens; é a mais irresistível forma de poluição mental. Um pungente anseio de beleza, de um propósito para sondar abaixo da superfície, de uma redenção e celebração do corpo humano - todos esses elementos do sentimento erótico são afirmados no prazer que

⁶ Expressão latina que significa algo como: "Lembre-se de que você é mortal", "Lembre-se de que você vai morrer" ou "Lembre-se da morte".

temos com as fotos. Mas outros sentimentos, menos liberadores, também se expressam. Não seria errado falar de pessoas que têm uma compulsão de fotografar: transformar a experiência em si num modo de ver. Por fim, ter uma experiência se torna idêntico a tirar dela uma foto, e participar de um evento público tende, cada vez mais, a equivaler a olhar para ele, em forma fotografada. Mallarmé, o mais lógico dos estetas do século XIX, disse que tudo no mundo existe para terminar num livro. Hoje, tudo existe para terminar numa foto (SONTAG, 2005, p. 34-35).

Tais considerações da autora ainda continuam bastante pertinentes e só confirmam a forte influência que a fotografia tem desencadeado na vida. Sontag (2004) fala que a humanidade está inserida no que ela designa de mundo-imagem. Ou seja, um mundo movido a partir de imagens que solicitam incansavelmente a atenção das pessoas, que é portão de entrada para a educação contínua do olhar, estabelecendo o que deve ou não ser visto. Além de constituir uma ética do ver através de códigos visuais que são inseridos constantemente na leitura de mundo de cada pessoa. Sontag (2004), tomando os escritos benjaminianos como base, reitera que a fotografia criou o estatuto do belo e que esse caráter elegante e bonito a transformou em objeto de prazer aos olhos de quem vê, em uma busca imagetivamente incansável.

Benjamin denunciou o estatuto do belo empregado pela imagem fotográfica, que para ele deveria ser acompanhada de uma legenda que poderia "resgatá-la dos estragos do modismo e conferir a ela um valor de uso revolucionário" (BENJAMIN, 1934 apud SONTAG, 2004, p. 123). Benjamin conclamava os escritores a começar a tirar fotos, para mostrar o caminho onde esse caráter exacerbado do belo desse lugar a uma reflexão mais profunda do que a imagem contava.

De acordo com Manguel (2001), as imagens têm o poder de informar, tal como as histórias, e podem ser lidas.

Quando lemos imagens - de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas -, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável (MANGUEL, 2001, p. 27).

Manguel (2001) quer dizer com isso que toda fotografia conta de um tempo e de um espaço, cuja narrativa pode tornar a leitura desta imagem infinita e, por isso, inesgotável de histórias sobre ela. A narrativa de cada indivíduo é atravessada por influências de narrativas de outras pessoas, ou seja, toda narrativa individual carrega em si elementos de narrativas coletivas. "Nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa" (MANGUEL, 2001, p. 28).

Manguel (2001) diz que a nossa existência se assemelha a um rolo de imagens que são nutridas pelos nossos sentidos, onde elas configuram uma linguagem passível de ser traduzida em palavras e de palavras em imagens. Ele elucida que:

As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos (MANGUEL, p. 21)

As imagens e as palavras são a nossa matéria, como disse o autor anteriormente. Formam-se narrativas na coesão delas duas, e todo sujeito possui as suas imagens e palavras traduzidas em narrativas. E é justamente nessa capacidade de armazenar fatos que extrapolam a própria imagem e a palavra que a memória se apresenta como fio condutor para o acesso a acontecimentos distantes ou mesmo próximos.

Como apontado por Gonçalves Filho (1988, p. 99),

A memória oferece o passado através de um modo de ver o passado: exercício de congenialidade, onde há, pois, investimentos do sujeito recordador e da coisa recordada, de maneira que ao termo e ao cabo do trabalho de recordação já não podemos mais dissociá-los: então fará tanto sentido entender o sujeito a partir do que recordou quanto o que recordou a partir do modo como o fez. A recordação traz a marca dos padrões e valores mais ou menos ideológicos do sujeito, a marca de seus sentimentos, a colorir eticamente e afetivamente a lembrança, traz a marca de sua inteligência, a encontrar razões do passado - e a recordação traz, ao mesmo tempo, as determinações do passado na urdidura daqueles padrões, daqueles valores, daqueles sentimentos, daquela inteligência.

Portanto, o processo da memória está vinculado tanto ao sujeito que lembra quanto a coisa recordada (um fato, um objeto, uma pessoa, um lugar), ou seja, estão imbricados mutuamente no retorno do que foi a partir do que se é. Se confrontar com uma imagem pode gerar esse retorno através da memória.

Barthes (1984) classifica dois elementos presentes em toda fotografia, o *studium* e o *punctum*; aquele fala sobre o interesse primeiro pelas fotos e o seu contexto histórico, leitura imagética que passa pela influência do filtro cultural de cada indivíduo; este diz sobre o ser atingido, arranhado, tocado, levado a um choque ou ser ferido pela fotografia, é o que entra no campo das emoções, o subjetivo, ele não acolhe uma postura de moral ou bom gosto, ele pode ser bem ou mal educado.

É nesse *punctum*, como aponta Barthes (1984), que as maiores recordações acontecem. Afinal, é nele que se encontra o lado mais sensível da emoção rememorada. Lembrar é uma forma de sentir "de novo" alguma emoção que se projeta no fato lembrado.

Portanto, toda fotografia conta uma história que pode nos atingir ou não, pois como Barthes (1984, p. 62) falou: "No fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa". Nessa linha de

raciocínio, pode-se confirmar que o caráter reflexivo da foto é importante para que o indivíduo a pense e a sinta, deixando-a habitar na consciência afetiva de que Barthes (1984) tanto falava, o dito *punctum*.

3.1 O olhar como ato de apreensão, análise e recorte da realidade

Para a filósofa Márcia Tiburi (2018), o olhar é muito mais que ver. Ver é a capacidade que os olhos possuem. Ver é imediato, sem interesse, passageiro. Olhar é lento, analítico, traz sentimentos, atenção e contemplação. Para a autora, “aprender a pensar é descobrir o olhar”⁷.

O mundo atual tem requerido que se olhe pouco e se veja cada vez mais. O ver é fluido, efêmero e rápido. Disposição esta que se enquadra perfeitamente bem no ritmo acelerado da vida contemporânea. Principalmente, nas grandes cidades, onde os estímulos entorpecem os olhos, e que de tão cansados, podem não perceber muitos fatos e detalhes. Ver e olhar não estão dissociados, eles trabalham juntos, porém numa progressão de um, em primeiro momento, para o outro, numa observação mais atenta da realidade.

Conforme apontado por Chauí (1988, p. 35-36),

Quem olha, olha de algum lugar. *Skópos* se diz daquele que observa do alto e de longe, vigilante, protetor, informante e mensageiro. Pratica o *skopeuô* (observar de longe e do alto, espiar, vigiar, espionar) alojando-se no *skopé*, o observatório (como o cientista soberano e também o policial, no *panopticon* de Bentham). Por isso, sua prática não é apenas vigiar e espiar, mas significa, ainda, refletir, ponderar, considerar e julgar, tornando-se *skopeutês*: aquele que observa, vigia, protege, reflete e julga, situando-se no alto. Onde, altura e eminência desse olhar que se diz *skopiá*. Dessa raiz indo-européia - *spek* -, em latim, se dirá *specio* (ver, olhar, observar, perceber), *specto* (ver, olhar, examinar, ver com reflexão, provar, ajuizar, esperar, acautelar-se). Olhar reflexivo e sábio que vê a *species* (forma das coisas exteriores, figura, aparência, forma e figura formadas pelo intelecto, esplendor, formosura, semelhança, correspondendo ao grego *eidós*, a idéia). Eis por que, falando latim, a filosofia expunha a idéia com os nomes de espécie sensível - dada aos olhos do corpo - e espécie inteligível - dada ao olho do espírito. Idéia e espécie: uma só e mesma palavra usada para o corpo e a alma por que são capazes de ver e, portanto, de saber.

Com Chauí (1988) fica esclarecido como o processo que envolve o olhar é transpassado com um gradação de atos, observações, reflexões, vistas e percepções. O olhar abarca múltiplas atividades que não cabem apenas ao corpo, mas ao espírito também. A autora acrescenta que "O olhar ensina um pensar generoso que, entrando em si, sai de si pelo pensamento de outrem que o apanha e o prossegue. O olhar, identidade do sair e do entrar em si, é a definição mesma do espírito" (CHAUÍ, 1988, p. 61).

⁷ Disponível em: http://obviousmag.org/asas_e_segredos/2017/a-diferenca-entre-ver-e-olhar.html. Acesso em 23 ago. 2018.

Assim, o olhar é uma maneira de decompor o mundo e logo depois integrá-lo. É esmiuçar para construir, é entender a lógica das partes para compreender o todo. É seccionar para integrar, conectar. "O ato de olhar significa um dirigir a mente para um "ato de intencionalidade", um ato de significação que, para Husserl, define a essência dos atos humanos" (BOSI, 1988, p. 65).

Contudo, olhar não se limita somente aos olhos, mas interage com um conjunto de percepções. Neste sentido, Bosi (1988) ressalta que não se pode afirmar que olhar é sinônimo de conhecimento por completo. Pois o ser humano é capacitado de sentidos além da visão para poder olhar, tais como ouvido, tato, paladar e olfato, que constantemente enviam informações para o sistema nervoso analisar e traduzir.

O vínculo da percepção visual com os estímulos captados pelos outros sentidos é um dos temas fundantes de uma fenomenologia do corpo. O olhar não está isolado, o olhar está enraizado na corporeidade, enquanto sensibilidade e enquanto motricidade (BOSI, 1988, p. 66).

Como afirma o autor acima, olhar é utilizar a corporeidade como mecanismo de conhecimento, tanto como sensibilidade quanto como movimento. O corpo, de maneira ampla, é um campo de possibilidades na interpretação do mundo. A não abstenção dos sentidos no processo de conhecimento é decisivo na construção de saberes. "Sempre que a teoria do conhecimento se distancia do pensar e do fazer artístico [...] o entendimento da percepção vai ficando espinhoso, dilemático. [...] Ou os sentidos ou a razão passam a ser os responsáveis pelo "verdadeiro" saber (BOSI, 1988, p. 74).

O ser humano que conhece sentindo seria a grande riqueza na construção do conhecimento. Porém, a visão racionalista e cartesiana da realidade limita, padroniza, empobrece e esvai muito do encanto das sensibilidades no processo de constituição dos saberes. Como disse Berger (1999, p. 10), "Olhar é um ato de escolha. Como resultado dessa escolha, aquilo que vemos é trazido para o âmbito no nosso alcance - ainda que não necessariamente ao alcance da mão. Tocar alguma coisa é situar-se em relação à ela". Neste sentido, o olhar atento e minucioso consegue estabelecer relações e, dessa forma, tecer um entendimento mais profundo da realidade. Logo, o caráter subjetivo do olhar não pode ser negado. Pois, "A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos" (BERGER, 1999, p. 10). Nossas crenças e histórias de vida delineiam bastante o nosso modo de enxergar a vida.

Berger (1999) é enfático quando afirma que quando vemos uma paisagem, é a partir dela que nos situamos. Portanto, ao olhá-la, a concebemos como basilar tanto no sentido de nos orientarmos como no sentido subjetivo que ela desencadeia em nós. E essa mesma

paisagem é possuidora de uma infinidade de imagens que são filtradas a partir da cultura de cada indivíduo, das suas influências espaciais e temporais.

Embora as imagens tenham origens distintas, seja da realidade, da imaginação ou da mistura dessas duas, ela sempre irá desencadear estímulos nas pessoas. As imagens não estão restritas à visão, mas estão embebidas de influências sensoriais do olfato, paladar, audição e tato. Perpassar por vários canais de apreensão humana é uma das capacidades que as imagens possuem por natureza.

Uma imagem é uma cena que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição e a preservou - por alguns momentos ou séculos. Toda imagem incorpora uma forma de ver. Mesmo uma fotografia. Porque as fotografias não são, como se presume freqüentemente, um registro mecânico. Cada vez que olhamos uma fotografia estamos cientes, por mais superficialmente que seja, do fotógrafo selecionando aquela cena entre uma infinidade de outras possíveis. Isso é verdadeiro mesmo em se tratando do instantâneo familiar mais informal. O modo de ver do fotógrafo é reconstituído pelas marcas que ele faz na tela ou no papel. Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também de nosso próprio modo de ver. (Pode ser, por exemplo, que Sheila seja uma figura entre vinte; mas por razões que nos são próprias, é ela que cativa nosso olhar) (BERGER, 1999, p. 11-12).

Conforme apontou Berger (1999) toda imagem diz sobre um modo de ver. E ver a imagem é submeter-se a sua leitura, onde dentro dessa leitura será solicitado algum pensamento ou opinião. Dentro de um modo de ver existirão outros modos de ver. Este fenômeno acontece em sucessões constantes e a cada interpretação algo novo surge.

Por isso, ler imagens é estar susceptível a inúmeras representações delas: uma pintura, uma fotografia, um desenho, uma cena teatral, um filme, uma paisagem, uma cidade, um monumento, uma ruína, um vendedor ambulante, um som distante, uma música preferida, um texto, um livro, um poema, até uma receita de bolo. As imagens estão impregnadas no nosso cotidiano, ela se transverte de múltiplos modos. Onde cada pessoa construirá a sua percepção sobre determinada experiência e a transformará, respectivamente, em alguma imagem.

Cada indivíduo, a partir das suas especificidades, cria a sua imagem de mundo. Estando essa embebida de imagens universais que circulam continuamente ao seu redor através do espaço geográfico que ele habita. Um idoso tem uma perspectiva do espaço que vive diferente de um adolescente, que tem uma perspectiva diferente de uma gestante, um cadeirante, um cego ou uma pessoa surda.

Neste sentido, Lynch (1997, p. 7) enfatiza que,

As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador - com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos - seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. A imagem assim desenvolvida limita e

ênfatisa o que é visto, enquanto a imagem em si é testada, num processo constante de interação, contra a informação perceptiva filtrada. Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes.

É necessário salientar que as imagens ambientais comentadas por Lynch (1997) não são imagens fotográficas, mas imagens mentais (em formato de desenhos) que ele coletou em suas pesquisas sobre a relação das pessoas com o ambiente urbano. Contudo, tal colocação pode ser considerada quando pensamos o desenho também como um tipo de imagem que pode falar de um determinado ambiente e da sua relação com a pessoa que o observa. Na cidade, por exemplo, podemos elencar um determinado local para análise perceptiva, cada pessoa que a fizer, dará a sua leitura, e é de se esperar que a opinião dessa pessoa varie das demais, ou que possa até encontrar semelhanças.

Portanto, as imagens ambientais variam de acordo, como o próprio nome diz, com os ambientes onde o indivíduo esteja em contato. Tanto as singularidades corporais de cada um quanto as singularidades dos ambientes faz com que as impressões de mundo sejam distintas. "O observador deve ter um papel ativo na percepção do mundo e uma participação criativa no desenvolvimento de sua imagem. Dever ser capaz de transformar essa imagem de modo a ajustá-la a necessidades variáveis" (LYNCH, 1997, p. 6).

Existe, de fato, um relação próxima entre a imagem que se imagina e aquela que se quer representar. Como apontado por Koller (2002) o uso da fotografia, principalmente no campo da Psicologia, se dá a partir da atribuição de significado à imagem.

Reiteramos aqui que o ato de observar é construído pela interação de todos os sentidos do corpo, e não só dos olhos. Um exemplo prático e importante de ser dito é o caso do fotógrafo esloveno Evgen Bavcar, conhecido no mundo todo por seus trabalhos com fotografia, ele demonstra que o mundo não pode ser apreendido apenas pelas pessoas videntes⁸, mas também por aquelas que não enxergam com os olhos. Em uma entrevista⁹ ele disse: "O teu horizonte é até onde você pode ver. Se você vê com as mãos, logo o teu horizonte é até onde você pode tocar".

Bavcar realiza o seu processo fotográfico tomando outras percepções de mundo que não a dos olhos, ele se orienta pelo tato, som e vento, assim como fotografa bastante em ambientes fechados e sem luz. O seu principal traço artístico são as composições da luz em contraste com ambientes totalmente escuros. Poliglota e doutor em História, Filosofia e Estética pela Universidade de Sorbonne (França), Evgen Bavcar vive em Paris e viaja por

8 Aquele que vê, que tem visão, o oposto do cego.

9 Entrevista disponível em: <https://www.deficienteiciente.com.br/evgen-bavcar-o-fotografo-cego.html>. Acesso em 01 fev. 2019.

vários lugares do mundo mostrando que a imagem não precisa ser exclusivamente construída pela percepção visual em si, mas pode agregar outros sentidos.

Figura 1 – Fotografia de Evgen Bavcar



Figura 2 – Fotografia de Evgen Bavcar



Fonte: <https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=22729>

É difícil falar de imagem, principalmente de fotografia, sem que se leve em conta o olhar com os olhos. Será possível um olhar que leve em consideração outros mecanismos perceptivos humanos? Sim, Bavcar prova que é possível olhar de outras maneiras, e que elas devem ser valorizadas e mais estimuladas. A supremacia da visão inibe que outros modos de ver sejam valorizados e encorajados.

Sontag (2004, p. 13) esclarece que,

Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça - como uma antologia de imagens.

A autora ressalta que a ética do ver, ao qual estamos continuamente sendo ensinados, ao mesmo tempo que amplia o nosso olhar também nos inibe e limita ao padronizar o nosso modo de ver. A insaciabilidade pelo imagético, reforçada pela sociedade do consumo, tem nos feito muito mais reféns das imagens do que pensamos ser.

É preciso valorizar, estimular e fazer crer que o olhar é uma atividade riquíssima no mundo em que vivemos. Acostumados a ver em demasia, nos esquecemos de olhar. Olhar enquanto percebido, entendido, analisado e refletido. Buscar a importância da corporeidade que Bosi (1988, p. 66) falou: "O olhar não está isolado, o olhar está enraizado na corporeidade, enquanto sensibilidade e enquanto motricidade" - seria uma pertinente atitude a se praticar na realidade em que vivemos. Pois, outras maneiras de perceber seriam eleitas e estimadas.

3.2 A construção da geografia do olhar

Se o olhar permite essa leitura de mundo a partir das imagens que o configuram, é possível que se construa um apanhado de informações sobre os lugares e as suas respectivas características. Ao andar por uma rua, um bairro ou uma cidade, é necessário que vários mecanismos de percepção do entorno sejam ativados para que a espacialidade seja compreendida e permita o movimento do sujeito na configuração espacial do local onde ele está localizado.

Lynch (1997, p. 4) elucidou bem esse fato quando afirmou que,

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador. Essa imagem é produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e orientar a ação. A necessidade de reconhecer e padronizar nosso ambiente é tão crucial e tem raízes tão profundamente arraigadas no passado, que essa imagem é de enorme importância prática e emocional para o indivíduo.

Uma imagem compreensível do ambiente permite uma locomoção mais fácil e rápida, e o olhar se faz fundamental para o entendimento do espaço que se queira desbravar. Seja ele em suas micro ou macro escalas.

Gomes (2013, p. 54-55) complementa esse pensamento na medida em que considera que:

Há uma ação geográfica nesse nosso olhar. Uma imediata classificação das coisas pela posição que ocupam. Produzimos imediatas cartografias dos lugares e de seus conteúdos, selecionamos o que deve ser figurado, o que deve ser examinado, estabelecemos pontos de vista e até a escala dessa análise.

Portanto, ao se classificar o mundo externo para que se possa o apreender de forma significativa, regimes de visibilidades são construídos por cada indivíduo a partir da singularidade e dos critérios do seu olhar. Construindo, assim, cartografias do olhar ou as chamadas geografias dos olhares (GOMES, 2013). Sendo que esses regimes de visibilidades conversam diretamente com as afetações que nos acontece na nossa interação o espaço geográfico. Elegemos determinados lugares a partir do que sentimos neles, seja para aproximar ou afastar.

A geografia do olhar, como proposta pelo geógrafo Gomes (2013), dessa maneira, se configura enquanto processo de composição, que entrelaça em si experiências temporais diversas, sensações, humores, sentimentos e emoções. A geografia do olhar é constantemente nutrida da subjetividade individual e da objetividade das coisas que se apresentam na realidade. Os espaços exercem forças de atração e repulsão, apego e desapego, alegrias e

tristezas, e ao mesmo tempo uma mistura de tudo isso concomitantemente. As cartografias ou geografias do olhar de que o autor fala são, portanto, construções individuais que partem do contato e experiência com os lugares, possibilitando assim que sejam construídas percepções, sentimentos e emoções a partir do encontro com a realidade.

Tuan (2012, p. 338) é certo quando afirma que "Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo, a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira fútil." Logo, é salutar se fazer o destaque que essa visão de mundo está dialogando com distintas facetas das histórias e contextos de cada indivíduo. A visão de mundo abarca além da história do presente de cada um, ela transcende a existência e remonta aos ancestrais familiares. Nunca se é apenas o esse de agora, se é o muito dos que foram e dos que são, e nesse encontro de seres e sentires, é que o que está aqui se compõe. Somos sobreposições de camadas de tempos, espaços e sentimentos.

Para que as nossas geografias cotidianas sejam construídas, elaboradas e compreendidas, acessamos o mecanismo da memória como ponto de sustentação e localização dentro dos espaços que caminhamos, conhecemos e vivemos. Walter Benjamin considera que as imagens de pensamento (*Denkbild*) são percepções, relatos e experiências que construímos no contato com a cidade. Ou seja, são fundamentais para que a pessoa se oriente ou se perca dentro do ambiente urbano. Benjamin (2017, p. 101), em seu pequeno texto *Escavar e Recordar*, considera que,

"[...] a memória [*Gedächtnis*] não é um instrumento, mas um meio, para a exploração do passado. É o meio através do qual chegamos ao vivido [*das Erlebte*]... Assim, o trabalho da verdadeira recordação [*Erinnerung*] deve ser menos o de um relatório, e mais o da indicação exata do lugar onde o investigador se apoderou dessas recordações. Por isso, a verdadeira recordação é rigorosamente épica e rapsódica, deve dar ao mesmo tempo uma imagem daquele que se recorda, do mesmo modo que um bom relatório arqueológico não tem apenas de mencionar os estratos em que foram encontrados os achados, mas sobretudo os outros, aqueles pelos quais o trabalho teve de passar antes. (Grifo do autor)

A memória expressa por Benjamin (2017) deve ser, desse modo, o meio pelo qual o ser toma conhecimento e se recorda. Logo, ela está em contínua construção e se metamorfoseia. Sendo assim, a memória é o fio condutor da montagem das imagens de pensamento que gradualmente estamos fazendo do mundo em que interagimos e vivemos.

Neste sentido, as imagens de pensamento podem ser contadas. Como disse Sontag (2004, p. 34), "Só o que narra pode levar-nos a compreender". E a compreensão atravessada por imagens e narrativas é um caminho possível e rico a se trilhar. Onde há o limite da imagem a palavra pode continuar, tal como onde há o limite da palavra a imagem pode

continuar. Imagem e palavra caminham juntas e se expressam de variadas formas. Seria a dita "frase-imagem" de que Jacques Rancière (2012, p. 56) fala?

A potência da frase-imagem pode se expressar em frases de romance, mas também em formas de encenação teatral ou de montagem cinematográfica, ou na relação do dito e do não dito de uma fotografia. A frase não é o dizível, a imagem não é o visível. Por frase-imagem entendo a união de duas funções a serem definidas esteticamente, isto é, pela maneira como elas desfazem a relação representativa do texto com a imagem. No esquema representativo, a parte que cabia ao texto era o encadeamento ideal das ações, a parte da imagem, a de um suplemento de presença que lhe conferia carne e consistência. A frase-imagem subverte essa lógica. A função-frase ainda é a de encadeamento. Mas, a partir daí, a frase encadeia somente enquanto ela é aquilo que dá carne. E essa carne ou essa consistência, de modo paradoxal, é a da grande passividade das coisas sem razão. A imagem tornou-se a potência ativa e disruptiva do salto, da transformação de regime entre duas ordens sensoriais. A frase-imagem é a união dessas duas funções.

Rancière (2012) argumenta que a frase-imagem não se limita apenas a palavras e a imagens em si, mas possibilita o movimento, o silêncio, o vazio. É a medida contraditória, aquela que ultrapassa o campo do já reconhecido e adentra em caminhos novos de interpretação. Como disse o autor, a frase-imagem remonta ao encadeamento de ideias e ações, mas também ao que dá corpo ao que seria desconsiderado em primeiro momento. Pensamos ser então, na ordem da narrativa, aquilo que aparece sutilmente nas entrelinhas e ao mesmo tempo aquilo que sobressalta. Um gesto, um calar, um movimento. Tudo pode ser lido e interpretado, e tudo incorpora novas significações. Vemos essa frase-imagem como a integração das coisas que surgem em primeiro plano, com aquelas que aparecem em segundo, terceiro ou quarto plano. Uma verdadeira sobreposição de camadas significantes e simbólicas.

Rancière (2012) faz muito essa abordagem tomando como base a discussão fílmica. Contudo, é possível pensá-la no campo da narrativa enquanto imagens e textos que se entremeiam num movimento constante. Então, porque não fazer essa conexão com as geografias dos olhares? Já que imagens de pensamento, frase-imagem, percepções e experiências estão misturadas dentro da realidade de cada indivíduo.

A grande riqueza das geografias dos olhares está justamente nessa variedade de considerações sobre o que nos atinge, nos move e nos faz pensar.

Na escala da cidade, Lynch (1997, p. 105) comenta que:

Em sua condição de mundo artificial, é assim que a cidade deveria ser: edificada com arte. É um nosso hábito antigo nos adaptarmos ao nosso ambiente, discriminando e organizando perceptivamente o que quer que se apresente aos nossos sentidos. A sobrevivência e o domínio baseavam-se nessa adaptabilidade sensorial, mas hoje já podemos passar para uma nova fase dessa interação. No ambiente em que vivemos, podemos começar por adaptar o próprio espaço ao padrão perceptivo e ao processo simbólico do ser humano.

Acreditamos que o tratar a cidade com arte, como Lynch (1997) falou, seria considerar esses modos de percepções, experiências e olhares aprofundados sobre a existência

humana no meio urbano ou em outros espaços também. As narrativas enquanto campo de conhecimento são possibilidades extras que se apresentam dentro do vivido do cotidiano, tal como Benjamin (2017) pontuou.

Gomes (2013, p. 230-231), contribui neste sentido, quando esclarece sobre a importância da observação na construção desse olhar de que falamos anteriormente.

Há uma ruptura fundamental nas formas de observação de um quadro, de um filme, de uma paisagem e a observação da vida social nos espaços públicos. O olhar não se fixa, a narrativa não está previamente construída, não há um ponto de observação que nos separe inteiramente do espetáculo, o olhar do observador é parte dele. Três são, portanto, as diferenças fundadoras da observação urbana: um olhar que se desloca, vagueia e escolhe; um olhar que é reflexivo, que é parte daquilo que observa; uma narrativa que não está fechada, organizada para um tipo de olhar, orientada para uma posição.

O autor acima se refere a observação como constituinte fundamental do que ele chama de: "o olho de rua". A experiência urbana faz resultar no olho de rua, e gera um tipo de personagem como o flâneur benjaminiano. Aquele que torna visível novos regimes de visibilidade que passariam despercebidos. A experiência de investigação dentro da cidade é um campo fértil, onde as geografias dos olhares passeiam como um rio de ventos que se desdobram pelos espaços e lugares.

4 O LUGAR ENQUANTO MEDIAÇÃO

A história do homem é caracterizada pela sucessão de vários acontecimentos. O que diferenciou o homem do paleolítico, do neolítico, do homem da idade dos metais para o homem de hoje foi a criação de técnicas, a ampliação das suas capacidades cognitivas e o posterior desenvolvimento da comunicação.

Do nomadismo para o sedentarismo houve uma grande mudança na forma como o homem explorava o espaço. Ao se fixar à terra, ele abriu margem para a alteração dos seus modos de vida e a sua maneira de ser e agir no mundo. Com o desenvolvimento de ferramentas, a descoberta do fogo e a fundição de metais, o homem passou a dispor de um aparato que o possibilitou explorar os recursos naturais de forma mais ampla e a criar meios para uma sobrevivência menos primitiva.

A criação da casa, das plantações e a referência dos lugares de caça e pesca foram atividades que instituíram o traçado humano na terra de forma mais significativa. Ele passou a criar espaços e a delinear sua organização sobre o solo. Com isso, houve a criação não apenas de espaços, mas de lugares.

Na ciência geográfica o conceito espaço e lugar tem uma importância muito grande. Conforme Tuan (2012, p. 6),

Espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor... As idéias de 'espaço' e 'lugar' não podem ser definidas uma sem a outra... se pensarmos no espaço como algo que permite o movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

A partir do exposto pelo autor, pode-se compreender que com a criação de lugares é possível estabelecer vínculos mais próximos de identificação com o meio. É o que Tuan (2012) chama de topofilia, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Denominado de amor humano pelo lugar, uma espécie de sentimento que liga o homem às raízes mais profundas de um ambiente. "O lugar, em seus vários espaços e sentidos, é uma idéia-chave para enfrentar os desafios cotidianos. É no lugar que os problemas nos atingem de forma mais dolorida, e é também nele que podemos melhor nos fortalecer" (MANDAROLA JR, 2012, p. XVII).

Dessa forma, pode-se dizer que os lugares são estimados e cada pessoa consegue tecer considerações sobre eles, avaliando suas potencialidades e fraquezas. O lugar como mediação contém aspectos da cultura e da história que afetam diretamente o indivíduo no que se refere à qualidade do encontro que este terá com o lugar. O sentido do lugar será gerado de

acordo como o lugar mediou a história e o afeto do sujeito - a experiência que este teve com o lugar. Ou seja, como o lugar foi sentido é como a mediação estruturou o sentido de lugar para o sujeito.

4.1 O conceito de mediação em Vigotski

A expansão das capacidades humanas perpassa por quatro entradas de desenvolvimento, as quais Vigotski denominou de planos genéticos do desenvolvimento, por caracterizarem o funcionamento psicológico do ser humano. São eles: 1) Filogênese (diz respeito a história da espécie humana), 2) Ontogênese (fala sobre o indivíduo da espécie), 3) Sociogênese (é a história cultural do sujeito) e 4) Microgênese (são os aspectos microscópicos do desenvolvimento, a singularidade de cada pessoa).

Vigotski descreve os processos psicológicos enquanto funções psicológicas. Para o autor, estas são classificáveis em funções psicológicas elementares e funções psicológicas superiores. Tratamos das funções psicológicas elementares quando dizemos dos processos psicológicos involuntários que carregamos como herança biológica e que se manifestam em nós enquanto indivíduos humanos.

Se falamos então de funções psicológicas elementares, tocamos nos planos da filogênese e da ontogênese. É a dimensão da ação humana que consegue realizar-se a partir do nosso aparato biológico e independente do contato com a cultura e do conseqüente processo de socialização.

Já as funções psicológicas superiores são aquelas que se valem de processos voluntários, conscientes, diferindo assim substancialmente das funções psicológicas elementares. Como a denominação "superior" sugere, trata-se de uma função psicológica que emerge mais tardiamente do que as funções elementares e apresentam maior grau de complexidade.

Enquanto as funções elementares estão relacionadas aos planos filogenético e ontogenético, as funções superiores surgem a partir do plano sociogenético. Dado o processo de socialização e o contato com a cultura, o indivíduo adquire novas capacidades e explora de formas diferentes o seu potencial biológico.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores está intimamente relacionado ao das funções psicológicas elementares. As funções psicológicas superiores ancoram-se nas funções elementares. Em outras palavras, é a partir das funções psicológicas

elementares, adicionadas de elementos da cultura, que as funções psicológicas superiores emergem.

Como exemplo podemos citar a atenção. A atenção enquanto processo psicológico involuntário é uma função psicológica elementar. Se dispormos de uma boa audição e de outras condições cognitivas adequadas e ouvirmos um barulho alto e estridente esse evento irá capturar nossa atenção, ainda que não tivéssemos tido contato com outro ser humano durante nossa vida inteira. Isso porque dispomos de um potencial biológico para tal.

Porém a atenção pode ser também uma função psicológica superior quando esta é voluntária. A atenção que dispomos para o evento citado anteriormente e a que empenhamos ao ler um livro, por exemplo, são diferentes, ainda que guardem elementos em comum. A atenção voluntária é possível graças aos constituintes sociais do humano.

A partir desses planos genéticos do desenvolvimento, Vigotski afirmou que o ser humano alcança uma ampliação de trocas com o mundo que o circunda através do que ele denominou de Mediação Simbólica. Que só acontece quando as funções psicológicas superiores já estão desenvolvidas, tais como: atenção voluntária, memória, imaginação, pensamento e linguagem. Aptidões essas que são estruturadas em sistemas funcionais com a finalidade de organizar adequadamente a vida mental do indivíduo em seu meio (VERONEZI, DAMASCENO, FERNANDES, 2005).

A mediação é um conceito fundamental na teoria de Vygotsky segundo Damasceno, sendo esta a ação onde a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada por sistemas simbólicos, elementos intermediários entre o sujeito e o mundo. Essa concepção liga o desenvolvimento da pessoa à sua relação com o ambiente sócio-cultural em que vive e a sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente, sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie (VERONEZI, DAMASCENO, FERNANDES, 2005, p. 538).

Ou seja, a mediação simbólica é a invenção e o uso de instrumentos e signos como meios auxiliares para solucionar dados problemas psicológicos.

Analogamente aos instrumentos, os signos são os meios auxiliares no campo psicológico; são os instrumentos da atividade psicológica. A idéia de que o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo supõe um processo de representação mental que substitui os objetos do mundo real. Os signos internalizados são os elementos que representam os objetos, eventos e situações neste plano (VERONEZI, DAMASCENO, FERNANDES, 2005, p. 540).

A mediação acontece pela cultura vivenciada e compartilhada nos lugares, desde a sua escala micro (da casa, rua, escola, campo de futebol, praça e bairro) até a escala macro (cidade, regiões, estados, países, continentes, etc). Como disse Claval (2003, p. 163),

Para compreender esses aspectos da geografia, temos que partir da idéia de que todas as realidades geográficas são apreendidas por meio de palavras e imagens. As relações entre os seres humanos e a natureza, ou as relações que os seres humanos tecem entre eles nunca são diretas. Elas sempre se apóiam em uma mediação

cultural. A cultura aparece como um conjunto de gestos, práticas, comportamento, técnicas, *know-how*, conhecimentos, regras, normas e valores herdados dos pais e da vizinhança, e adaptados através da experiência a realidades sempre mutáveis.

A abordagem feita por Claval (2003) é muito pertinente quando salienta o papel da mediação cultural enquanto fator determinante na experiência que se constrói com os lugares, pessoas e objetos. Como bem disse o autor, "A cultura é herança e experiência. Ela é também projeção em direção ao futuro" (CLAVAL, 2003, p. 163). Afinal, a cultura é uma criação social e faz parte da trajetória humana.

Portanto, o lugar é, indubitavelmente, o *locus* principal da mediação do homem com o mundo, pois é nele que são construídas as suas referências de mundo, que se ampliam na medida em que ele age sobre o espaço geográfico que o acolhe. A cultura, com seus elementos simbólicos, é agente modelador e construtor dos lugares de vida das pessoas. Como pontuou Mandarola Jr (2012 p. XVII), "É no lugar que os problemas nos atingem de forma mais dolorida, e é também nele que podemos melhor nos fortalecer". Logo, o lugar é a mediação mais direta que temos na nossa história.

4.2 O conceito de lugar

O conceito de lugar é muito trabalhado pela geografia, contudo, só ganhou atenção na década de 1980. Antes desse período ele era tratado de forma secundária nos estudos realizados pela ciência geográfica. Na geografia clássica, este conceito se referia ao sentido locacional e por bastante tempo foi assim. Contudo, apenas quando Carl Sauer introduz a discussão de paisagem cultural é que a cultura passou a ser a justificativa para questões subjetivas que iam surgindo na seara da geografia. Na abordagem de outras escolas, principalmente a humanista, cujo principal expoente é Yi-Fu Tuan, o conceito de lugar se tornou muito pertinente.

"[...] A consciência do lugar é uma parte imediatamente aparente da realidade, e não uma tese sofisticada. [...] O conhecimento do lugar é um simples fato de experiência" (HOLZER, 1999, p. 69 apud LUKERMANN, 1964, p. 167-168). Ou seja, para que se construa um conhecimento e sentimento de lugar é preciso que o indivíduo tenha a possibilidade da experiência, e a partir dela construa seu sistema de signos dentro do ambiente em que faz parte, tal como a casa, a rua, a escola, a praça etc.

E é essa experiência dentro de vários ambientes de convívio que o ser humano constrói relações sociais e particulares. Tuan (2012, p. 421) elucidou muito bem esse pensamento:

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação (*fields of care*), mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação.

O que o autor acima denomina de campos de preocupação, nada mais é do que a consciência humana e a relação subjetiva com as coisas e os outros. São as concepções particulares de cada um, a forma de perceber e interpretar o meio que o rodeia. "O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado" (TUAN, 2012, p. 387).

Se o lugar passa pela prática da experiência, então, como essa experiência é constituída? Bondía (2002, p. 21) esclarece que,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.

Essa escassez da experiência pode ser compreendida como resultado de uma vida cada vez mais pautada na tecnologia e informação, o mundo da virtualidade propicia experiências mais empobrecidas de vivências com o outro e com o meio. O meio existente é o virtual, e para que nele se "aja" só é necessário um simples toque em uma tela e interesse por aquilo. Bondía (2002) ressalta que a informação não deixa lugar para a experiência, sendo quase uma antiexperiência. Pois, "o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos" (Bondía, 2002, p. 24).

Ou seja, a experiência por mais que aconteça em um espaço maior, é na singularidade do lugar que ela se efetiva de maneira mais completa. A experiência no/do lugar é perpassada pela tempo lento que a nossa sociedade tem esquecido. O antigo, quase primitivo, aprender fazendo, observando, experimentando - sem essa rapidez exacerbada dos tempos modernos.

Neste sentido, Bondía (2002, p. 24) contribui para essa discussão quando afirma que,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

O que o autor expressa acima é que para que aconteça a experiência é necessário que o tempo lento das coisas, o tempo da permissão para que o indivíduo seja tocado e a partir disso construa o seu modo de experimentar a realidade de forma bem singular. Tecendo, então, a sua maneira particular de entender o que se passa e arquitetar, a partir disso, o seu próprio entendimento de mundo. Característica bastante em falta no fluxo contínuo da vida moderna.

Esse tempo lento, da experiência tateada, ouvida, saboreada e falada seria o tempo lento dos povos indígenas ou sociedades mais afastadas da influência do capitalismo selvagem. Aqueles são tidos como “povos primitivos” que impedem o desenvolvimento, que ocupam terra em demasia, pois, supostamente, não precisam dela.

Processo parecido se dá com comunidades removidas de seu lugar original. Estas são compreendidas como empecilhos e problema para o pleno desenvolvimento imobiliário dentro da cidade. Os planejadores sabem bem quais são as demandas do mercado e onde conseguir realizar as necessidades e desejos de quem pode pagar caro por uma moradia privilegiada. Retirar uma comunidade do seu local é apenas uma das "pequenas" burocracias as quais os especuladores imobiliários estão acostumados a fazer. Nesse momento, não importa o apego das pessoas ao seu lugar de moradia, não importa onde eles irão morar. O que importa para essas grandes empresas do mercado de imóveis é saber quando "as pessoas problema" aceitarão a fatia magra de dinheiro pelo seu pedaço de chão.

Viver na cidade é viver a competição pela existência e estar fora dessa lógica é considerado viver à margem da famigerada lógica capitalista. Morar é muito mais que ter uma casa, é se sentir acolhido no bairro, é poder construir uma rede de amigos, conhecer os lugares que compõem a vizinhança e fazer parte desse todo.

Portanto, construir o sentimento de lugar é ser atravessado pelos encontros das pequenas permanências, da pausa, eu então, do que se convencionou chamar de "lento". O tempo lento é o tempo do homem, porém, por ser enfeitado e escravo do sistema que está inserido, se vê obrigado a seguir o fluxo ligeiro do cotidiano. E ao passar por cima de si, passa por cima de muitas experiências e da sua própria subjetividade enquanto ser humano. O sofrimento de não pertencer a lugar nenhum, está cada vez mais expresso, nas fobias urbanas, na não apropriação dos espaços, da indiferença frente ao outro e aos fatos e no desenraizamento gradual com os lugares.

Gonçalves Filho (1988, p. 101), tomando como base Simone Weil, filósofa que esteve sob a influência do período nazista e resistiu contra ele, afirma que:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio de meios que faz parte naturalmente. As trocas de influências entre meios muito diferentes não são menos indispensáveis das que o enraizamento no ambiente natural. Mas um determinado meio deve receber uma influência exterior, não como importação, mas como um estimulante que torne sua própria vida mais intensa. As importações exteriores só devem alimentar depois de serem digeridas. E os indivíduos que formam o meio, só através dele as devem receber. Quando um pintor do real valor vai a um museu, confirma sua originalidade. Deve acontecer o mesmo com várias populações do globo terrestre e os diferentes meios sociais.

O enraizamento de que Gonçalves Filhos (1988) parafraseia de Simone Weil, é importante na discussão do lugar, pois revela que o lugar é constituído da possibilidade da formação de raízes. Estas que dão sustentação e sentido a vida individual e coletiva. É preciso considerar que o lugar é múltiplo e não um ponto neutro na realidade, ele é o encontro concomitante de vários elementos, estabelecimentos e pessoas. Ao passo que é também o sentimento de familiaridade, pertencimento, referência.

Um bairro pode ser um lugar, porém, esse lugar é embutido de outros pequenos lugares, tal como a praça, a escola, a mercearia do Senhor João, a sorveteria da Tia Lúcia, a calçada do amigo, o pé de manga etc. O sentimento de lugar tem vários significados e é essa riqueza da variedade que torna o lugar tão essencial e profundo para o indivíduo. Os lugares são os "pequenos mundos" de que Tuan (2012) fala.

Ser, é ser de algum lugar. Nunca se é, sem que se seja de algum lugar. O ser lugar é ontológico e acontece, posteriormente, na sucessão e encadeamento de mais lugares. Sawaia (1995, p. 23) discorre sobre isso,

Concordo com Heller (1977) que no dia-a-dia é importante possuir um ponto fixo, do qual partir e ao qual voltar, onde nos esperam as coisas conhecidas e habituais. No entanto, para que o espaço adquira o sentimento de "meu", é preciso mais que a familiaridade. O que produz o calor do lugar é segurança e uma forte dose do sentimento de sentir-se gente entre pares. Uma vez definido, ele se torna o ponto de referência dos nossos direitos e reivindicações enquanto cidadãos, o lugar onde a noção abstrata de igualdade de direito é referendada por experiências partilhadas de sobrevivência. O "meu lugar" é o particular onde se objetivam as leis, estruturas e as relações sociais, na singularidade das necessidades, carecimentos e sentimentos do eu.

Sawaia (1995) afirma magistralmente bem que o lugar ultrapassa o sentimento de familiaridade e necessita de outros elementos para que seja considerado como tal, como por exemplo, bem-estar, oportunidades, respeito, possibilidade de trocas com outras pessoas. O sentimento de lugar está muito ligado ao coletivo e a partir dele a construção da singularidade do indivíduo.

Este trabalho tomou como ponto de partida a dimensão do bairro justamente para tentar compreender como esses sentimentos de lugar são vivenciados pelas pessoas. Geralmente se fala de cidade, e nisso se homogeneízam muitas percepções. Contudo, ao se colocar o bairro em questão, é possível conseguir as particularidades sem se deixar de lado o âmbito maior do ser cidade também. O bairro foi eleito para que se vasculhasse em pormenores o seu conteúdo e as significações que os entrevistados deram a eles.

O lugar opera como base psicológica na estruturação referencial dentro do espaço geográfico. É nos lugares onde se tem a primeira referência de mundo. É o que Milton Santos (2005) chama da relação entre o local e o global. Ambos estão em contato direto e participam dos esquemas de funcionamento das cidades, desde as menores até as maiores. Relph (2012, p. 31-32) coaduna com essa ideia quando afirma que:

Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é muito existencial e ontológico. Mas é também econômico e social, pois em toda parte estamos presos em maior ou menor grau nas forças neoliberais e da globalização. É o caso das comunicações eletrônicas que não conhecem fronteiras. É o caso também do meio ambiente, pois é evidente que tudo contribui e é afetado pela mudança climática. Então, por algum estranho e improvável desvio, parece que ideias provenientes de interpretações fenomenológicas de lugar e do ser podem ter valor pragmático a fim de encontrar caminhos para lidar com enormes termos global/local que surgiram no início do século XXI.

O autor pontua que o lugar não é o que está apartado da realidade, mas é o que se articula com o mundo e consegue ter essa dimensão existencial e ontológica para o homem. Frente ao fenômeno da globalização, a permanência dos lugares se faz ameaçada, ao passo que tentam tornar os lugares competitivos e atrativos para o capital, também se perde muito das particularidades. Esse fenômeno pode ser muito bem observado em determinadas regiões brasileiras, no caso no Nordeste, mais especificamente no Ceará, acontece, geralmente, em áreas onde o turismo tem papel fundamental enquanto renda para a população. O caso do município de Jijoca de Jericoacoara é muito destacado, principalmente, pela internacionalização das belezas naturais do local, com a Duna do Pôr do Sol, a Pedra Furada e a praia de Jericoacoara.

A chegada excessiva de capital estrangeiro tem colocado a comunidade nativa desse município em ameaça. Tanto pela modificação exacerbada da paisagem quanto pelo custo de vida que fica cada vez mais elevado. O que tem feito com que muito moradores locais saiam de suas casas e a vendam para morar fora do Centro. A expulsão compulsiva dessas pessoas tem descaracterizado esse ambiente, e tornado o município uma anomalia urbana. Pois distanciou todos os interesses locais em prol do capital estrangeiro.

Serpa (2012, p. 23) reforça esse pensamento quando diz que,

Nesse contexto, parece difícil falar ainda de "lugares" como espaços vividos e da experiência. Em lugares que, de alguma maneira, subvertam ou questionem as lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano nas metrópoles capitalistas. Parece, no entanto, que "lugares" existem e persistem nas "brechas" metropolitanas, sobretudo nas áreas populares das metrópoles.

O autor fez referência ao contexto metropolitano, contudo, podemos facilmente deslocar isso para contextos mais distantes da metrópole, como no caso do município de Jijoca de Jericoacoara também. Alguns habitantes locais procuram essas ditas "brechas" de resistência para permanecerem em seu local de moradia, criando mecanismos de sobrevivência. Relf (2012, p. 27) afirma que é "[...] importante compreender que é por meio dos lugares que os indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo, e que essa relação tem potencial para ser ao mesmo tempo profundamente responsável e transformadora".

Outros tantos casos como esse acontecem mundo a fora. Principalmente, por conta da "competição entre os lugares do mundo, em busca de inserção no mercado de vantagens comparativas e de produção de mais-valias relativas, sublinhando a lei de um desenvolvimento desigual e combinado do modo capitalista de produção" (SERPA, 2012, p. 23). Tal fato é produtor e produto das hierarquias urbanas criadas no mundo, onde a metrópole acaba por sufocar o enredo dos lugares. Por isso, é tão importante que os lugares sejam criados por e para quem vive neles, contudo, a divergência de interesses entre o global e o local tem ocasionado uma verdadeira "guerra dos lugares".

"O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo" (RELPH, 2012, p. 29). Tal afirmativa só ressalta quão importante posição o lugar ocupa em nossas vidas, e quão emergente é buscar compreender os seus conteúdos. No contexto da cidade, um planejamento urbano deficitário pode, literalmente, dizimar o sentimento de lugar e arrancar o elo afetivo que liga as pessoas aos seus ambientes de maneira profundamente violenta.

Como disse o poeta amazonense Thiago de Mello: "a gente só cuida daquilo que a gente ama". E é desse amor ao lugar, junto com o potencial criativo e o poder de transformação dos cidadãos que as cidades estão carentes. A questão aqui não é ter um olhar romântico sobre o lugar, mas consciente e crítico das contradições e interesses que o atravessam e que são atravessadas por ele.

5 FORTALEZA: AFETIVIDADE E IMAGENS

Sob a perspectiva da Psicologia Social, uma categoria analítica de muita importância e que vem ganhando força no cenário acadêmico é a afetividade. São inúmeros os trabalhos que contemplam e trazem essa discussão a partir de enfoques de distintos ramos da Psicologia. Por exemplo, o Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (Locus) tem uma rica trajetória de investigação neste sentido. Principalmente, por se utilizar da afetividade como força motriz de vários fenômenos urbanos e também rurais.

A Professora Zulmira Bomfim (2010) a partir da escrita da sua tese de doutorado *Cidade e Afetividade: Estima e Construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e de São Paulo*, abriu caminhos possíveis para que a afetividade fosse abordada sob novas perspectivas dentro do cenário cearense. Dentre os trabalhos que podemos citar, temos o Quadro 1 contida abaixo:

Quadro 1 – Trabalhos de Dissertação Orientados pelo Locus

Dissertações		
Título	Autor	Ano
Ficar ou Partir? Afetividade e Migração de Jovens do Sertão Semiárido Cearense	Karla Patrícia Martins Ferreira	2006
Centro de Fortaleza, Lugar de Transformações: O idoso e os afetos implicados	Fátima Maria Araújo Bertini	2006
Juventude e Afetividade: Tecendo Projetos de Vida pela Construção dos Mapas Afetivos	Daniela Dias Furlani	2007
Afetividade de adolescentes praticantes de Atividades Esportivas	Ricardo Angelo de Andrade Souza	2008
Laços afetivos que (des)ligam famílias, adolescentes e abrigo	Janille Maria Lima Ribeiro	2008
Afetividade e Ambiente Hospitalar: Construção de Significados pelo Paciente Oncológico com dor	Glicia Rodrigues Pinheiro	2009
Afetividade e Ambiente Esportivo: Sentimentos e emoções de Atletas de Alto Rendimento	Livia Gomes Viana	2009
Afetividade de Idosos de Vida Religiosa Consagrada e a Moradia na Casa de Saúde: Projeto de Vida e Processo de Estabilização Residencial	Alexandre Quintela Ponte	2010
ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII do Bairro Vila União: Significados atribuídos pelos jovens na perspectiva da Psicologia Comunitária e da Psicologia ambiental	Deyseane Maria Araújo Lima	2010
Participação Social e Estima de lugar: Caminhos traçados por Jovens estudantes moradores de bairros da Regional III da cidade de Fortaleza pelos mapas afetivos	Helenira Fonseca de Alencar	2011

Afetividade e ambiência do trabalhador em saúde mental: Uma leitura psicossocial dos Caps de Fortaleza pelos Mapas afetivos	Fabíola Maria Ferreira Félix	2011
Lar Doce Lar? Um Estudo Sobre Afetividade De Idosos Residentes Em Instituições De Longa Permanência Em Fortaleza	Ana Caroline Costa Vieira	2012
Estudo Da Afetividade De Moradores Do Centro De Fortaleza-Ce Frente Ao Plano Habitacional Para Reabilitação Da Área Central	Brennand de Sousa Bandeira	2012
A Psicologia e as Políticas Públicas de Saúde: um estudo sobre a atuação da (o) psicóloga (o) na Atenção Primária à Saúde no município de Fortaleza	Emylio Cezar Santos da Silva	2012
O Psicólogo No Ambiente Do Hospital E A Afetividade: Uma Construção De Sentidos Sobre A Morte	Francisca Helena Gadelha de Lima	2013
Afetividade Na Residência Integrada Em Saúde: O Psicólogo No Território De Form“Ação”	Maria Zelfa de Souza Feitosa	2014
Afetos Em Construção: Narrativas E Processos De Apropriação Do Espaço Pelos Moradores Da Cidade 2000	Lucíola Limaverde Ribeiro	2015
Mapas Afetivos Táteis: Vivências Urbanas Não Visuais Na Cidade De Fortaleza	Ana Kristia da Silva Martins	2015
Relação Afetiva Pessoa-Ambiente Na Prainha Do Canto Verde: Processos De Participação Comunitária	Daniel Welton Arruda Cabral	2015
Liberdade Ou Sofrimento Urbano? Um Estudo Da Estima De Lugar De Pessoas Em Situação De Rua	Antonio Fábio Coelho Paz	2016
Projetos De Vida E Estima De Lugar: Um Estudo Com Jovens Adolescentes De Escolas Públicas De Fortaleza/Ce	Debora Linhares da Silva	2016
Afetividade E Acessibilidade: Um Estudo Com Alunos Surdos Em Ambiente Universitário	Diego Menezes Augusto	2016
Estima De Lugar E Implicações Com A Saúde: A Perspectiva Dos Usuários De Um Centro De Saúde Do Nordeste Do Brasil	Elcides Hellen Ferreira Landim Barreto	2017
Juventude, Suicídio E Vida Urbana: Tecendo Relações A Partir Da Estima De Lugar	Ligia Cristina Azevêdo Sousa	2017
Afetividade e implicações psicossociais vividas por moradores de uma comunidade ameaçada de desapropriação em Fortaleza	Fábio Pinheiro Pacheco	2018

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Através da tabela exposta anteriormente, podemos confirmar a pertinência do estudo da afetividade e da própria existência do Locus para que pesquisas neste âmbito sejam realizadas. Já são quinze anos de vida, e o Locus expressa a urgência de que mais discussões assim sejam levadas em consideração e motivadas a fazerem a leitura de fenômenos que acontecem na realidade.

O Locus trabalha com abordagens da Psicologia Social e na vertente da Psicologia Ambiental. Estudar as relações humano-ambientais é o foco, nas suas mais variadas perspectivas, aliando a ela o estudo das emoções, sentimentos e afetividade.

Como apontou Vigotski (2001, p. 139),

Toda emoção é um chamamento à ação e ao pensamento ou renúncia a eles. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente ou infrutífero no comportamento. As emoções são esse organizador interno das nossas ações e pensamentos que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações.

O autor acima reconheceu a importância da emoção enquanto organizadora interna das ações humanas, logo, é reconhecível que toda objetividade parte da subjetividade. A Psicologia Social em sua vertente histórico-cultural, tal como proposto também pelas ideias do autor, busca compreender os fenômenos psicossociais na confluência com o mundo simbólico existente, onde cada indivíduo tem as suas concepções singulares e coletivas.

Segundo Bomfim (2010, p.12),

Embora o aspecto afetivo seja considerado como importante fator agregador do significado, poucos estudos têm se desenvolvido em relação às imagens elaboradas dos habitantes sobre o entorno da cidade, no que diz respeito à sua afetividade, emoções e sentimentos, ou talvez a possibilidade de considerarmos os afetos como orientadores na compreensão do conhecimento do espaço da cidade, assim como a percepção e cognição. Os fatores emocionais são ignorados na maioria dos trabalhos sobre conhecimento ambiental. Há uma maior prevalência dos fatores cognitivos do que dos afetivos emocionais.

Mas antes de darmos continuidade, é preciso que discutamos um pouco mais sobre o que vem a ser afetividade. A partir de Sawaia (2000) "a afetividade se encontra na base de todas as ações humanas, e por isso é vista como ética". Sendo ela a:

[...] tonalidade, cor emocional que impregna a existência do ser humano e é vivida como: 1) sentimento: reações moderadas de prazer e desprazer que não se referem a objetos específicos; emoção: fenômeno intenso, breve e centrado em objeto que interrompe o fluxo normal da contida (SAWAIA, 2000, p. 2 apud BOMFIM, 2018, p. 67).

Logo, a afetividade é esse mistura de sentimentos e emoções que dão tom a existência humana na sua relação com as pessoas e lugares. E a sua característica enquanto ética está pautada na capacidade de ação que o indivíduo para a sua própria manutenção e para a coletividade.

A afetividade, então, se constitui uma análise teórica, que serve como eixo de observação, de investigação e de análise das contradições sociais da realidade cotidiana. Dado seu caráter ético-político, apresenta-se como dimensão emancipadora para a transformação da sociedade (BOMFIM, 2018, p. 67).

Portanto, a afetividade é esse mistura de sentimentos e emoções construídos na relação das pessoas com os espaços, sendo o entrelaçamento da concretude da cidade com a subjetividade humana o causador dos bons encontros (BOMFIM, 2010).

Os *bons encontros* de que a autora fala é referido a partir da teoria do filósofo Baruch de Espinosa, que o define como sendo os encontros que permitem a composição dos indivíduos com outros, gerando o que ele chama de afecção de corpos, que produzem a potência de ação e o aumento do *conatus* (a força de autopreservação do ser que expressa afetos e afecções). Já os *maus encontros*, são o contrário disso, é onde temos a diminuição no nosso *conatus*. Geralmente acontece quando o indivíduo, levado pelas paixões tristes, diminui a sua potência de ação e aumenta a sua de padecimento, que resulta na servidão do ser (BOMFIM, 2010).

O estudo da afetividade tem como base as concepções teóricas de Espinosa. Sawaia (2000) ajudou a entendê-las, principalmente, quando introduz essa abordagem para o ambiente urbano e a dimensão do ser cidadão.

Neste sentido, a presente pesquisa teve o intuito de trabalhar tais questões na cidade de Fortaleza, mais especificamente investigando alguns bairros. Elegendo, assim, as sete regionais administrativas. Como ferramenta metodológica, utilizamos o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), as Narrativas Ambientais e a Imagem Fotográfica.

5.1 Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) e a Narrativa Ambiental

O Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA) é composto por quatro principais partes: **A)** O desenho do pesquisado (é um deflagrador do processo representacional imagético, antecede a representação escrita). O objetivo do desenho é facilitar a expressão das emoções, cujo respondente vai tecer as suas próprias considerações; **B)** O inquérito sobre o desenho (1- Significado: a pessoa diz o que representa o desenho para ela, 2 - Sentimentos: o respondente diz quais sentimentos o desenho lhe despertou, 3 - Palavras - Síntese: faz uma síntese dos sentimentos já elucidados, porém, criando uma ordem de 1 a 6, cujo intuito é que o respondente indique uma saturação das respostas ou que afirme com maior clareza e precisão o seu sentimento, 4 - O que pensa da cidade: remete o sujeito a fazer uma elaboração textual que não remeta propriamente ao desenho, e sim, o faça refletir mais sobre a sua opinião, 5 - Comparação da cidade: suscita a elaboração de metáforas, convidando o sujeito a elaborar imagens da cidade através da sua capacidade de fazer analogia e figurar o sentimento pela escrita); **C)** Categorias da Escala Likert (é uma escala de respostas psicométricas que variam de 1 a 5, aqui é onde as imagens de Pertencimento (sentimento de que você faz parte de algo e que aquilo está integrado à sua vida), Agradabilidade (quando o ambiente exerce uma sensação de tranquilidade e conforto),

Insegurança (o sentimento de que algo pode acontecer a qualquer momento, é o imprevisível, o medo), Destruição (característica de um ambiente depredado, sem cuidado ou zelo) são elucidadas por meio das assertivas) e Constraste (quando imagens se opõem, por exemplo: a pessoa acha o local agradável, mas muito destruído). Essas imagens podem ser lidas nos Mapas Afetivos sem necessariamente haver o uso da Escala Likert, através do teor das repostas reveladas pelos entrevistados. ; **D**) Características sociodemográficas (pequena entrevista sobre as variáveis sociodemográficas, tais como: sexo, idade, origem, cidade e estado de residência, tempo de residência na cidade, escolaridade, situação laboral e salário mensal).

Depois do levantamento de todos esses dados, o pesquisador faz uma classificação do desenho como sendo Cognitivo ou Metafórico. O primeiro, diz respeito a representação imagética que toma elementos mais presentes na realidade física da cidade. O segundo, tem na sua constituição elementos mais ligados ao estado de ânimo do respondente, permitindo desenhos com traços mais livres.

O IGMA possui tanto elementos qualitativos quando quantitativos. Através da Escala Likert, é possível descobrir a Estima de Lugar por meio de um cálculo. Porém, para a presente pesquisa optamos por não utilizar a escala e refazer a parte dos dados sociodemográficos de acordo com a temática dessa dissertação. Houve também a inclusão de perguntas concernente a estudo da paisagem, cuja finalidade era conhecer sobre as concepções paisagísticas dos entrevistados. Além do mais, foi inserido um espaço durante a aplicação do IGMA para a construção de imagens, cada pessoa entrevistada fez a sua fotografia.

Para uma melhor compreensão, tem-se posteriormente uma exemplificação de qual é o padrão do Mapa Afetivo e de como ele foi adequado para o levantamento e discussão dos dados obtidos na realização do trabalho de campo. É a forma como o pesquisador categoriza todos os elemento levantados no IGMA.

O diário de campo também teve papel importante, principalmente, ao nos ajudar a tecer informações sobre a experiência de se aventurar por alguns bairros da cidade de Fortaleza. Foi o meio onde conseguimos anotar percepções sobre a experiência do encontro com lugares desconhecidos e pessoas que até então não conhecíamos.

Quadro 2 – Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimentos	Metáfora	Sentido
Nº: Sexo: Idade: Escolaridade: Cidade: Tempo de residência (quando não originário)	* Mapa cognitivo de Lynch: desenho de monumento, caminhos, limites, confluência e bairros. *Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou estado de ânimo do respondente.	Explicação do respondente sobre o desenho.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	Comparação da cidade com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração das metáforas.	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidades e sentimentos).

Fonte: Elaborado por Bomfim (2010).

No que se refere à utilização das Narrativas Ambientais, ela foi muito importante para fazer um levantamento anterior ao Mapa Afetivo, ela é indicada a funcionar como ferramenta de investigação prévia. Para a construção das Narrativas Ambientais tomamos como referência as Autobiografias Ambientais de que Elali e Pinheiro (2008) trabalharam.

As autobiografias ambientais são textos escritos em primeira pessoa, cujo objetivo é coletar informações sobre as experiências ambientais dos participantes da pesquisa. É uma técnica facilitadora para a emergência sobre as bases afetivas e cognitivas da experiência ambiental. Essa ferramenta introdutória de pesquisa é muito trabalhada por Elali e Pinheiro (2008), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do curso de Psicologia. A Autobiografia Ambiental deve resguardar o anonimato das pessoas participantes, e é indicado que se nas falas dessas seja usada a expressão D.C. (depoimento coletado), seguida pela data, gênero do depoente (F de feminino e M de masculino) e idade. Dessa forma, a identidade será preservada e respeitada.

No meio acadêmico existem muitas formas de buscar compreender as experiências ambientais. Neste sentido, segundo Elali e Pinheiro (2008, p. 219),

A experiência ambiental é extremamente importante para a espécie humana, ligando-se à formação da identidade individual e/ou grupal e às condições de apropriação dos ambientes pelos seus usuários. No entanto os componentes afetivos e cognitivos dessa experiência são dificilmente identificados, o que deve-se tanto a sua grande diversidade quanto à subjetividade relacionada à percepção ambiental.

Apesar de Elali e Pinheiro (2008) trabalharem bastante com as autobiografias ambientais, dando os devidos enfoques da Psicologia em conversação com outras ciências, é

com Cooper-Marcus¹⁰ (1979) que esses relatos, escritos em primeira pessoa com enfoque na experiência ambiental, ganharam o nome de Autobiografia Ambiental. Focalizando a narrativa nas relações pessoa-ambiente. Seu caráter é exploratório e pode ser aplicado em fases não tão iniciais, onde, posteriormente, se utilizará outros instrumentos.

O que diferencia o texto de uma autobiografia ambiental do produzido em outras autobiografias é a sua menor atenção para com datas, nomes de pessoas e detalhes semelhantes, em favor de uma maior ênfase na descrição de lugares que "marcaram" o depoente e os sentimentos a eles relacionados (ELALI e PINHEIRO, 2008, p. 227).

É, portanto, uma história pessoal que tem o ambiente como principal ator na relação com outros personagens, fazendo o respondente entrar em contato com suas memórias dos lugares que experienciou durante a sua vida (PINHEIRO, 1998).

No entanto, para a presente pesquisa resolvemos chamar de Narrativas Ambientais, pelo fato de que foi eu, enquanto pesquisadora, que na conversa com os entrevistados ia escrevendo a próprio punho o que eles iam narrando. Ou seja, não foram eles que escreveram com as próprias mãos, por isso, de não caber a denominação autobiografia. O texto foi filtrado por mim, apesar de manter a colocação em primeira pessoa e coerência dos fatos demonstrados pelos participantes do trabalho.

Dessa forma, justificamos aqui que a denominação Narrativas Ambientais dá mais consistência para o que foi proposto e salienta a real construção do que foi narrado. Ora eu ia escrevendo ao passo que escutava, ora eu gravava no gravador do celular e conversava, para só depois transcrever as histórias que me foram contadas durante a aplicação da pesquisa.

5.2 As geografias dos olhares em Fortaleza

Nesta dissertação, a Narrativa Ambiental e os Mapas Afetivos foram utilizados com a pretensão de fazer esse apanhado de informações e me colocar enquanto pesquisadora na condição de ouvinte atenta e presente em cada palavra, já que todas as narrativas ambientais e mapas afetivos não foram escritos pelos entrevistados, mas por mim, que na escuta ia grafando tudo o que foi dito. Utilizei o gravador somente em algumas entrevistas, pois onde não era usado foi por motivos de muito ruído do local onde estava, geralmente ruas

10 Clare Cooper Marcus é uma proeminente educadora em arquitetura e arquitetura paisagística e pioneira no campo das questões sociais em habitação, design de espaços abertos e paisagens de cura. É graduada em Geografia Histórica, Mestre em Geografia Urbana e Planejamento Urbano e trabalha muito com questões na área da Arquitetura. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Clare_Cooper_Marcus. Acesso em 21 fev. 2019.

muito movimentadas com barulho de buzinas e carros. Porém, onde o ambiente era mais propício, usei o gravador.

A experiência que tive durante todos os trabalhos de campo ficaram marcadas em mim, lembro dos rostos, da simpatia e da timidez de algumas pessoas ao serem convidadas a se fazerem parte do meu trabalho. Também lembro dos mãos que recebi. Portanto, apesar das minhas mãos terem transcrito o que os meus ouvidos ouviram de outras bocas, os conteúdos aqui apresentados provém da singularidade de cada indivíduo que se fizeram presença plena. Logo, este trabalho foi escrito por minhas mãos, mas tomando como referência os sentimentos, memórias e narrativas das pessoas.

Agradeço a cada um, que com toda a disposição disseram um sim a mim, até então desconhecida, mas que logo se tornava conhecida no processo do diálogo. Sentada nas cadeiras oferecidas ou em pé no sol, fui participante do encanto do ouvir histórias. Aprendi com cada um, e espero que tudo isso seja levado comigo aqui e em etapas posteriores da minha vida. Gratidão pela confiança, queridos, agora, conhecidos.

Se deparar com uma cidade tão grande quanto Fortaleza, às vezes, assusta. Vi-me assustada ao ter que pontuar no mapa os lugares que iria visitar para a escrita da dissertação. Ora queria conhecer mais profundamente os lugares que já conhecia de passagem, ora queria conhecer os mais desconhecidos, aqueles que nunca fui. Acredito que os bairros são como as pessoas, têm os pobres, os ricos, os pequenos, os grandes, uns tem a cor cinza do concreto, outros o verde, uns são mais úmidos com o mar, outros mais secos sem ele. Bairros velhos e bairros jovens.

Acredito que temos sempre que partir de um bairro para que nossa história comece a ser contada, é lá o chão dos primeiros anos de vida ou também o lugar do findar deles. Por isso, é difícil pesquisar sobre os bairros e não lembrar do meu. Senti a necessidade de rememorar-lo.

Do meu bairro de infância lembro da rua de calçamento, da lombada que o meu avô construiu para que os carros não passassem tão depressa na frente da escolinha que era na frente da nossa casa. Eu estudava lá. Lembro também da raiva dos motoristas que arranhavam o fundo dos seus carros nessa lombada elevada. Lembro do pé de jambo que tinha no meio da casa, no compartimento que era totalmente aberto e que me fazia sentir que aquela árvore era da família, e também lembro da tristeza de quando ela foi cortada para dar lugar a construção de um quarto, eu preferia a árvore.

Meu bairro era o meu mundo, mesmo que eu não conhecesse todas as ruas. O campo de futebol de areia com uma pequena pracinha do lado, a Lagoa do Mingau, a minha

escola, a igreja, a bodega do meu avô e bodega da frente da Marluce, a bodega da rua de trás que tinha uns chicletes diferentes e que eu e a minha prima Karol, que pedíamos dinheiro ao nosso avô, para ir comprar coisas lá. A minha rua foi onde eu aprendi a brincar com pião, a construir raia (ou pipa), a brincar com baladeira e com bila, a andar de bicicleta, a fazer massa de cimento, a pregar o prego na madeira, a usar enxada e pá, a pintar parede e telha. A brincar de fazer comidinha para as bonecas, usando as flores tiradas na frente da casa do Sr. Diniz, a brincar com os carrinhos do meu irmão, e a fazer carrinhos com caixa de papelão e colocar todos os meus ursos dentro e levar para passear na minha rua. A rua de outrora, o bairro de outrora, por mais que eu tenha me mudado, ainda estão aqui comigo. Nasci em Maracanaú e me criei lá. Mas também fui de Fortaleza e ainda sou. Sou das fronteiras.

Acredito que essa vivência tão forte com o bairro de alguma forma, mesmo que inconscientemente, me fizeram optar por buscar conhecer mais outros bairros e a maneira como as pessoas interagem com eles, como os enxergam e como desejam que eles se transformem. Entender as dinâmicas dos movimentos dos bairros é entender o fluxo de vida que existe dentro deles.

A partir de pesquisas pelo Google Earth, elegi os bairros que iria. Planejei as minhas rotas, anotei os ônibus que iria fretar, as ruas que eu ia caminhar, mas não sabia com quem falaria. Entendi que receberia muitos não caso chegasse de forma direta pedindo para aplicar a pesquisa. Optei por utilizar da socialização que a comida nos oferece. Em muitos dos lugares que fui, comprei algo para comer e comecei a conversa com essas pessoas que me venderam algum de seus produtos. Em outros momentos, perguntei sobre algo e depois iniciei a conversa de forma despretensiosa.

Como apontou Moser (1998, p. 122),

[...] a especificidade da Psicologia Ambiental é a de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente. É fato bastante conhecido que determinadas especificidades ambientais tornam possíveis algumas condutas, enquanto inviabilizam outras.

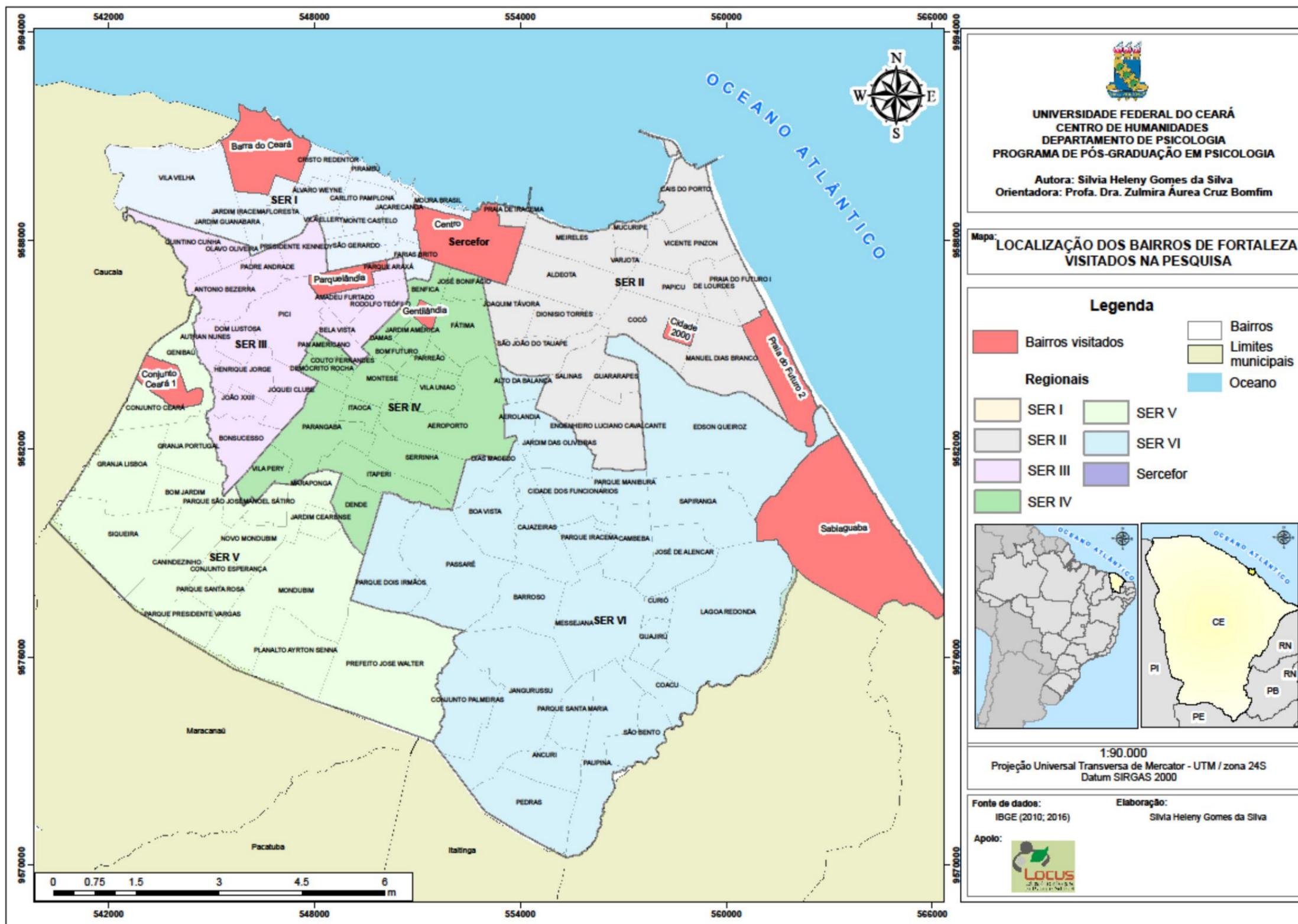
Foi isso o que eu procurei nos bairros que fui, compreender como o indivíduo avalia e percebe o seu ambiente, e como esse ambiente influencia na sua vida. Afinal, os espaços, revestidos de seus determinados ambientes, são provocadores de reações tanto psíquicas quanto de ordem comportamental. O corpo está em constante diálogo com o meio ao seu redor, ao passo que pode ser relaxado frente ao mar, pode também se sentir estressado em um engarrafamento da cidade em um horário de grande circulação de automóveis.

A cultura enquanto fenômeno modelador e influenciador das condutas humanas é peça-chave nos estudos da psicologia ambiental. Pois a mesma define muito dos

comportamentos chamados pró-ambientais (aqueles que respeitam o meio ambiente) ou então aqueles que desrespeitam o entorno. É sabido que certos comportamentos levam meses para serem mudados, enquanto outros levam anos, décadas ou até gerações. O fator tempo, a dita dimensão temporal, pode desempenhar forte impacto sobre a maneira como a pessoa se comporta, quando ela é submetida ou se submete a alguma mudança de hábitos ou posturas sociais.

Neste sentido, como Moser (1998) disse, não temos uma Psicologia Ambiental única, mas várias Psicologias Ambientais, que são determinantes e determinadas na/pela relação das pessoas com os seus ambientes de vida. Cada local tem as suas especificidades que revelam o seu cotidiano e funcionamento. Abaixo, temos elencados os bairros eleitos para a pesquisa. Eles constam na Figura 3 e no Quadro 3.

Figura 3 – Mapa de localização dos bairros visitados.



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Quadro 3 – Os bairros visitados e as suas respectivas regionais administrativas

Regionais	Bairros
SER I	Barra do Ceará
SER II	Praia do Futuro 2
	Cidade 2000
SER III	Parquelândia
SER IV	Gentilândia
SER V	Conjunto Ceará I
SER VI	Sabiaguaba
SER VII	Centro

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5.2.1 O Sr. Centro

O primeiro trabalho de campo foi no Centro da cidade, localizado na Regional VII. Peguei o ônibus Circular II e sem saber em qual rua me aventuraria, dei sinal e desci na rua que tem o Cemitério São João Batista numa ponta e a Catedral Metropolitana de Fortaleza na outra. Olhando no mapa, vi que ela se chama Rua Castro e Silva. Depois, no cruzamento da Rua Princesa Isabel com a Rua São Paulo, avistei um possível entrevistado. Para iniciar a conversa, cheguei perguntando se tinha máquina de datilografia, na verdade eu gosto mesmo, mas como não sabia como iniciaria a conversa me utilizei de algo que lembrei.

Resolvi chamar cada pesquisado pelo nome do bairro onde os encontrei. O meu primeiro participante foi o Sr. Centro, o nome do bairro que estava naquele momento. Alguns dados sobre ele estão presentes no Quadro 4.

Quadro 3 – Dados sociodemográficos do Sr. Centro

Idade: 75	Sexo: Masculino (x) Feminino ()
Profissão: Aposentado (Trabalha como vendedor de usados)	
Naturalidade: Chorozinho	
Bairro de moradia: Itaperi	
Tempo de residência: 12 anos	
Bairro onde trabalha: Centro, há 32 anos	
Nível de escolaridade: Não estudou	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Chamo a atenção para dizer que todas as conversas transcritas estão com a escrita fiel ao que o entrevistados disseram, em escrita literal.

A Narrativa Ambiental do Sr. Centro começa assim:

Eu trabalhava numa empresa, J Macedo, por 32 anos. Era cobrador da empresa, das despesas que a fundação Dias Macedo, que era uma assistência médica. A fundação era mantida por outras empresas.

Eu vim do interior, foi onde eu me agreguei foi numa empresa. Terminou a reforma e a empresa foi diminuindo, eu entrei como servente. Depois fui pra fundação da mesma empresa.

Eu morava na Rua Senador Alencar, depois sai e vim pra Rua São Paulo e montei um bar restaurante. Depois mudei e fui pra Rua Liberato Barroso, mas eu morava na Av. João Pessoa. Depois mudei pra Rui Guilherme Rocha com restaurante também. Isso tudo antes de eu sair da empresa. Eu trabalhava no restaurante nas horas vagas. Depois vim pra cá, pra Rua Princesa Isabel. Aí botei uma mercearia/restaurante e depois passei pra usados.

Eu gosto do Centro, tenho muitos amigos aqui. De 20 anos pra cá não mudou quase nada não. Parece que tão querendo revitalizar o Centro aqui. Eu gosto do Centro. (D.C, Sr. Centro, 2018, M, 75)

O Sr. Centro puxou uma cadeira para que eu sentasse e conversamos por mais de quarenta minutos. Entre algumas paradas na conversa para atender algumas clientes que apareceram, ele me recebeu muito bem. Na fala do Sr. Centro é possível perceber que ele teve muitos locais de trabalho e mudanças de ramo. Ele ressalta que estão querendo revitalizar o Centro, contudo, em suas feições pareceu meio descrente. Já viu muitas transformações urbanas ao longo desses anos, e a promessa de mais uma nem o causa ansiedade. Logo abaixo, temos o mapa afetivo (Quadro 5) do Sr. Centro.

Quadro 4 – Mapa Afetivo 1 - Sr. Centro

Estrutura	
Mapa Cognitivo (descreveu ruas e locais onde gostava de estar)	
Significado	Qualidade
Era o movimento que eu gostava. Era o pão melhor que tinha por aqui. Era a Padaria Ideal. O Beco era o movimento. E a Praça era de lazer, tem muita sombra, muito banco.	Existia muita tranquilidade na época, que hoje não existe. Hoje, de sete horas em diante é assaltado. Antes era melhor.
Sentimentos	Metáfora
Tranquilidade. Bem-estar. Despreocupação. Liberdade. Medo.	Bairro - Montese

<p>Figura 3 – Desenho do Sr. Centro</p> <p>Não desenhou, mas deu referências sobre o que desenharia.</p> <p>Grandes padarias na Av. Imperador com Rua Guilherme Rocha.</p> <p>Praça da Lagoinha, onde as pessoas iam conversar e pegar uma boa sombra.</p> <p>Beco da Poeira.</p>	<p>Figura 4 – Fotografia feita pelo Sr. Centro</p> 
<p>Sentido</p>	
<p>O Bairro - Montese, cuja imagem de contraste emerge, é aquele onde sentimentos conflitantes se encontram. É onde o entrevistado enfatiza que o tempo de outrora era melhor por ser mais tranquilo. Sua imagem fotográfica representa a sua atividade profissional, que é vendedor de usados. Para ele o que representa o seu bairro de trabalho é o seu próprio ponto comercial.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

É possível notar que a paisagem que o Sr. Centro revela é uma **Paisagem da Recordação**, que era nutrida de movimento e tranquilidade. O antigo Beco da Poeira era um lugar de passagem de muitas pessoas, tal como o lazer de muitos na Praça da Lagoinha e a procura de pães gostosos na Padaria Ideal da Av. Imperador. A paisagem da recordação do Sr. Centro é refletida na própria imagem, que tem como elementos principais televisores antigos, as cadeiras chamadas de "namoradeiras", muito populares na época, além de outros utensílios de casa dentro do seu estabelecimento comercial. O Sr. Centro não esconde o seu sentimento de saudosismo e do quanto ainda gosto do bairro onde viveu tantos momentos.

Quando perguntei sobre o que pensa sobre o seu bairro, o Sr. Centro responde o seguinte: "Penso que vai se acabar, vai ficar tudo para fora. Vai virar shopping. Eu ouvi falar que eles vão revitalizar o Centro. Mas eu não tenho medo dessa revitalização". Quando ele diz que "vai ficar tudo para fora", ele se refere ao pessoal que tem dinheiro, no caso, os grandes empresários. A promessa antiga de revitalização do Centro é vista como possível valorização da área, melhora do comércio local, pois iria propiciar a instalação de melhorias e o consequente movimento de mais consumidores. Contudo, essa revitalização ainda soa como algo distante. E a representação do Shopping na cena urbana é um elemento que se encontra muito fortemente no imaginário coletivo como prosperidade.

Conforme o professor e geógrafo José Borzacchiello da Silva (1997, p. 86),

A cidade firma-se como permanência da humanidade. Sua totalidade é constituída de partes efêmeras que se constroem e se destroem diuturnamente. A cidade é um emaranhado de fazer e desfazer: construções, demolições, remendos, reformas, templos, feiras, palácios, favelas, monumentos, caminhos, ruelas, ruas, alamedas, avenidas, vias, letreiros, acrílico, néon, terremotos, emoções, desabamentos, furacões. E a cidade resiste. Insiste.

Deste modo, a cidade é então um emaranhado de encontros, desencontros, gentes, viveres, sonhos etc. Definir o que é cidade é uma tarefa trabalhosa e quanto mais se quer chegar a um consenso, mais ela vai passando por mutações e já não será a que foi definida outrora. A cidade, frente à sua complexa trama estrutural e de relações, jamais será um objeto simples, palpável e concreto. Como disse Silva (1997, p. 86), "Cada ângulo permite imagens diferentes. A imagem extrapola o limite da forma. Imagem e imagens da cidade variam conforme quem a vê".

O grande desafio dos espaços públicos dentro da cidade é reconstruir de forma efetiva e afetiva a sua dimensão social novamente. Resgatar o movimento humano dentro de uma urbanidade participativa e que aconteça coletivamente seria um passo decisivo na retomada da cidade enquanto bem comum.

Dessa forma, a fala do Sr. Centro traduz muito bem essa mutabilidade que a cidade constantemente está vulnerável. Quando ele diz que preferia o tempo de antigamente, sua fala elucidada que o tempo de outrora lhe dava mais segurança e conforto. O Centro para ele era mais agradável, pois se podia andar mais tranquilamente e aproveitar os espaços públicos, como as praças, de maneira mais relaxada.

Durante a aplicação de cada Mapa Afetivo, eu inseri algumas perguntas para os participantes, na tentativa de aprofundar ainda mais a conversa que tive com eles. Abaixo, encontramos um quadro que resume essas perguntas. Cada mapa afetivo traz um quadro desses posteriormente. Abaixo, temos as perguntas feitas ao Sr. Centro (Quadro 6).

Quadro 5 – Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Centro

O que é uma paisagem para você?	O que essa paisagem que você observa te faz sentir?	O que é mais importante para você no seu bairro?	O que você conservaria e o que mudaria?
Muitas árvores bonitas, bem podadas. Ou morar no prédio de 33 andares. De lá a paisagem pro mar vê tudo. É uma paisagem também.	Eu sinto que merecia ter reforma para melhorar. A casa velha aqui pra derrubar pra fazer prédio. Tinha que derrubar porque tá muito velho já.	Pra mim é trabalhar aqui e ter minha tranquilidade. Faço o meu serviçozinho, pinto prateleira. Eu gosto daqui. Eu abro aqui 8h da manhã e fecho 11h30. Aí 2h30 abro e depois fecho 5h, cinco e pouco porque fica esquisito o Centro, não tem mais carro na rua.	Conservaria: não tenho nada a dizer Mudaria: As estruturas da loja. Fazer um espaço bom. Aqui é muito apertado, umas coisas em cima das outras.
Sairia daqui? Por que?	O que seria um bairro ideal na sua opinião?	O que seria uma cidade ideal na sua opinião?	O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?

Sairia, porque é muito ruim de vendas. Nos bairros é melhor. Eu é porque já me acostumei aqui. Passo dois ou três meses sem vender nada. Já tô acostumado. O aluguel daqui é muito barato, 350 reais. Se fosse caro eu já tinha saído fora porque não dava. Esse ponto aqui é de uma pessoa da Aldeota, eu conheço.	Um bairro que tivesse mais comércio. Que você bota as coisas e vende. Aqui tem custo pouco pra mim.	Uma cidade com bastante emprego, pra todo mundo. Comércio. O comércio funcionar é importante. Uma cidade sem emprego nem tem comércio nem tem nada.	Não tem nada de bom. De ruim tem é muito. Muito ladrão e vagabundo. De noite aqui eu não saio não, tem assalto.
---	---	---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5.2.2 O Sr. Barra do Ceará

Meu segundo trabalho de campo foi no bairro Barra do Ceará. Como de costume, tracei toda a rota pelo Google Earth, pesquisei os ônibus que necessitaria pegar para chegar e sair de lá depois da entrevista. Desci na Rua José Lima Verde e fui andando, olhando para a beleza do Rio Ceará que desemboca no mar há alguns metro de onde eu estava. Desci um pequeno declive no relevo e fui em busca de conversar com um senhorzinho vendedor de bronzeador, ali na beira da pista. Dei boa tarde e perguntei se poderia fazer uma pesquisa da universidade com ele, com prontidão ele disse que não. Afinal, tava cochilando quando eu interrompi o seu sono. Agradei e sai sem jeito, mas confiante de que encontraria alguém com quem conversar.

Há alguns metros a frente, visualizo um vendedor de água de coco. Agora eu estava na Rua José Roberto Sáles, em cima do calçadão da praia. Eu com sede aproveito o motivo para solicitar um coco gelado, sentar e pegar uma sombra. Aquele dia estava muito quente e era de tarde, umas 14h. Sento, bebo a água e começo a indagar sobre o pessoal que trabalha limpando carro ao redor do calçadão, a fisionomia deles de desgastados e de que eram usuários de drogas, saltou ao meus olhos. Logo depois chega um carro de polícia há poucos metros dali e eu pergunto ao vendedor se houve alguma coisa. Ele me relata que por cima de um pequeno morro, que dá para ver de onde a gente estava, bem na beirada da rua, é a favela que se chama Favela do Rato. Ele me contou que na noite anterior teve muito tiroteio e que os policiais estavam rondando a todo momento por aquela área. Contou-me fatos violentos, que prefiro não descrever aqui.

A fisionomia pobre da paisagem é nítida, mas a fisionomia linda do mar e do Rio Ceará é de encher os olhos com tanta beleza. Pergunto se o vendedor de coco pode me ajudar

na pesquisa que estou realizando, explico brevemente sobre o que se trata e ele, meio sem jeito, aceita. O chamarei de Sr. Barra do Ceará, seus dados estão logo abaixo (Quadro 7).

Quadro 6 – Dados sociodemográficos do Sr. Barra do Ceará

Idade: 62	Sexo: Masculino (x) Feminino ()
Profissão: Comerciante (Trabalhava com carro de segurança - BRINKS)	
Naturalidade: Piauí	
Bairro de moradia: Planalto das Goiabeiras (bairro vizinho)	
Tempo de residência: Aproxim. 5 anos na Barra do Ceará	
Bairro onde trabalha: Barra do Ceará	
Nível de escolaridade: Até a 8ª série	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A Narrativa Ambiental do Sr. Barra do Ceará é a seguinte:

Eu trabalho aqui há 5 anos. Gosto, acho bom. O defeito aqui é esse problema do pessoal que não se entende um com o outro. Mas o trabalho aqui é muito bom, a gente vende um coco. Aqui é agradável. O pessoal é humilde, legal. Onde você chega você encontra amigo.

Sobre o problema de trabalho aqui é que eles querem tirar a gente porque vão fazer o calçadão aqui na área marítima da Barra do Ceará. Eles prometem dar boxinhos e carro de lanche pra gente trabalhar. Eu tenho medo porque eu já não tenho emprego. Eu vivo disso aqui.

Eles falavam em tirar a gente daqui há uns 3 anos. Ficamos preocupado. Enquanto eles não tirar nós a gente tá por aqui. (D.C, Sr. Barra do Ceará, 2018, M, 62)

O Sr. Barra do Ceará revela que o seu trabalho é bom e que gosta muito de onde está. Contudo, os problemas de violência ou retirada dos ambulantes que trabalham no calçadão é algo que ele tem bastante receio. A **Paisagem do Medo** é expressa pela ameaça de diferentes lados, tanto pelas brigas por conta do tráfico de drogas quanto pelo medo de perder o local de sustento.

Tuan (2005) ressalta que as paisagens do medo sempre estiveram presentes na história da humanidade, e que modifica-se, como elemento multicafejado, de acordo com o contexto e com a ameaça que se apresenta. No meio urbano, essas ameaças surgem por diversos lados e têm inúmeros motivos e resultados no psiquismo humano e no modo como as pessoas se comportam.

Ao perguntar ao Sr. Barra do Ceará o que ele pensa sobre o seu bairro ele responde que: "Querida que melhorasse mais. Porque a violência tá grande demais. Hoje de noite deram mais de cem tiros. Se tivesse gente tinha morrido tudo. Passa dois dias tranquilo e depois volta. Como é que pode viver assim? A gente não sabe quando ou o momento que pode chegar". Adiante, temos o mapa afetivo do Sr. Barra do Ceará (Quadro 8).

Quadro 7 – Mapa Afetivo 2 - Sr. Barra do Ceará

Estrutura	
Mapa Cognitivo (descreveu a praça e o seu principal símbolo)	
Significado	Qualidade
Às vezes, o pessoal vem pra bater foto do mar. Ver o lugar que é bonito demais. Aqui é um ponto de visitação.	A gente é acostumado aqui. É o ponto da gente trabalhar todo dia. Não tem outra mudança, é isso mesmo. A gente espera melhoras.
Sentimentos	Metáfora
Medo. Surpreendido. Encanto. Perigo Não sossego.	Bairro - Rio de Janeiro
<p>Figura 5 – Desenho do Sr. Barra do Ceará</p> <p>Não desenhou, mas deu referências sobre o que desenharia.</p> <p>Praça Santiago, do Pólo de Lazer da Barra do Ceará. Que tem 407 anos. Possui um Marco Zero.</p>	<p>Figura 6 – Fotografia feita pelo Sr. Barra do Ceará</p> 
Sentido	
O Bairro - Rio de Janeiro, cuja imagem de insegurança emerge, é aquele onde sentimentos de medo, perigo e surpresa ressaltam. É onde o entrevistado enfatiza que " Não tem hora e nem dia marcado. Não respeita a polícia, não respeita ninguém". Sua imagem fotográfica representa a beleza que o Sr. Barra do Ceará tanto admira e diz ser um dos principais motivos da sua alegria. Apesar da imagem ser de encanto, por trás dela há conflitos constantes e que ameaçam a permanência dele ali.	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em seguida, temos o Quadro 9, que contém as perguntas feitas ao Sr. Barra do Ceará, e suas respectivas respostas.

Quadro 8 – Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Barra do Ceará

O que é uma paisagem para você?	O que essa paisagem que você observa te faz sentir?	O que é mais importante para você no seu bairro?	O que você conservaria e o que mudaria?
Isso aqui é uma paisagem (apontou para a praia).	É uma alegria a gente vendo um rio desse. A gente aqui mora quase dentro do mar.	O importante é meu trabalho mesmo, os amigos para conversar.	Conservaria: as árvores novas que foram plantadas Mudaria: A condição de trabalho, comprar mesa, mercadoria. Ter mais estrutura.
Sairia daqui? Por que?	O que seria um bairro ideal na sua opinião?	O que seria uma cidade ideal na sua opinião?	O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?
Não. Porque aqui é muito bom, o clima é bom. É ventilado. Não sairia não.	Segurança, apoio pra bem-feitoria.	Segurança, apoio pra bem-feitoria.	Tudo, menos a guerra que não tem condição de ser boa. Mas o resto é bom demais.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5.2.3 A Sra. Praia do Futuro II

Meu terceiro trabalho de campo foi no bairro Praia do Futuro II. Dessa vez eu não tinha traçado a rota tão bem e nem planejado os ônibus que pagaria. Fui perguntando as pessoas se o ônibus passava lá para o lado que eu tinha interesse de ir. Desci no final da linha do ônibus Papicu/Caça e Pesca/1, na Rua Germiniano Jurema e fui andando até a Av. Dioguinho. Nunca tinha ido naquele local, me era totalmente desconhecido. Fui na calçada de uma pequena lanchonete porque tinha visto uma senhora bem idosa sentada e segurando a sua cachorrinha pela coleira, era uma Pinche. Tinha a coleira cor de rosa. Quis puxar assunto com a senhora, mas uma familiar dela já vinha e ambas foram embora. Pensei em aplicar a pesquisa na lanchonete que tinha na frente daquela calçada, mas a moça estava com uma cara de não tão solícita. Andei mais um pouco, vi uma rua de calçamento, alguns cachorros de rua super magros e tristes, mais a frente um morador de rua totalmente perturbado mexendo no lixo procurando algo para comer. Ele estava psicologicamente descontrolado e eu fiquei com um pouco de receio. Então, entrei em uma lanchonete que tinha bem do meu lado.

Sentei na cadeira, pedi um pedaço de bolo mole e fiquei no aguardo de uma possível pessoa para entrevistar. Não apareceu ninguém logo, as pessoas que entravam na lanchonete logo saíam. Até que tive a ideia de pedir a moça que atendia no estabelecimento. Ela, meio envergonhada, aceitou sem demora. Avisou a tia que iria sentar um pouco para conversar comigo. A tia meio desconfiada concordou. Adiante, temos alguns dados da Sra. Praia do Futuro II (Quadro 10).

Quadro 9 – Dados sociodemográficos da Sra. Praia do Futuro II

Idade: 21	Sexo: Masculino () Feminino (X)
Profissão: Atendente na lanchonete da tia	
Naturalidade: Fortaleza	
Bairro de moradia: Praia do Futuro II	
Tempo de residência: 21	
Bairro onde trabalha: Praia do Futuro II	
Nível de escolaridade: 2º ano do ensino médio (parou de estudar)	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A Narrativa Ambiental da Sra. Praia do Futuro II é a seguinte:

Nasci aqui, tenho 21 anos. Gosto de ir para a praia. Tenho muitos amigos. Trabalho o dia inteiro na lanchonete com a minha tia, de 13h às 21h. Tenho só o período da manhã e o domingo para relaxar, passear. Aqui é tranquilo, gosto daqui. Parei de estudar no segundo ano do ensino médio porque eu estudava a noite e precisei trabalhar. (D.C, Sra. Praia do Futuro II, 2018, F, 21)

A Sra. Praia do Futuro II conta que o trabalho preenche muito seu tempo, onde os estudos precisaram ser deixados de lado para que ela pudesse trabalhar. A **Paisagem do Restrito** expressa a limitação das oportunidades no bairro, o contexto pobre e com poucas ofertas. Não posso julgar que a desistência dos estudos dessa garota tão jovem seja motivada totalmente pelo trabalho. Mas a limitação da conversa pode estar atrelada à limitação das oportunidades do bairro também.

Ela me relatou que os espaços de lazer são poucos, se resumindo a uma praça e a praia. Perguntei para mim mesmo: Quais são as outras formas de sociabilidades dessa juventude, então? Fiquei curiosa para conhecer esse bairro mais a fundo, principalmente o pessoal jovem. Por eu ser da mesma década que a garota, eu me senti triste por ver o seu cotidiano tão limitado.

Como pontuou Bomfim (2010, p. 72),

[...] o bairro é uma categoria social de identificação em âmbito menor que a cidade. Os bairros sempre refletem algo das características econômicas, étnicas e culturais de seus moradores. No conceito de bairro há um componente da identidade individual e social. Perguntar a uma pessoa de que cidade ela é, não a constrange tanto como perguntar em que bairro vive, no último caso, há uma localização mais precisa de seu status social.

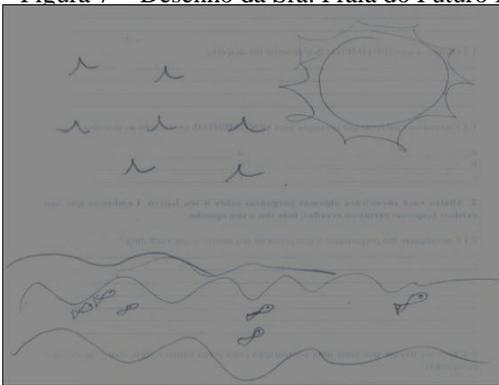
A identidade com o bairro é de fundamental importância, pois liga o morador de forma mais ampla ao seu contexto. A recusa e o estigma ruim de um de bairro influenciam diretamente no modo como as pessoas sobrevivem nele e interagem com o seu meio. Para que ele proporcione um sentimento de pertencimento e segurança é preciso de outros tantos elementos se façam presentes nessa realidade.

Ao ser questionada sobre o que pensa do seu bairro, a Sra. Praia do Futuro II afirma que: " É um bom lugar porque é calmo. Porque tem a praia, às vezes, eu vou lá". Hoje, no ritmo das cobranças para trabalhar por longas horas, o convívio de bairro esmaece e é enfraquecido. O sentimento de convívio de bairro necessita da participação, presença e reconhecimento da população que ali mora.

Nas linhas seguintes, está exposto o mapa afetivo da Sra. Praia do Futuro II (Quadro 11).

Quadro 10 – Mapa Afetivo 3 - Sra. Praia do Futuro II

Estrutura	
Mapa Cognitivo (desenhou o mar, o sol e os peixes)	
Significado	Qualidade
Lembra paz, tranquilidade, calma aqui da Praia do Futuro 2.	Lembra paz, tranquilidade, calma aqui da Praia do Futuro 2 (Repetiu a resposta).
Sentimentos	Metáfora
Paz. Calmaria. Beleza. Leveza.	Bairro - Praia do Futuro I

<p>Figura 7 – Desenho da Sra. Praia do Futuro II</p> 	<p>Figura 8 – Fotografia feita na Sra. Praia do Futuro II</p> 
Sentido	
<p>O Bairro - Praia do Futuro I, cuja imagem de agradabilidade emerge, é aquele onde sentimentos de paz, calma, beleza e leveza ressaltam. O Bairro - Praia do Futuro I é aquele que tem muita semelhança com a Praia do Futuro II. Sua imagem fotográfica representa a beleza que a Sra. Praia do Futuro II revelou gostar muito, tal como o desenho.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Em seguida, temos o Quadro 12, que contém as perguntas feitas à Sra. Praia do Futuro II, e suas respectivas respostas.

Quadro 11 – Perguntas e respostas adicionais à Sra. Praia do Futuro II

O que é uma paisagem para você?	O que essa paisagem que você observa te faz sentir?	O que é mais importante para você no seu bairro?	O que você conservaria e o que mudaria?
É um lugar bonito.	Calmaria.	A praia.	Não mudaria nada, mas queria que melhorasse os atendimentos dos postos de saúde, esgoto, pois em algumas ruas é a céu aberto, tem muito lixo na rua.
Sairia daqui? Por que?	O que seria um bairro ideal na sua opinião?	O que seria uma cidade ideal na sua opinião?	O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?
Não, porque eu gosto.	Que tivesse mais oportunidades de estudo e trabalho.	Ter mais segurança, mais saúde e moradia.	O que tem de bom é a praia. De ruim tem o esgoto, lixo.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Tanto o mapa afetivo quanto o quadro de perguntas, demonstram a limitação da jovem em conversar. Porém, mesmo que tenha falado pouco, ela deixa transparecer no seu discurso a falta de oportunidades que o bairro tem. Estudo e trabalho são temas centrais na sua fala, além de segurança, saúde, moradia e saneamento básico. O bairro, apesar de ser querido por ela, deixa muito a desejar para que seus moradores tenha uma vida mais sadia e plena.

5.2.4 A Sra. Conjunto Ceará

O quarto trabalho de campo foi no bairro Conjunto Ceará. Não o conhecia, na verdade, só tem uma lembrança de quando passei por lá quando tinha os meus doze anos de idade, por motivos odontológicos. Lembro que perto onde eu tinha ido quando adolescente tinha um canal muito grande, lembrei-me do Rio Sena que passa dentro de Paris, pois já tinha o visto pela televisão. Uma comparação um pouco grotesca, mas que tem uma pequena semelhança. A fisionomia urbana do Conjunto Ceará me era totalmente diferente de tudo o que eu tinha visto.

Um bairro muito comercial, durante o caminho todo, vi estabelecimentos dos dois lados das ruas (indo e vindo). Lojas, postos de gasolina, bancos, lotéricas etc. Um bairro de população muito densa, e com grandes quantidades de casas e comércios.

Passando em uma rua, encontrei a Sra. Conjunto Ceará, estava varrendo a calçada. Digo o meu motivo de estar naquele bairro e pergunto se ela pode me conceder alguns minutos da sua atenção. Ela, muito gentil, disse que sim. Mas que não poderia demorar muito porque estava tendo uma reforma em sua casa e que precisava ficar dando suporte ao pedreiro que ali trabalhava. Abaixo, segue os dados da Sra. Conjunto Ceará (Quadro 13).

Quadro 12 – Dados sociodemográficos da Sra. Conjunto Ceará

Idade: 56	Sexo: Masculino () Feminino (X)
Profissão: Estudante	
Naturalidade: Fortaleza	
Bairro de moradia: Conjunto Ceará	
Tempo de residência: 31 anos	
Bairro onde trabalha: Dona de casa	
Nível de escolaridade: Superior em andamento	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A Sra. Conjunto Ceará descreve a sua experiência com o bairro na seguinte Narrativa Ambiental, que se encontra logo abaixo. Fiz alguns recortes de parágrafos, pois a entrevista foi muito longa, o restante dela está disponível nos apêndices deste trabalho.

Eu nasci em General Sampaio, fui embora com mais ou menos 6 anos para Fortaleza. Eu tinha uma irmã que morava em casa de família e ela queria sair da casa de família, então trouxe eu e minha mãe para morar em Fortaleza.

Ela saiu da casa de família, foi trabalhar em fábrica e alugou uma casa para nós morarmos. Meu pai também veio de General Sampaio para Fortaleza, mas ele não se adaptou e voltou para General Sampaio. Então, em Fortaleza ficou eu, minha mãe e minha irmã Margarida. E depois de um certo tempo, eu não lembro o ano exato, ela conseguiu essa casa no Conjunto Ceará. Fez a inscrição, se inscreveu e conseguiu justamente essa casa que foi na rua 1159. Foi quando veio morar eu, minha irmã, um filho que ela tinha e minha mãe. Aí foi nesse percurso né, que eu trabalhava na época Mesbla no Iguatemi, era solteira e nesse percurso de trabalho eu conheci o meu atual esposo.

Quando eu cheguei no Conjunto Ceará, na quarta etapa, que era a etapa mais nova do Conjunto Ceará, as casas não tinham muros, só tinha calçamento e cada morador

se responsabilizava por fazer o seu muro. Aí foi evoluindo, cada um fazendo os seus muros e hoje o conjunto tem uma melhor estrutura. Hoje eu moro na rua 1163.

Eu amo o Conjunto Ceará porque eu cheguei aqui adolescente, aqui conheci o meu esposo, tive as minhas duas filhas e botei num colégio muito bom do Conjunto Ceará, que para mim é o Luiza Távora. Que foi onde deu início a educação das minhas filhas. Que hoje eu só tenho a agradecer. Ele é particular, mas assim, aqui tem um outro colégio que ele é particular, mas investe muito mais em estética e para mim o essencial não é a estética é o conteúdo, a educação, a maneira como a diretora lidava com o colégio. Ela até dizia que o colégio era particular, a gente pagava, mas a gente não mandava em nada. Ela que mandava. Foi ótimo.

Graças a Deus, minhas filhas foram criadas assim, eu trabalhava, o pai trabalhava, sempre com uma pessoa diferente. Quando não tinha minha irmã ou minha mãe me ajudava. Mas graças a Deus, eu sei que não fui uma mãe de estar ali educando, mas com a ajuda dos meus familiares são duas moças que me ajudaram bastante no meu dia-a-dia. Assim, alguns anos depois também ajudaram a criar os meus pais, então, sabe, foram filhas muito boas, foram netas boas que hoje eu acho que tudo que elas têm hoje são coisas boas que elas colhem do que elas plantaram, das atitudes que elas tiveram no passado.

O bairro hoje, nós temos dois bancos no Conjunto Ceará, que é o Bradesco e o Banco do Brasil, e também a Caixa Econômica. Nós temos mercantis grandes, como o Fonseca, o Super do Povo, Vitória Régia. Temos uma UPA no Conjunto Ceará, temos o Hospital Nossa Senhora da Conceição, muito antigo no Conjunto Ceará, quando eu cheguei aqui ele já existia. E temos o Posto de Saúde Marcelo de Brito. Ah! Temos um Liceu no Conjunto Ceará e tem bastante escolas grandes que eu não conheço tão bem não. Tudo que eu preciso resolver, eu resolvo aqui. Sabe o que falta no Conjunto Ceará? Um cartório, é a única coisa que a gente sente falta. Aqui tem tudo. (D.C, Sra. Conjunto Ceará, 2018, F, 56)

A entrevistada levanta muitos elementos constitutivos do bairro, tal como conta a sua história com ele. A casa, em sua fala, desempenha o papel de ligação com tudo o que diz respeito ao seu local de moradia. Para ela, a casa é a sua referência de vida familiar e a educação a porta que pode dar acesso às oportunidades. Ela revela que: " Eu amo o Conjunto Ceará porque eu cheguei aqui adolescente, aqui conheci o meu esposo e tive as minhas duas filhas".

A Sra. Conjunto Ceará, no restante da entrevista que está presente nos apêndices dessa pesquisa, relata muitos acontecimentos de família, e a casa está presente em todos eles. Afinal, foi a casa a sua primeira base para construir a sua vida em outro lugar longe do interior. A **Paisagem do Aconchego** expressa toda a segurança e realização de ter um lugar para chamar de seu e onde encontrar a família que lhe dá sustentação frente aos obstáculos do mundo. Adiante, temos o mapa afetivo da Sra. Conjunto Ceará (Quadro 14).

Quadro 13 – Mapa Afetivo 4 - Sra. Conjunto Ceará

Estrutura	
Mapa Cognitivo (desenho da casa)	
Significado	Qualidade
Representa a minha casa que para mim é o meu porto seguro.	A minha casa representa todos os sentimentos que eu sinto pela minha família, tem tudo.
Sentimentos	Metáfora
Amor. Segurança. Tranquilidade.Paz.	Bairro - Porto Seguro

Figura 9 – Desenho da Sra. Conjunto Ceará



Figura 10 – Fotografia feita pela Sra. Conjunto Ceará



Sentido

O Bairro - Porto Seguro, cuja imagem de pertencimento emerge, é aquele onde sentimentos de paz, tranquilidade, amor e segurança sobressaem. O Bairro - Porto Seguro está diretamente vinculado à segurança que a casa representa para a entrevistada, tal como a segurança que o bairro oferece a partir de todos os serviços de dispõe. Sua imagem fotográfica representa um local da casa muito particular, que é o pequeno jardim com plantas.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Nas linhas seguintes, temos o Quadro 15, que contém as perguntas feitas à Sra. Conjunto Ceará, e suas respectivas respostas.

Quadro 14 – Perguntas e respostas adicionais à Sra. Conjunto Ceará

O que é uma paisagem para você?	O que essa paisagem que você observa te faz sentir?	O que é mais importante para você no seu bairro?	O que você conservaria e o que mudaria?
Paisagem é viver em coletividade, é onde você tem relações afetivas. De uma certa forma você sabe do seu vizinho também. Por exemplo, na Aldeota quem mora nos prédios não vê pessoa na calçada e nem pode estar saudando o outro. Lá na Aldeota eles vivem apáticos. Eu gosto disso que tem aqui, dessa relação mais próxima, de sorrir para as pessoas.	Eu sinto felicidade, me sinto de bem com a vida.	Minha casa, minha família. A minha família está acima de tudo, pois ela não abandona nunca.	Eu conservaria o que já é bom, a tranquilidade da rua, os antigos moradores, a igreja. Eu mudaria o meu vizinho de rua, que é quase em frente, porque algumas atitudes dele me incomodam. Pois ele não respeita o espaço da rua, estaciona a frota de carros dele na rua toda e dificulta a passagem, até do pedestre. Porque ele estaciona em cima das calçadas alheias.
Sairia daqui? Por que?	O que seria um bairro ideal na sua opinião?	O que seria uma cidade ideal na sua opinião?	O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?

Eu nunca pensei em sair, mas por conta do vizinho eu fico muito incomodada. Eu gosto daqui, muito mesmo.	O meu bairro é ideal porque tem lojas, mercantis, UPA, bancos para pagar as contas, posto de gasolina etc. A única coisa que falta aqui é só um cartório.	Que as pessoas tivessem mais cuidado com a cidade, não jogar coisas na rua, cuidar das plantas.	De bom tem tudo. De ruim é essa insegurança que generalizou em todos os lugares. Antigamente, as pessoas respeitavam.
--	---	---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

O aconchego que a casa proporciona na Sra. Conjunto Ceará é semelhante ao que o bairro oferece por sua estrutura. Contudo, por mais que haja esse aconchego, esta realidade é atravessada por questões como a falta de segurança e estresse com uma pessoa, em específico, da vizinhança. Pelo fato da arquitetura do bairro ser de casas coladas umas nas outras e as ruas possuírem uma largura pequena, conflitos pelo espaço público da calçada e rua acabam gerando alguns desconfortos.

As relações de vizinhança, ao passo que dá a sensação de coletividade, também pode trazer algumas restrições. Em bairros grandes e populosos, como o Conjunto Ceará, que tem uma fisionomia de conjunto habitacional e por isso concentra muita gente, problemas como poluição sonora e apropriações indevidas do espaço, geralmente, são pontos recorrentes na vida cotidiana.

Bauman (2007) faz ponte de pensamento com a temática vizinhança, quando aponta que quanto mais as pessoas se afastam da sua vizinhança, mas precisam de mecanismos de vigilância. Onde os lares de muitas áreas urbanas existem para proteger os seus moradores e não integrá-los com suas comunidades. Formando os chamados guetos urbanos voluntários (representados por pessoas que têm condições de comprar casas luxuosas e apartadas dentro da cidade) e involuntários (aqueles que são mal vistos e por não possuírem capital o suficiente para se manter nas áreas mais benignas e agradáveis são forçados a irem para longe). "Separar e manter distância se tornam a estratégia mais comum na luta urbana atual pela sobrevivência" (BAUMAN, 2007, p. 78). Os bairros de periferia, especialmente, são guetos involuntários, cujos moradores não podem selecionar quem serão os seus vizinhos.

Quando questionada sobre o que pensa do seu bairro, a respondente revela que: "Eu gosto muito do meu bairro, aqui eu me sinto em casa. Mas ultimamente ele anda inseguro. Antes ele me passava mais segurança, mais tranquilidade". Podemos notar que há uma polissemia de sentimentos, onde eles estão, na verdade, bem misturados e intrinsecamente ligados ao ambiente que os são base.

5.2.5 A Sra. Sabiaguaba

O meu quinto trabalho de campo foi em um local que eu já conhecia, porém, que nunca tinha ido para fins de pesquisa. Nele, uma senhora sempre me chamou a atenção. A avó de um amigo, uma mulher especial e com uma história de luta e resistência. A chamarei de Sra. Sabiaguaba. Não nasceu lá, mas cresceu no bairro e trouxe mudanças para ele. Ser atuante e que conhece muita gente e é bastante conhecida também.

Pedi ao meu amigo que perguntasse para ela se ela poderia me receber um dia. Ela concordou. No tal dia estive lá. O meu amigo que me acompanharia, não apareceu e eu fui sozinha na casa da minha entrevistada. Caminho de terra batida, árvores em ambos os lados da rua, cujos terrenos são do Grupo Edson Queiroz, cheiro úmido de verde, paisagem com um horizonte de natureza. Fui andando sozinha, como quem ia na casa da avó também.

Chego e me deparo com a Sra. Sabiaguaba, ela está cuidando do gado com os netos. Dou-lhe um abraço. Ela me conta que já tinha chegado da sua plantação, e que agora que ia concluir o seu longo dia. Tento não atrapalhar a conversa dela com os netos. Espero do lado, sem pressa. Logo depois ela me chama para sentar e eu digo porque fui ali encontrá-la. Boa conversadora, a Sra. Sabiaguaba é super solícita e se dispõe a conversar sem grande demora.

Vai dentro da casa, ajeita algo na cozinha, vê se está tudo sob ordem. Depois vem ao meu encontro, e ali na área por trás da casa coloca uma cadeira de frente para mim, me olha com os olhos doces, sorri e diz assim: "Diga lá, minha fia, em que posso ajudá-la". Eu faço uma apresentação breve do meu trabalho e digo que estou ali para saber da história dela com o bairro, e gostaria que ela me contasse sobre a sua vida, rotina, fatos que demonstrem a sua relação com aquele seu lugar. Abaixo, está contido alguns dados sobre a Sra. Sabiaguaba (Quadro 16).

Quadro 15 – Dados sociodemográficos da Sra. Sabiaguaba

Idade: 76	Sexo: Masculino () Feminino (X)
Profissão: Agricultora	
Naturalidade: Lagoa Redonda (nasceu em 8 de dezembro de 1939)	
Bairro de moradia: Sabiaguaba	
Tempo de residência: 79 anos	
Bairro onde trabalha: Sabiaguaba	
Nível de escolaridade: "a vida" (ele me disse). Não estudou.	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A minha conversa com a Sra. Sabiaguaba dura mais de uma hora, a gravei toda no celular, e depois transcrevi quando cheguei em casa. A Sra. Sabiaguaba, com sua estatura

pequena, cabelo amarrado, pele enrugada pelo tempo, tem o olhar brilhante e um sorriso fácil. De fala apressada e pensamento muito rápido, tive que escrever depressa muito do que ela ia falando. A sua Narrativa Ambiental demonstra a vastidão de histórias que ela me contou. Por isso, selecionei algumas partes que considereei mais condizentes com a proposta desta pesquisa.

Aqui nois somo uma comunidade, famia. É tanto que a gente tem um grupo de oração aqui.

(Indaguei sobre a igreja que vi, que na realidade é evangélica. Dona Maria, que é católica, tem outra concepção do que é uma igreja, diz que a igreja de lá se chama Mãe Rainha, que é na Rua Pedro Mamede e diz que o seu grupo de oração faz parte dos Camilião).

Nois mesmo formamo um grupo de oração pra nois né! Porque não tem coisa mió de que a reza, conversar né! De oito em oito dia começa lá da Rua Pedro Mamede, aí um vai pra uma casa, aí quando termina o da rua lá, aí eles desce aqui na rua José Parente, aí chega aqui nessa minha, aí começa da primeira casa até a última lá. Aí volta pra trás de novo. Rezando em cada casa de oito em oito dia. Aí são as comunitárias das igrejas que vêm, que acompanha nois. Aí terça-feira foi a encerração, a festa muito animada que nois fizemo. Nois tudo somo católicos, meus fi e eu somo tudo católico.

Minha fia, meu pai nasceu num lugar que pra chegar é Sapiranga, lá é Rua dos Cazumba lá. Aí quando meu pai casou-se, veio morar nesse terreno que era da mãe dele. Aí em 94 a minha vó ainda era viva, mas aí ela tinha um irmão. Aí ela pediu: "José, eu quero que você venda aquele terreno". Aí o meu tio vendeu, que era esse aqui. Foi vendido prum homi que chamava-se Doutor Modéstio, era doutor advogado. Ele comprou isso aqui. Aí meu pai chamava-se Joaquim Nogueira Barbosa. Aí o segundo dono que comprou disse assim: "Sr. Angélico (que era o meu pai, ele só chamava o meu pai assim), eu quero que o senhor fique morando aí, tomando de conta do meu terreno". Papai disse: "Tá certo!". Aí ficou. Ele (o pai) ainda não tinha nenhum filho casado. Que o meu pai tinha duas famia. A minha mãe criou João, Joana (que eram gêmeos) e Manuel. Minha mãe criou. Que eram os primeiros filhos da primeira mulher do meu pai. Mas a famia da mamãe era nove filhos, tava tudo reunido dentro de casa. Aí ele vendeu e o meu pai ficou morando, aí os fio chamava-se Doutor Modéstio.

Em 57, no dia 8 de junho de 57 eu me casei. Aí tinha lá em casa um cajueirão, aí ele chegava e se sentava.

Aí eu disse: "Doutor Modéstio, hoje eu quero ter uma conversa com o senhor".

Ele: "Não minha fia, pode falar o que você quiser".

Ela: "Eu quero que o senhor me dê uma morada aqui pertinho do meu pai. O Senhor dá?".

Ele disse: "Dou minha fia, mas eu lhe dou três meses de posse".

Ela: "E escreveu".

Ele: "Eu lhe dou três meses de cláusula, no dia que eu disser assim: Sr. Angélico, eu quero meu terreno desocupado por você e a sua fia. Aí você tem três meses pra você se virar".

Ela: "Aí ele morreu e deixou sem ata (sem o papel). Aí eu fiquei morando". (D.C, Sra. Sabiaguaba, 2018, F, 76)

A Sr. Sabiaguaba me conta sobre como foi a sua chegada e como conseguiu a casa que ela mora até hoje. Em sua narrativa fica nítido que todo esse processo passou por várias pessoas da família. Ou seja, envolve gerações. A Sra. Sabiaguaba é agricultora e não pára quieta. Sempre em movimento, esbanja uma saúde linda nos seus 76 anos de vida.

Indago sobre a rotina dela e ela me responde:

Minha filha, a minha rotina vou lhe dizer:

Eu me levando 4h da manhã, eu venho pro pé do meu fogão. Se convém, se hoje eu for cozinhar tudo, feijão, arroz. Aí eu boto a água do café aqui, a do feijão aqui, o arroz aqui. Aí faço o café, deixo o feijão cozinhando. Aí eu ajeito duas garrafas de café, uma pra ficar em cima da mesa pra quem for se levantando for bebendo, e a outra eu boto numa sacola pra eu levar pro meu traibio.

Aí eu entro no meu banheiro, tomo um banho. Aí vou pro meu espeio, eu me olho, boto um cremezinho, boto um shampoizinho, aí visto a roupa deu ir pro meu traibio. Aí bem, eu tô lá até mais tardar, é 10h40. Volto de lá pra cá, chego aqui no horário que os meus três netos chega. Aí vou cuidar do almoço de todos: é eu, eles três e dois fi. Só na hora do almoço. Aí pronto, termino, se der tempo, eu lavo as vazia nessa pia, se não der, eu arrumo bem arrumadinho nessa pia e vou me embora pro meu traibio. Quando eu chego é 6h, 6h30, não tem horário pra chegar. 1h, 1h30 eu tô voltando pra lá, aí eu só venho esse horário. 5h30 até 6h. Lá eu pranto alfaça, cuentro, a cebola e o pimentão. Aí no período que o inverno termina, nós pranta isso durante o inverno. Quando o inverno termina, nois diminui aquele tanto. Se for até acolá naquela casa nois parte no meio, aí lá nois vamo prantá o mio, o feijão, a melancia e o girimun. Fica com bem pouquim verdura porque no verão a verdura cai de preço. E nós gastamo muito, a mão de obra nossa se precisar pagar um traibaiador a gente vai pagar, aí tem o veneno, tem o estrume. Um carrada de estrume custa 2 mil reais. Aí tem o óleo do motor, 70, 60 real por semana, o óleo do motor. Aí precisa de um veneno, precisa de um adubo, precisa de uma coisa assim. Aí nesse período a gente diminui, deixa com bem pouquinha verdura. Aí chega a fatura do mio, do feijão, da melancia, do girimun, o verão todim. Quando chega novembro, agora eu já comecei. Quando chega novembro, dezembro a gente volta pra trás tudo de novo. Acabou-se o feijão, o mio. A gente vai continuar a verdura. (D.C, Sra. Sabiaguaba, 2018, F, 76)

A rotina da Sra. Sabiaguaba é repleta de afazeres e a sua relação com a terra é de extrema importância para ela. Ela revela que aprendeu tudo com o pai, e que até hoje vive da terra. Aprendiz da vida me diz:

Quando eu me casei eu já sabia o que era criar um ffo, eu sabia o que era ser dona duma casa, eu sabia tudo no mundo. Eu nunca fui num colégio, mas essa crise foi melhor do que talvez eu tivesse ido prum colégio. Eu aprendi tudo no mundo. Amar, respeitar, trabalhar, querer bem. Por causo disso (D.C, Sra. Sabiaguaba, 2018, F, 76).

Sobre o bairro, me revela que: "Antigamente isso daqui era Lagoa Redonda, aí depois dessa estrada que formaram aí mudaram aqui o endereço nosso. Aqui de primeira era Lagoa Redonda, distrito de Messejana. Agora não, tudo é Sabiaguaba"(D.C, Sra. Sabiaguaba, 2018, F, 76).

Nessa entrevista, fui mais do que nunca ouvidos e coração. A história da Sra. Sabiaguaba era tão grande e tão interessante que eu tentava interromper o mínimo possível no fluxo de pensamento dela e a consequente contação das suas histórias. Ela me contou sobre os hábitos de outrora, dos moradores de sua rua e como mudou bastante.

É como eu ia dizer, olha, a três anos atrás aqui todo mundo se reunia. Vinha aqueles dois meninos dali, esse aqui, aí tinha uns baquinhos ali perto desse muro. Todo mundo até 8h, 9h da noite sentava ali, nois tava ali tudo reunido conversando. Hoje a gente não faz mais isso. Essa porta da frente eu não abro durante o dia, só se eu tiver com mais uma pessoa sentada lá na sala, aí eu abro. Mas fora disso nois não tem mais confiança de abrir. Pra nois já modificou né? Eu acho pra mim que já

modificou, a nossa moradia não é mais como era. (D.C, Sra. Sabiaguaba, 2018, F, 76).

O medo da violência foi expresso em muitas falas da Sra. Sabiaguaba. A Sra. Sabiaguaba é uma liderança da sua rua, que até então não existia. Hoje, a rua leva o seu nome. A Sra. Sabiaguaba, através de ofícios comunitários e mobilizações para colher assinaturas dos moradores da rua, conseguiu instalar ali luz elétrica, água encanada e telefone. Sua coragem, ativez e esperteza a fizeram frequentar as empresas que disponibilizam esses serviços, tal como fez contatos com políticos que conheciam o bairro.

Quando a questiono sobre o que sente quando pensa no seu bairro ela me conta:

Eu sinto muito orgulhosa, eu sinto felicidade de eu morar aqui, de vir muita gente a minha procura aqui, não veio só você, já veio muitas e muitas pessoa aqui a minha procura pra conversar comigo. Até a TV Jangadeiro já veio aqui. Aí eu me sinto orgulhosa né! E mesmo assim eu agradeço muito a Deus por eu ter tido essa oportunidade de eu ter criado a minha famia aqui, como pobre, mas não tem nenhum errado. Todos não tem nenhum formado, mas todos passaram pelos colégio, uns fizeram a oitava, outros fizeram a quinta, outros a sexta, mas tudo passaram pelo colégio, tudo sabe assinar o seu nome. Tudo trabalha, tudo são trabaaiador, são dono das suas responsabilidades. (D.C, Sra. Sabiaguaba, 2018, F, 76).

Porém, a Sra. Sabiaguaba revela também o medo da violência que tem se alastrado pela cidade. Ela me diz:

Eu penso assim, minha fia, que eu rezo muito e peço a Deus nas minhas oração que não modifique mais que já tá. Que não é pra ficar perdido. Porque muitos cantos que você vê falar, que os marginal chega, manda desocupar as casas pra eles se apossar né?! E muitos cantos que não pode dormir, aqui nois pode dormir, nois dorme se quiser, até de porta aberta. Tudo é famia. Quem aparece, às vezes, é conhecido dos menino, não bole em nada. Aí por isso eu digo: "Eu peço muito a Deus que num modifique, não mais do que o que já tá". (D.C, Sra. Sabiaguaba, 2018, F, 76).

Através do seu relato é possível notar que o sentimento de vizinhança é muito forte, e que o conhecer quem mora ali passa uma sensação de segurança que a tranquiliza. A Sra. Sabiaguaba teve onze filhos, perdeu alguns, mas não esquece de frisar a satisfação que é tê-los por ali ao seu lado. Alguns comportamentos em relação à rua mudaram por conta do contexto do medo na cidade. Porém, os hábitos de encontros, das visitas ainda permanecem como forte vínculo entre as pessoas da rua. A rua, em si, é quase um bairro. De tanta história que tem, daria para escrever um livro. Abaixo, temos o Quadro 17, que é o mapa afetivo da Sra. Sabiaguaba.

Quadro 16 – Mapa Afetivo 5 - Sra. Sabiaguaba

Estrutura	
Mapa Cognitivo (seria o desenho da rua e de uma casa)	
Significado	Qualidade

O significado dessa rua é a mim.	Não mudaria mais, deixaria do jeito que tá.
Sentimentos	Metáfora
Agradecimento. Felicidade. Orgulho.	Bairro - Estrada Nova Igual a de São Paulo
<p>Figura 11 – Desenho da Sra. Sabiaguaba</p> <p>Não desenhou, mas quando perguntei o que ela desenharia ela disse que faria:</p> <p>A rua e a relação da rua com a casa.</p>	<p>Figura 12 – Fotografia feita pela Sra. Sabiaguaba</p> 
Sentido	
<p>O Bairro - Estrada Nova Igual a de São Paulo, cuja imagem de pertencimento emerge, é aquele onde o sentimento de orgulho se expressa com força. O Bairro - Estrada Nova Igual a de São Paulo faz referência a construção de uma grande estrada de foi feita em Sabiaguaba, que parece as grandes estradas de São Paulo. Sua imagem fotográfica é o caminho que a entrevistada faz todos os dias para o início da sua jornada de trabalho. Apesar de falar da grande estrada, é o seu caminho de erra batida que ela desejou expressar.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A entrevista com a Sra. Sabiaguaba foi a mais rica em detalhes. E ela levantou inúmeras questões sobre trabalho, medo na cidade, relações de vizinhança, implicação com o bairro e a ação para transformá-lo. A Sra. Sabiaguaba é uma pessoa ainda atuante junto com outros moradores, e ela, mesmo sem se vangloriar, cria uma dinâmica simples e bonita em seu bairro. Que é esse movimento que ela gera entre as pessoas.

A estética urbana, mesmo que a Sra. Sabiaguaba more há poucos metros do mangue, sobressalta aos olhos tal como a construção da Estrada Nova no bairro Sabiaguaba. Ao comparar essa estrada do seu bairro às estradas de São Paulo, ela diz o seguinte:

Minha fia, eu fui uma vez em São Paulo, umas parte eu achei assim parecia com isso aqui né! Lá onde a minha menina morava. Lá eu achava bonito, assim, a gente só não tinha era liberdade porque lá a casa dela era muito, os muro era muito alto, nera. Eu dizia assim: "Oh! Joceli, eu vou me embora quais que eu não vejo o sol" (Risos). Mas eu achava assim, tinha canto assim que eu achava parecido com isso aqui. Uma estrada lá que ela me levou pra nois ir pruma feira, parecia essa estrada nova que fizeram aí. Desse mesmo jeito, a gente caminhando e os ramim, tanto pezinho de planta assim nas coxia de um lado e outro. Aí eu digo: "Joceli, isso aqui parece a estrada nova que fizeram lá". (Risos). (D.C, Sra. Sabiaguaba, 2018, F, 76).

A relação da Sra. Sabiaguaba com a natureza é muito forte. E isso sai na sua fala, quando conta que ao ir à São Paulo visitar a filha, diz assim: "Oh! Joceli, eu vou me embora, quais que eu não vejo o sol". Tal fato, se justifica pela grande quantidade de prédios da

cidade, cuja verticalização dificulta a visualização do sol. Sol este que para a Sra. Sabiaguaba é essencial em sua vida.

Em seguida, temos o Quadro 18, com as perguntas feitas à Sra. Sabiaguaba, e suas respectivas respostas.

Quadro 17 – Perguntas e respostas adicionais à Sra. Sabiaguaba

O que é uma paisagem para você?	O que essa paisagem que você observa te faz sentir?	O que é mais importante para você no seu bairro?	O que você conservaria e o que mudaria?
Minha fia a paisagem, eu acho, eu acho assim, porque eu me deito quando eu me levanto eu saio pra fora. Oia, eu fico no meio dessas duas casas aí olhando pra paisagem que o dia vem clareando, o sol. O sol é o planeta pra mim mior do mundo, é o sol. A lua ela aparece de oito em oito dia, ela só clareia de quinze em quinze dia. E o planta do sol ele clareia pra nois enxergar todo dia. Pra mim, essa paisagem aqui pra mim, que eu espio pra cá é tudo na minha vida. (Risos).	Eu me sinto muito feliz nessa caminhada que eu faço todo dia. Eu vou andando, eu não vou calada. Pode até você um dia, você chagar perto de mim e você dizer assim: "Aquela mulher tá doida, que ela vai conversando só". Eu não ando só, eu ando com Deus e ando conversando com ele. Eu ando conversando, agradecendo o que eu já passei, as coisas pesada que eu já passei. Hoje em dia é outra, mas todo tempo agradecendo a Deus.	"Olhe, eu vou dizer pra vocês que agradeço muito a Deus, me acho muito feliz no meio da minha famia. Eu me acho feliz, me acho assim uma pessoa que eu sou muito sorteada por Deus, porque, minha fia, muita coisa veio pra acontecer comigo e Deus desviou".	Acho que um bairro bom é a pessoa viver sossegada onde mora né?! Sem preocupação, se a pessoa ir dormir: "Mas será que vão me roubar? Será que vem me matar?". Eu acho que canto bom é assim né?! Tranquilidade, a pessoa viver tranquilo é a melhor coisa do mundo. Eu me acho muito tranquila.
Sairia daqui? Por que?	O que seria um bairro ideal na sua opinião?	O que seria uma cidade ideal na sua opinião?	O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?

<p>Não, daqui só pra derradeira morada. Pro cemitério.</p> <p>Minha fia, não sairia daqui porque aqui foi que eu ganhei tudo na minha vida. Tudo quanto eu tenho foi prosperado nesse chão.</p>	<p>Não ter violência.</p>	<p>Andar tranquilo.</p>	<p>Minha fia, o que tem de ruim, é só, o que eu acho só umas pessoas que aqui e acolá aparece desconhecido no mei da famia. É só o erro que eu acho aqui. Se chega aparece uma pessoa de fora daqui... Uma vez eu perguntei assim pros menino: "Meu fio, quem é aquela pessoa ali?" Se for conhecido, eles dizem. Se não for, eles dizem: "Vó, eu nunca nem vi". Aí a gente já fica sobressaltada né?! Ninguém não sabe quem é e quem não é. Aí sempre eu digo, eu deixo essas coisas aqui, a geladeira aqui do lado de fora, tudo aqui, essas coisas aí tudo cheio de roupa. "Muié, tu não tem medo que roube não?". Tenho não! Só se vier uma pessoa de fora. Mas aqui da minha rua eu acho que não tem. Eu acho que não tem quem tem coragem de vim aqui. Esses que é nascido e criado aqui não tem nada o que temer. Aí se aparecer uma pessoa de fora errada, aí é mais fácil. Risos...</p>
---	---------------------------	-------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na conversa com a Sra. Sabiaguaba tive a dimensão que o lugar pode exercer na vida das pessoas. A ligação mais profunda não se baseia apenas da casa e nem na rua, mas na relação que você consegue construir a partir disso tudo. A Sra. Sabiaguaba é um bom exemplo da potência de ser a agir que o bairro pode proporcionar na vida das pessoas. É claro, que as desigualdades sociais limitam certas ações, contudo, a pessoa, tal qual a Sra. Sabiaguaba podem ser potências criativas e dinamizadoras dentro do bairro. Mesmo perante o contexto humilde e simples.

A **Paisagem do Provento** é expressa, nesse caso, quando diz respeito sobre tudo o que ali a pessoa conseguiu construir. E isso é expresso na fala da entrevistada quando diz: "Minha fia, não sairia daqui porque aqui foi que eu ganhei tudo na minha vida. Tudo

quanto eu tenho foi prosperado nesse chão". E quando questionada se sairia dali, ela afirma que: "Não, daqui só pra derradeira morada. Pro cemitério".

Conforme apontado por Dardel (2015, p. 31),

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda a redução puramente científica. Ela coloca em questão a tonalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue.

Portanto, o bairro em questão representa, a partir do que o autor disse, essas ligações existenciais, a dita geograficidade. Onde a terra, o chão, passa a ser lugar de realizações que movem vidas, desejos e sonhos. Lugar, em si, onde a vida prospera.

5.2.6 O Sr. Cidade 2000

No sexto trabalho de campo, segui para um local da cidade que já tinha conhecido, mas me lembrei do estranhamento que senti quando fui pela primeira vez. A Cidade 2000 parece uma pequena cidade dentro de Fortaleza, tem de tudo. E o que mais me impressionou foi a estrutura urbana tão planejada. Tudo no seu devido lugar. Praça, farmácias, lojas de roupas e calçados, óticas, supermercado, lotérica, loja de pets, churrascarias, restaurantes, comércio de frutas, bancas de revistas, salões de beleza, frigorífico, sorveterias, lanchonetes, escritórios, academias e áreas de lazer entre os quarteirões, além da boa oferta de linhas de ônibus... tudo ali contido em um perímetro urbano tão pequeno. O bairro Cidade 2000 é sinônimo de pólo gastronômico e é frequentado por muitas pessoas.

Uma área privilegiada e bastante valorizada. A história que fiquei sabendo era que naquela área havia uma lagoa, que foi aterrada para dar lugar à construção das residências. A Cidade 2000 tem nas suas costas o Parque do Cocó. Ou seja, o tempo é agradabilíssimo.

Entrevistei um morador jovem, estudante e que vive ali há muitos anos. Teço alguns dados sobre ele no quadro abaixo (Quadro 19).

Quadro 18 – Dados sociodemográficos do Sr. Cidade 2000

Idade: 29	Sexo: Masculino (X) Feminino ()
Profissão: Estudante	
Naturalidade: Fortaleza	
Bairro de moradia: Cidade 2000	
Tempo de residência: 22 anos	
Bairro onde trabalha: Benfica	
Nível de escolaridade: Superior completo	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Sua Narrativa Ambiental diz o seguinte:

Minha mãe veio pra cá quando eu tinha 7 anos de idade. Ouve relatos da minha tia Dasdores, que ela é moradora antiga daqui, desde a década de 80, que o bairro nessa época não tinha nenhum tipo de estrutura, não era urbanizado, onde só uma ou outra rua que tinha urbanização. E tinha uma linha de ônibus que passava pelo Hospital Geral. A partir dos ano 2000 é que o bairro se desenvolveu com mais intensidade, com a vinda de supermercado, houve a reforma do Posto de Saúde Rogoberto Romero, a reforma da igreja, em 2010.

As mudanças mais recentes foi a reestruturação horizontal do bairro, que é a pavimentação da maioria das ruas, a construção da praça da delegacia e a reforma ainda não finalizada da delegacia. Isso está atraindo mais os olhares pra cá, pra que as pessoas venham ocupar mais o bairro. O custo de vida aqui é um pouco alto, mas o lado positivo é a segurança, acessibilidade e é uma zona de amenidades.

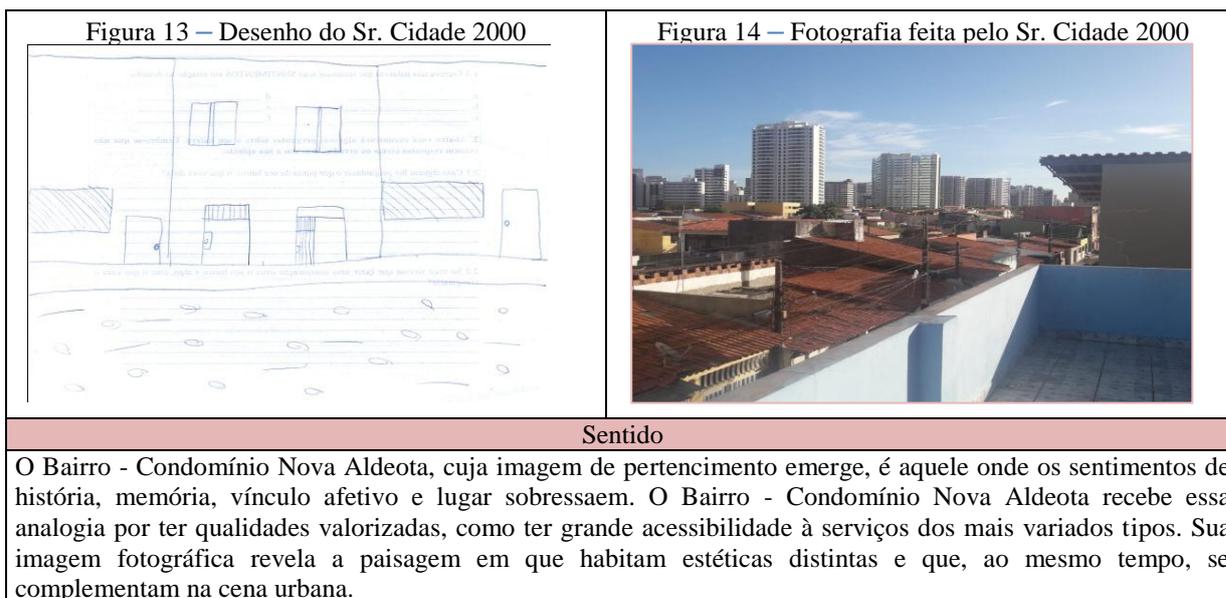
A minha relação com o bairro é de pertencimento. Eu me sinto incluído como morador, apesar de eu ser mais reservado, eu conheço todo mundo e cumprimento. (D.C, Sr. Cidade 2000, 2018, M, 29).

O entrevistado relata que as mudanças urbanísticas aconteceram com maior intensidade dos anos 2000 para cá. Contou-me que foi um bairro idealizado para os trabalhadores que cumpriam suas atividades naquela área da Aldeota e Centro da Cidade. Contudo, como ele bem coloca, isso atraiu bastante os olhares de fora. O que fez com que a Cidade 2000 perdesse o seu traço de bairro residencial de casas. Hoje, ainda é grande o caráter residencial, porém, com grandes condomínios fechados. O que aumenta o custo de vida em todo o entorno. Já que os padrões de vida dessas pessoas que moram nos condomínios residenciais, geralmente, é alto.

O Sr. Cidade 2000 foi sucinto nas palavras, pois estava apressado. Mas suas considerações foram válidas. Abaixo (Quadro 20), temos o mapa afetivo que ele respondeu.

Quadro 19 – Mapa Afetivo 6 - Sr. Cidade 2000

Estrutura	
Mapa Cognitivo (casas conjugadas e rua de calçamento)	
Significado	Qualidade
De espaço privado, minha casa, meu habitat.	História, memória, lugar.
Sentimentos	Metáfora
História, memória, lugar, vínculo afetivo, família.	Bairro - Condomínio Nova Aldeota



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A **Paisagem da Mudança** reforça esse teor da urbanização intencionada pela especulação imobiliária. A alteração é um processo de ordem contínua e valorativa. Onde cada ação é planejada e tem uma finalidade que, no caso, é o lucro.

Segundo Corrêa (1999, p. 23), quando se refere a ação dos promotores imobiliários, ela está correlacionada a alguns elementos, tais como:

- a) preço elevado da terra e alto *status* do bairro, b) acessibilidade, eficiência e segurança dos meios de transporte, c) amenidades naturais ou socialmente produzidas, e e) esgotamento dos terrenos para construção e as condições físicas dos imóveis anteriormente produzidos, conforme indica R. S. de Almeida. Estas características em conjunto tendem a valorizar diferencialmente certas áreas da cidade, que se tornam alvo da ação maciça dos promotores imobiliários: são as áreas nobres, criadas e recriadas segundo os interesses dos promotores, que se valem da maciça propaganda.

Todos esses fatores relacionados vão produzir o que o autor chama de bairros de *status*, que são atrativos ao capital imobiliário e criam novas zonas nobres pelo fato do esgotamento de áreas que estejam disponíveis em outros setores valorizados da cidade. "[...] os novos bairros nobres são efetivamente criados ou resultam da transformação da imagem de bairros antigos que, dispendo de alguns atrativos, tornam-se de *status* elevado" (CORRÊA, 1999, p. 23). Tudo isso, corrobora o posicionamento do respondente Sr. Cidade 2000 em relação ao seu bairro quando fala que: " Eu tenho uma visão otimista dele, afinal, tem uma demanda de moradia, é bem localizado e é um bairro muito bom de se morar.

Logo em diante, temos o Quadro 21 contendo as perguntas feitas ao Sr. Cidade 2000, e suas respostas.

Quadro 20 – Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Cidade 2000

O que é uma paisagem para você?	O que essa paisagem que você observa te faz sentir?	O que é mais importante para você no seu bairro?	O que você conservaria e o que mudaria?
São espaços e ambientes em geral. Uma comunidade, uma praia. Pode ser a minha casa.	Me sinto pertencente, com um sentimento de inclusão, de se fazer parte da própria formação do bairro e seu desenvolvimento.	As minhas raízes e relações familiares.	O bairro em si é bem tradicional, conservaria esse sentimento de familiaridade. Aqui eu sinto a falta de equipamentos culturais, sinto falta disso.
Sairia daqui? Por que?	O que seria um bairro ideal na sua opinião?	O que seria uma cidade ideal na sua opinião?	O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?
Não, porque eu gosto daqui. Sairia só se fosse para conseguir um emprego bom.	Um bairro com condições favoráveis para a melhoria do seu bem estar.	Seria uma cidade onde o IDH fosse de qualidade.	De bom, tudo o que eu disse antes, sobre estrutura e familiaridade. De ruim é porque o bairro é circundado por favelas, e algumas facções já dominaram. De uma lado tem a favela dos cocos, é uma delas dentre outras. Aqui é rodeado de favelas. Aqui é bem misto. Ao mesmo tempo é central e também periferia.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5.2.7 O Sr. Parquelândia

O meu sétimo trabalho de campo foi sem um alvo preciso. Sabia apenas que queria entrevistar algum vendedor de rua na Av. Bezerra de Menezes. Peguei o ônibus sem grandes preocupações, pois sabia que encontraria alguém com quem conversar. Desci e atravessei a avenida de grande fluxo de carros, ônibus e pessoas. Caminhei por alguns segundos observando a multidão, e no olhar atento avistei um vendedor ambulante bem na beirada da calçada.

No quadro abaixo (Quadro 22) teci algumas informações sobre ele. O chamarei de Sr. Parquelândia.

Quadro 21 – Dados sociodemográficos do Sr. Parquelândia

Idade: 46	Sexo: Masculino (X) Feminino ()
Profissão: Vendedor ambulante	
Naturalidade: Fortaleza	
Bairro de moradia: Padre Andrade	

Tempo de residência: 8 anos
Bairro onde trabalha: Parquelândia - Av. Bezerra de Menezes
Nível de escolaridade: Ensino fundamental

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Através da sua Narrativa Ambiental podemos conhecer melhor um pouco da sua história na relação com o ambiente urbano onde trabalha.

Eu trabalhava no Açá e fiquei desempregado. Comecei a vender salgado e depois vim pra cá. Já tô aqui há 4 anos. Aqui é bom de trabalhar. O problema é a fiscalização do shopping, eles que contratam da Prefeitura. Eu posso ficar aqui, no máximo 3 horas.

Depois eles chegam e eu tenho que sair. Aqui é tranquilo. O que tem muito aqui é acidente. Fico aqui de domingo a domingo, chego 10h ou 11h, e vou embora as 3h. No final de semana eu fico até às 8h da noite. (D.C, Sr. Parquelândia, 2018, M, 46).

O Sr. Parquelândia relata que o seu trabalho ali se deu por motivos de desemprego, e que a sua permanência nesse local pode ficar conflituosa caso não obedeça os guardas que fiscalizam a calçada. Percebi que o tempo de quatro anos convivendo naquele mesmo ponto, já lhe dá uma tranquilidade frente às adversidades de ocupação a apropriação daquele espaço. A entrevista foi rápida. Fiquei de pé perto do poste que ele encosta a sua bicicleta com todas as suas mercadorias. Água gelada, óculos escuros de diversas cores e modelos e pipoca enfeitam a sua bicicleta de trabalho. Nossa conversa teve algumas paradas para que o Sr. Parquelândia fosse vender água para os carros que paravam no sinal, e também para alguns clientes que vinham diretamente ao seu encontro na calçada.

O horário restrito de permanência do Sr. Parquelândia na calçada, não o entristece e nem o amedronta. Já acostumado e conhecedor de muitos outros vendedores ambulantes ali dispersos, aprendeu a conviver com o vai e vem de pessoas e carros.

No seu mapa afetivo (Quadro 23) podemos constatar mais dados sobre a sua relação com o entorno e como o enxerga.

Quadro 22 – Mapa Afetivo 7 - Sr. Parquelândia

Estrutura	
Mapa Cognitivo (bicicleta)	
Significado	Qualidade
Pra mim hoje ela representa tudo. Tanto pra vim pra cá quanto pra comprar mercadoria. É o meu sustento.	Se eu ficar em outro lugar, eu me sinto perdido.
Sentimentos	Metáfora
Bem estar.	Bairro - Porto Seguro

<p>Figura 15 – Desenho feito pelo Sr. Parquelândia</p> <p>Não desenhou, mas quando perguntei o que ele desenharia ele disse que desenharia:</p> <p style="text-align: center;">A minha bicicleta.</p> <p style="text-align: center;">"Eu passo aqui e quando vejo o local, eu me lembro da bicicleta".</p>	<p>Figura 16 – Fotografia feita pelo Sr. Parquelândia</p> 
Sentido	
<p>O Bairro - Porto Seguro, cuja imagem de pertencimento emerge, é aquele onde o sentimento de bem estar emerge. O Bairro - Porto Seguro é aquele onde o indivíduo sente segurança por poder ter uma atividade remunerada que dê subsídio a sua existência financeira. Sua imagem fotográfica revela a paisagem dos grandes fluxos.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A **Paisagem dos Fluxos** é aquela onde o movimento contínuo de pessoas e transportes expressam a velocidade, a pressa e rapidez das relações. A mobilidade repetitiva do ir e vir propicia que, mesmo nesse movimento ininterrupto, alguns trabalhos existam a partir dele. Contudo, esses fluxos podem gerar estresse e também acidentes.

O Sr. Parquelândia enfatiza isso quando confirma que: "Tem muita coisa que tem que fazer porque aqui é avenida e não tem o cuidado com o pedestre. A preocupação aqui é só multas". Abaixo, no Quadro 24, podemos visualizar melhor as percepções do Sr. Parquelândia em relação ao bairro onde trabalha.

Quadro 23 – Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Parquelândia

O que é uma paisagem para você?	O que essa paisagem que você observa te faz sentir?	O que é mais importante para você no seu bairro?	O que você conservaria e o que mudaria?
<p>Paisagem, eu diria, que é um local bonito, como se fosse a Lagoa do Banana.</p>	<p>Eu me sinto bem. É bem movimentado. Nunca senti nenhum tipo de violência, acontece só os acidentes. É o pessoal mesmo que procura.</p>	<p>Hoje em dia aqui eu acho as amizades que eu fiz aqui. Fiz muitos amigos.</p>	<p>Conservaria: Seria o meu ponto. Seria uma das coisas que eu não mexeria. Mudaria: O tratamentos dos agentes da prefeitura, porque a gente até ajuda eles a ir deixar o pessoal do outro lado da rua, deixar no shopping. De certa forma, a gente ajuda eles.</p>
<p>Sairia daqui? Por que?</p>	<p>O que seria um bairro ideal na sua opinião?</p>	<p>O que seria uma cidade ideal na sua opinião?</p>	<p>O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?</p>

Só se for obrigado mesmo, porque eu acho bom trabalhar aqui. Mas como não é em ponto fixo, eu não posso dizer que é meu.	Hoje em dia é meio difícil. A violência tá tão grande. Não tem como eu te dizer. Hoje em dia até na rua você não pode ficar tranquilo. O povo fica vendendo droga na rua. Não dá pra ficar tranquilo. Até no interior não é mais tranquilo, o pessoal vive roubando os bancos.	A cidade sem violência, poluição.	Bom: Movimento Ruim: Tratamento dos agentes
--	--	-----------------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5.2.8 O Sr. Gentilândia

O meu oitavo trabalho de campo aconteceu no bairro Gentilândia, nas proximidades da Universidade Federal do Ceará. Tentei entrevistar um *hippie* da Praça José Gentil, mas ele disse que não gostava dessas coisas de pesquisa. Ele ficou com vergonha. Caminhei e observei ao redor. Ninguém me chamava a atenção. Era mais de 9h da manhã e a temperatura começava a aumentar. Foi quando caminhando até o final da Praça João Gentil (descobri olhando no mapa que são duas praças em uma) dobrei à esquerda em direção à Praça Gentilândia. Lá, avistei duas pessoas que faziam a limpeza urbana da praça. Pedi licença, dei bom dia e expliquei o que eu estava procurando ali.

Um senhor, o qual chamarei de Sr. Gentilândia, meio sem jeito aceitou. Disse que eu não era da Prefeitura e nem participava de nenhuma instituição de polícia. Ele riu e fez um gesto com a cabeça de que aceitaria conversar comigo. Sentei num banco de concreto (como se fosse um tronco de concreto) que tem em um dos arredores da praça, eu em um, ele em outro, e no seguinte a sua colega de trabalho que ouvia toda a conversa com atenção.

Ficamos nós três. Eles dois estavam com suas vestimentas de trabalho na cor laranja. De longe, alguns homens que estavam no bar da frente olhavam com uma feição curiosa, e sem entender quem era a mulher que entrevistava o Sr. Gentilândia. Abaixo, no Quadro 25, trago algumas informações dele.

Quadro 24 - Dados sociodemográficos do Sr. Gentilândia

Idade: 63	Sexo: Masculino (X) Feminino ()
Profissão: Gari	
Naturalidade: Itapipoca	
Bairro de moradia: Bom Jardim	
Tempo de residência: 8 anos	

Bairro onde trabalha: Benfica
Nível de escolaridade: Ensino fundamental

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Através da sua narrativa Ambiental conheceremos um pouco da sua história naquele local onde trabalha.

Eu tô aqui com mais de 10 anos, eu faço a limpeza da praça, daquela rua ali, daquela ali e dessa que se chama Marechal Deodoro. Eu chego 6h e saio 12h, aí vou guardar o material na empresa. Eu tô aqui de segunda a sexta. Eu gosto do meu trabalho, eu gosto de trabalhar. Tá com mais de 50 anos que eu trabalho nisso, já trabalhei com enxada, varrendo e no caminhão de coleta de lixo, passei 10 anos fazendo a limpeza de rua. Já trabalhei paleando (enxada), caçamba e fiscal.

Aqui no Benfica é bom, ninguém mexe com a gente. Eu conheço o Toim do Bar, o chaveiro ali, esses meninos que trabalha no bar, conheço aquele cambista ali. Aqui é muito difícil ter problema. Teve um tempo que mataram bem uns 7 aqui na Praça da Gentilândia. (D.C, Sr. Gentilândia, 2018, M, 63).

Quando eu estava sentada ouvindo o Sr. Gentilândia, lembro que ele ia falando e apontado para os locais que falava. O inusitado era ver o rosto das pessoas que ele ia apontando de longe, ficaram mais curiosas ainda sobre o que ele estava falando. Até conversavam gritando de um lado da rua para o outro. Um brincando com o outro. O Sr. Gentilândia construiu uma rede de amizades nesses mais de dez anos, o fato de conhecer as pessoas o faz se sentir bem e parte daquele ambiente.

Ele me contou sobre o amor à praça, do cuidado no trabalho para fazê-la limpa e bonita. Ele demonstrou o quão contente ele desempenha a sua função, e o quanto é feliz de estar ali naquele lugar. O seu mapa afetivo (Quadro 26), em seguida, trouxe bastante dessa sua relação com a praça.

Quadro 25 – Mapa Afetivo 8 - Sr. Gentilândia

Estrutura	
Mapa Cognitivo (mangueira e pé de tamarindo)	
Significado	Qualidade
A mangueira dá fruta, a gente gosta da fruta dela. Só em a gente comer a fruta já é importante. Dá o suco, é bom. E ela caindo do pé é bem docinha.	Eu sinto assim uma paisagem bonita, limpinha. Todo dia a gente deixa ela assim. Eu e ela (a colega de trabalho) é que deixa assim. Os outros que vem não deixa assim não.
Sentimentos	Metáfora
Alegria. Saúde de poder andar. Bem estar.	Bairro - Navio

<p>Figura 17 – Desenho do Sr. Gentilândia</p> <p>Não desenhou, mas quando perguntei o que ele desenharia ele disse que desenharia:</p> <p>"A mangueira que dá fruto e um pé de tamarindo que tem na praça".</p> <p>"Quando tem eu levo frutas, agora tá mudando a folha pra dar carga".</p>	<p>Figura 18– Fotografia que o Sr. Gentilândia solicitou</p> 
Sentido	
<p>O Bairro - Navio, cuja imagem de agradabilidade emerge, é aquele onde o sentimento de bem estar e alegria se fazem presente. O Bairro - Navio é aquele onde o indivíduo se sente bem por poder ir e vir, como num navio. Sua imagem fotográfica revela a paisagem do eu, onde a pessoa se sente parte dela também. Tal como as árvores.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A **Paisagem do Eu**, é aquela em que a própria pessoa se insere, e reconhece a importância do seu papel enquanto componente daquele ambiente. Nela, ambiente físico e humano são duas naturezas que se mesclam e coexistem. No caso do Sr. Gentilândia, essa relação pessoa-ambiente é de harmonia, alegria e satisfação.

Segundo Bomfim (2010, p. 66), "A cidade é o lugar dos encontros, da subjetividade, da formação de relações, pois os indivíduos nunca se afetam sozinhos. Os pensamentos, as ações e os afetos não se originam na essência de cada um, mas na relação".

O Sr. Gentilândia expressa bem essa relação do seu encontro com a praça, com as árvores e com as pessoas que ali habitam. Sentir-se parte de algo é tão importante, pois nos torna ser integrante e integrado da troca mútua com o meio. Implicar-se como parte da experiência, resulta no aprendizado dela. O fato do Sr. Gentilândia solicitar que na imagem fotográfica ele estivesse presente, representa tudo isso. Esse imbricar-se ao ambiente é resultado desse bom encontro. Em seguida, temos o resultado do questionário feito ao Sr. Gentilândia (Quadro 27).

Quadro 26 – Perguntas e respostas adicionais ao Sr. Gentilândia

O que é uma paisagem para você?	O que essa paisagem que você observa te faz sentir?	O que é mais importante para você no seu bairro?	O que você conservaria e o que mudaria?
---------------------------------	---	--	---

Uma paisagem é uma mata bonita, que nem a Amazônia. Quando eu vejo na televisão eu acho bonito, dá vontade é de morar. Onde a gente mora agora tem coisa ruim, mas no interior é mais difícil. A gente não confia não. Eu moro numa favela, mas pra mim é tranquilo, quem parar pra mim é bom dia, boa tarde. Lá foi onde eu fui ter as coisas.	Eu acho bonita, tem um vento agradável. É bom. Só a gente ver a natureza verdinha já é bonito.	O mais importante pra mim é o meu trabalho e saúde, tanto com saúde eu tô feliz.	Mudar não pode mudar não. Eu deixaria. Aqui tinha uma feira era grande, botaram aquela pista ali pros meninos brincar. Tá se acabando a feira.
Sairia daqui? Por que?	O que seria um bairro ideal na sua opinião?	O que seria uma cidade ideal na sua opinião?	O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?
Eu acho bom aqui, mas eu não posso dizer nada porque quem manda é o chefe, e ele pode mandar a gente trabalhar em qualquer lugar. É bom aqui, fica mais ou menos perto da minha casa.	Pra mim todo bairro que eu morar é bom. Hoje a vida que a gente leva a gente tem que respeitar todo mundo.	A minha cidade ideal é o meu interior, Itapipoca.	Falou do bairro onde mora. Bom: Mercantil porque compra o que quer e o posto de saúde. O resto quem quiser que se cuide. Tem que entrar pra dentro e pronto, porque é bala em todo canto. Moro na Rua Luminosa, Bom Jardim. Ruim: De ruim só tem o mal fazer (ladrões). Hoje a gente não pode andar tranquilo.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

As considerações do Sr. Gentilândia, me faz lembrar as pontuações feitas por Lynch (1997) quando pensa a cidade enquanto arte. Segundo o autor,

Em sua condição de mundo artificial, é assim que a cidade deveria ser: edificada com arte. É um nosso hábito antigo nos adaptarmos ao nosso ambiente, discriminando e organizando perceptivamente o que quer que se apresente aos nossos sentidos. A sobrevivência e o predomínio baseavam-se nessa adaptabilidade de sensória, mas hoje já podemos passar para uma nova fase dessa interação. No ambiente em que vivemos, podemos começar por adaptar o próprio espaço ao padrão perceptivo e ao processo simbólico do ser humano (LYNCH, 1997, p. 105-106).

A cidade é, segundo ele o produto, por excelência, que mais pode ser adaptado ao padrão perceptivo e processo simbólico do homem. Ela é um mundo artificial incrustado de natureza, é uma segunda natureza, regida quase que exclusivamente pelas leis humanas. Até onde se pode ver atualmente, alguns fenômenos urbanos podem ser previstos, outros a

natureza apenas responde às ações que sofre constantemente. E essa resposta pode ser drástica.

A não consideração da cidade enquanto natureza dificulta a relação pessoa-ambiente, tanto na transformação do meio urbano em um ambiente saudável como no reflexo disso no comportamento e nas subjetividades humanas. Nossas cidades, cada vez mais desprovidas de um planejamento que contemple de forma mais satisfatória e completa a dimensão humana, têm surtido efeitos na saúde da população. Seja a excessiva privatização de áreas, a carência e desmotivação do uso dos espaços públicos, a supervalorização do consumismo como passaporte para o ser cidade, até também as desconsiderações para com a oferta de serviços básicos (gestão sanitária, acesso a água de qualidade, serviço de coleta de resíduos sólidos, acesso à cultura etc).

O ser cidade deve perpassar todas essas instâncias que dão suporte a dimensão humana dentro da urbe. Esquecer esses elementos fundamentais é também esquecer o indivíduo enquanto sujeito para quem a cidade é casa e lar. "O planejamento físico pode influenciar o padrão de uso em regiões e áreas urbanas específicas" (GELL, 2013, p. 17). Logo, a dimensão humana deveria ser o foco principal dentro dos desdobramentos do urbano. "Se as pessoas, e não os carros, são convidadas para a cidade, o tráfego de pedestres e a vida urbana aumentam na mesma proporção" (GELL, 2013, p. 13). Definir as prioridades na constituição da cidade é definir o que e quem serão respeitados, ou desrespeitados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter tido a oportunidade de estudar alguns bairros de Fortaleza, tomando como base a afetividade, foi um percurso desafiador e gratificante ao mesmo tempo. Despir a realidade de nossas postulações e colocar os pés nos rumos dos lugares e neles encontrar as pessoas foi uma experiência incrível.

Sair da zona de conforto da teoria, que nos possibilita aprender muito sem sair de casa, e se colocar na rua, em espaços até então desconhecidos ou também se permitindo olhar os já conhecidos pela perspectiva do outro, abriu possibilidades de interpretações mais amplas. Entre as andanças de ônibus, os dias chuvosos e os de Sol quente, entre o movimento do ir e vir das pessoas cheias de obrigações, entre a velocidade dos carros, ruídos de buzinas, poder parar para observar e executar a prática da escuta é um ato meio incomum no andar frenético do mundo.

Quanto à dissertação, quando escrevi sobre a Geografia do Olhar e a importância da Paisagem como área de estudo, é lá na minha infância que eu encontro as maiores razões para o interesse de pesquisar o que hoje me propus a estudar cientificamente. Seria a minha ciência particular ou a minha cotidianidade vivencial? Ou seria a minha diferente forma de enxergar ciência dentro do cotidiano das vivências? Sem procurar enquadrar a minha infância em terminologias, prefiro dizer que foi lá que obtive a matéria-prima de mim, o chão do meu primeiro punhado de existência e a primeira referência de mundo.

Nasci na região metropolitana de Fortaleza, no município de Maracanaú, vivi uma infância tranquila e bastante rica de experiências que hoje considero terem sido fundamentais para a minha maneira de observar o mundo. Com o meu avô Luiz Casemiro, dono de uma bodega recheada de doces, produtos alimentícios, bebidas, música de violão, encontros e amigos conversadores e "cantarolantes", tive uma vida simples, contudo, embutida de felicidade e muito movimento. Com o meu avô-pai-amigo pude aprender as artesanias do brincar com bila, peão, baladeira, a saber colocar prego na madeira, a preparar cimento, a pintar e rebocar parede e a passar o troco nos atendimentos na bodega, além de ter aprendido a dedilhar as primeiras notas de um violão antigo e empoeirado pelo tempo. Meu avô foi o meu primeiro mestre, o qual eu admirava, respeitava e exercia o dom da escuta e observação para aprender o que não sabia e aprimorar o que já dominava em parte.

Nesse meio de escala micro, que era a bodega e a rua, aprendi a dar valor às pequenas coisas e a tudo aquilo que desperta um sentimento bom no peito. Com o decorrer dos anos, já na faculdade, descobri a fotografia enquanto potência de registro e de reflexão.

Durante as aulas de campo, na medida em que ia descobrindo novas paisagens, ia também registrando todas elas, para depois ficar observando e desvendando detalhes que antes não tinha visto e revendo aqueles que tinha selecionado para estarem na minha foto.

Aprendi com o meu avô o encanto de um olhar atento para as coisas pequeninas e com elas descobrir e contemplar o mundo de um jeito diferente, tomando conhecimento das sutilezas e surpresas que a visão e a vivência podem proporcionar. A graduação em Geografia me mostrou o quão diferente é esse espaço cearense e quão contraditória é a cidade de Fortaleza. Ao participar de cursos de fotografia na cidade, onde sempre fiz novos amigos, as andanças pelo ambiente citadino me fizeram descobrir lugares onde jamais imaginei existir tanto contraste social.

Logo depois de sair de Maracanaú fui morar num conjunto habitacional na periferia de Fortaleza, lá brinquei e conheci crianças da mesma faixa etária e juntas compartilhávamos a rua com uma intensidade descomunal. Brinquei de tudo o que pudesse ser brincado e até era questionada se era um menino ou uma menina, pois andava com roupas frouxas e disputava corridas e jogos de futebol com os meninos da rua. Por privilégio do destino tenho uma mãe que sempre respeitou a minha liberdade no brincar, e que ainda hoje continua respeitando e acreditando nas minhas escolhas.

Nesse rodopio pelos lugares de infância, pelos lugares de adolescência e adultez, entrei em contato com porções distintas da cidade de Fortaleza, a enigmática e gigante. Nas primeiras andanças de ônibus ia colecionando imagens na cabeça de locais que estava indo pela primeira vez. Naveguei por rios de asfalto dentro de um navio de rodas de borracha e lataria azul e fui descobrindo as múltiplas facetas dos lugares e seus movimentos.

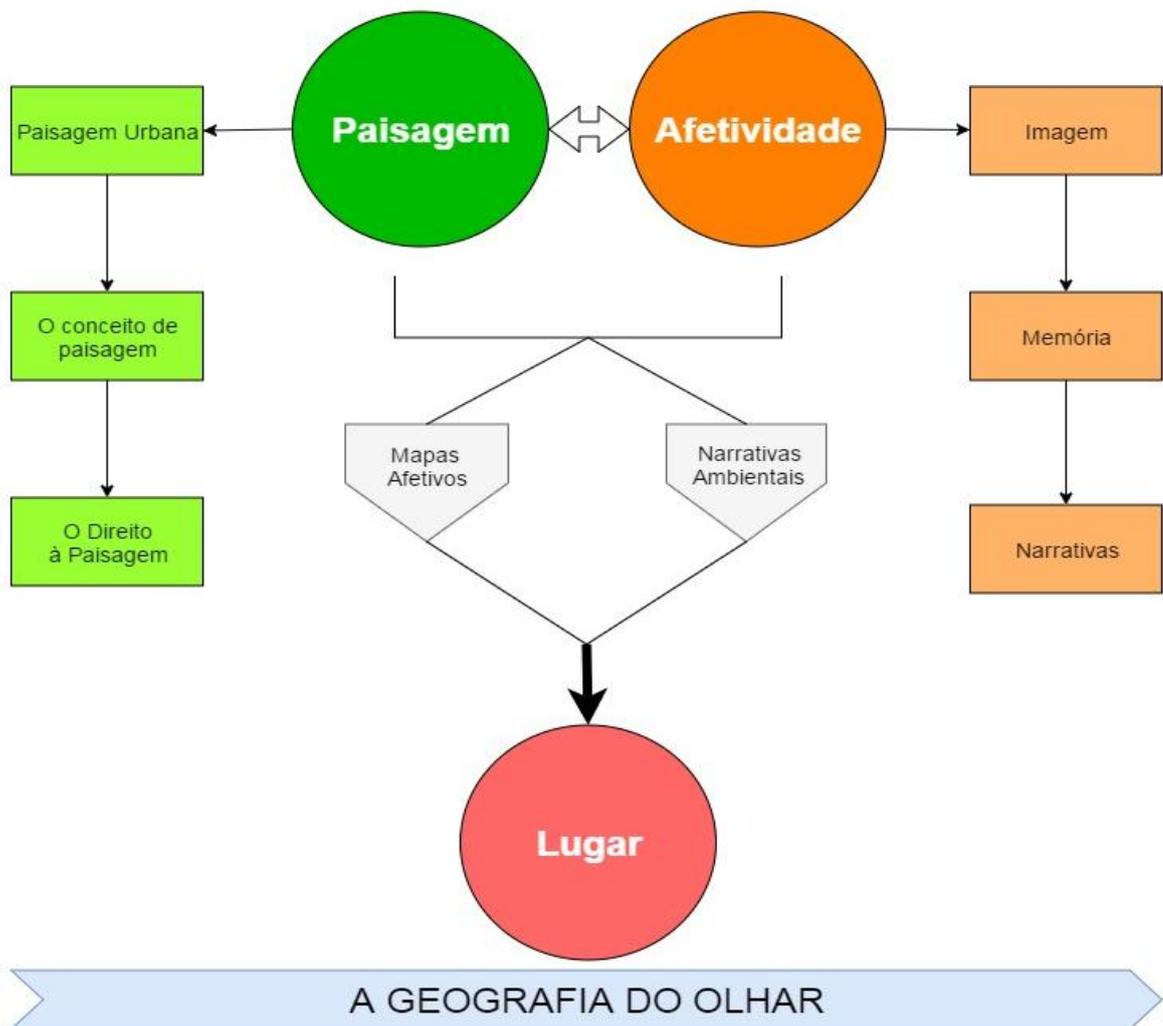
A chegada ao mestrado em Psicologia se deu por motivos de curiosidade. Como tinha utilizado a Metodologia dos Mapas Afetivos na minha monografia, fiquei ainda insatisfeita em não saber o a mais que ficou subtendido. Precisei ir ao encontro da Professora Zulmira Bomfim, minha atual orientadora. E como costume pensar, chegar até o Departamento de Psicologia da UFC foi, verdadeiramente, um "bom fim" após longos anos na graduação. À minha orientadora só posso agradecer pelo apoio e confiança ao trilhar comigo essas linhas de agora, que antes, eram apenas rabiscos num papel.

Enfim, seria difícil não estudar Fortaleza a partir de seus bairros e afetividades. Minha raiz é bairrista e procurar outras raízes assim, foi o meu grande desafio de pesquisa. Durante os trabalhos de campo vi muitas situações, em alguns momentos me encantei, em outros tive medo, e em outros tive curiosidade de entendê-las. Sozinha, caminhado por essa

cidade, me senti só e acompanhada ao mesmo tempo. Em cada cadeira que foi puxada para que eu sentasse, descansei ali o meu corpo e mantive os meus sentidos atentos.

Portanto, acredito que o objetivo de investigar como habitantes de bairros de Fortaleza constroem imagens e afetividades da sua paisagem urbana a partir da sua geografia do olhar, foi alcançado e que pode suscitar muitas outras propostas de estudos. O esquema abaixo mostra, mais sucintamente, a maneira como a pesquisa foi delineada.

Figura 19 – Fluxograma da estrutura da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Através da figura acima, reiteramos que a Geografia do Olhar é o processo de apreensão do mundo, pela via dos sentimentos, emoções e afetividades. Segundo Gomes (2013), as cartografias ou geografias do olhar são, portanto, construções individuais que partem do contato e experiência com os lugares, possibilitando assim que sejam construídas percepções, sentimentos e emoções a partir do encontro com a realidade. É a partir dessa Geografia do Olhar que as paisagens encontradas na pesquisa foram reconhecidas, narradas e

elucidadas. Onde todas, em sua amplitude, ajudam a construir a ideia de sentimento de lugar pelos habitantes dos bairros visitados, formando assim as facetas das afetividades descobertas.

Portanto, consideramos que a valorização e ou não dos lugares, formam a chamada Estima de Lugar. A estima de lugar é uma forma de conhecimento que é estabelecida através do ambiente construído, cujo aspecto de significado ambiental leva em consideração a dimensão das emoções e sentimentos. Ou seja, a estima é uma expressão afetiva internalizada a partir da vivência da pessoa com a cidade (BOMFIM, 2010).

Dessa forma, uma estima positiva exerce uma força de atração do lugar e de autoestima em relação à ele. Indicando um processo mais coeso de apropriação, identificação e ação-transformação dos habitantes de um determinado local. Cujos sentimentos resultantes são de amor, bem-estar, alegria, prazer, orgulho, admiração etc. Já a estima negativa causa insegurança, medo, frustração, sofrimento e limitação.

Segundo Bomfim (2010, p. 217), "Reafirmamos que a estima é um indicador da potência de ação da cidadania e que os bons encontros na cidade ocorrem quando se dá e se recebe estima (afetos), que seja favorecido pelas políticas de urbanização priorizadas pelas gestões públicas, quer pelas relações interpessoais ou mesmo pela possibilidade de um viver público".

A Estima de Lugar possui um caráter orientativo e indicador da ação do indivíduo na cidade e de sua participação cidadã (BOMFIM, 2010). Logo, as paisagens reveladas dos bairros na pesquisa, são tanto influenciadas pela Estima de Lugar dos habitantes quanto influenciam em si nessa construção da estima. É um movimento de mão dupla, onde tanto a paisagem influencia na relação com o lugar quanto o lugar influencia na relação com a paisagem. Ambos, paisagem e lugar são elementos que não podem ser dissociados um do outro.

Neste sentido, o diálogo entre Psicologia Ambiental e Geografia, é bastante válido e pertinente quando se propõe o estudo dos bairros sob a ótica da afetividade, utilizando os mapas afetivos como instrumento metodológico. Assim, "Os mapas afetivos são representações do espaço e relacionam-se com qualquer ambiente como território emocional. Os mapas afetivos são instrumentos reveladores da afetividade e indicadores da estima de lugar" (BOMFIM, 2010).

Portanto, as paisagens que foram eleitas, a partir do contato com os entrevistados, traduzem a dinâmica dos bairros onde eles moram e/ou trabalham. Elas se misturam em alguma medida. Contudo, ora algumas sobressaltam, ora outras ficam mais contidas. As que encontramos na pesquisa são as seguintes:

Quadro 27 – Paisagens categorizadas na pesquisa

PAISAGENS CATEGORIZADAS
Paisagem da Recordação
Paisagem do Medo
Paisagem do Restrito
Paisagem do Aconchego
Paisagem do Provimento
Paisagem da Mudança
Paisagem dos Fluxos
Paisagem do Eu

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Do Sr. Centro ainda lembro da ligação forte com aquele lugar, mergulhado em lembranças, encantos e desencantos. Entre móveis usados, ali também permanece um tempo parado, que não mudou. E mesmo sem ter mudado, está presente e continua fazendo sentido de alguma forma. Com ele descobrimos a **Paisagem da Recordação**, que é aquela que era nutrida de movimento e tranquilidade.

Do Sr. Barra do Ceará lembro do óculos escuro, bigode e blusa vermelha. E da alegria de me mostrar a beleza de mar que tem ao seu lado. Ele nos revelou a **Paisagem do Medo**, expressa pela ameaça de diferentes lados, tanto pelas brigas por conta do tráfico de drogas quanto pelo medo de perder o local de sustento.

Da Sra. Praia do Futuro II lembro do jeito tímido, tentando me descrever o que ela gosta no seu bairro. Mesmo passando tantas horas no trabalho, ainda tem uma mocidade enérgica. Com ela nos deparamos com a **Paisagem do Restrito**, que expressa a limitação das oportunidades no bairro, o contexto pobre e com poucas ofertas.

Da Sra. Conjunto Ceará, agradeço o jeito doce, o sorriso fácil e a meiguice. Foi um prazer conhecer a sua história. Ela nos apresentou a **Paisagem do Aconchego**, expressa toda a segurança e realização de ter um lugar para chamar de seu e onde encontrar a família que lhe dá sustentação frente aos obstáculos do mundo.

Da Sra. Sabiaguaba, admiro a força e coragem. Uma mulher resistente e feliz. Faz das mãos boas para plantação, um dom de gerar alimentos saudáveis e frescos. Com ela aprendi sobre a **Paisagem do Provisamento**, essa diz respeito a tudo o que no lugar onde a pessoa habita foi possível construir para se ter uma vida melhor e digna.

Do Sr. Cidade 2000, recordo o jeito pensativo e o modo como o bairro ao seu redor lhe agrada e é pousio ao chegar da labuta. Ele nos mostrou a **Paisagem da Mudança**, que reforça o teor da urbanização intencionada pela especulação imobiliária. Onde a alteração urbana é um processo de ordem contínua e valorativa. Fazendo com que cada ação seja planejada e tenha uma finalidade baseada no lucro.

Do Sr. Parquelândia, elogio a persistência frente à correria da vida e dos outros. Na sua simplicidade, nos revelou a **Paisagem dos Fluxos**, aquela onde o movimento contínuo de pessoas e transportes expressam a velocidade, a pressa e rapidez das relações. A mobilidade repetitiva do ir e vir propicia que, mesmo nesse movimento ininterrupto, alguns trabalhos existam a partir dele, tal como a sua profissão de vendedor ambulante.

Do Sr. Gentilândia, fico com o seu encanto pelas árvores da praça e com a empolgação jovial pela vida. O jeito de mexer as pernas como quem ainda quer andar muito, exala a sua alma de menino. Com ele prestigiei a **Paisagem do Eu**, que é aquela em que a própria pessoa se insere, e reconhece a importância do seu papel enquanto componente daquele ambiente. Nela, ambiente físico e humano são duas naturezas que se mesclam e coexistem.

Por isso, reiteramos, de um modo poético, que todo ser humano carrega paisagens dentro de si. Dependendo das situações ou circunstâncias, algumas deixamos para trás e outras levaremos para todo o sempre. Há as paisagens da infância, da adolescência, da adultez e dos sonhos. Umas lutamos para nunca esquecer, pois nos são tão essenciais e sustentam quilômetros da nossa existência. Pois são a nossa primeira referência de mundo.

A paisagem é construída culturalmente, tal como o lugar, ambos estão imbuídos um no outro e não se pode separá-los. As categorias das paisagens descobertas nessa pesquisa, demonstram quão variadas elas podem ser. A presente dissertação foi um verdadeiro encontro com a cidade, compreendida nas suas múltiplas dimensões e desafios. Como pontuou Dardel (2015, p. 31), "A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento". Portanto, é preciso reconhecer as amplas perspectivas que ela abre a quem quiser conhecê-las. Essa pesquisa foi apenas um passo cheio de coragem e curiosidade frente ao grande mosaico que é a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ARAGONÉS, J. I. Cognición ambiental. In: ARAGONÉS, J. I. & AMÉRIGO, M. **Psicología ambiental**. Madrid: Ediciones Pirâmide, 3ªed., 2010.

ARAÚJO, Susana; FERNANDES, Ana Raquel; BETTENCOURT, Sandra. **(In)Seguranças no Espaço Urbano**. Lisboa: Edições Húmus, 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed., 1998.

AZEVEDO, Ricardo Marques de. **Metrópole: abstração**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 13ª ed., 2015.

BERGER, John. **Modos de ver**. Barcelona: Gustavo Gili, 1974.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v, 1)

BENJAMIN, Walter. **Imagens de Pensamento: sobre o haxixe e outras drogas**. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BERTINI, Fátima Maria Araújo. **Centro de Fortaleza entre afetos e sentidos**. Fortaleza: Editora FATECI, 2007.

BOMFIM, Zúlmira Áurea Cruz. Afetividade e Ambiente Urbano: uma Proposta Metodológica pelos Mapas Afetivos. In: PINHEIRO, José de Queiroz & GÜNTHER, Harmut. (orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e Afetividade: Estima e Construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOSI, Alfredo. In: NOVAES, Adauto [et al.]. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino de arte**. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARRIÇO, António da Silva. **Retrato da paisagem enquanto gente**. Lisboa: Edições Colibri, 2005.

CARVALHO, Mara Campos de. A Metodologia do Experimento Ecológico. In: PINHEIRO, José de Queiroz & GÜNTHER, Harmut. (orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

CAVALCENTE, Sylvia; ELIAS, Terezinha Façanha. Apropriação. In: CAVALCENTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHANTAL, Jaquet. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CLAVAL, Paul. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

CORRALIZA, José Antonio. Emoción y ambiente: In: ARAGONÉS, J. I. & AMÉRIGO, M. **Psicologia ambiental**. Madrid: Ediciones Pirâmide, 3ªed., 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. Sao Paulo: Ática, 1999.

CORRÊA, Roberto; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

CORRÊA, Roberto; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2ª ed., 2004.

CUSTÓDIO, Maraluce Maria. **Conceito jurídico de paisagem [manuscrito]: contribuições ao seu estudo no direito brasileiro**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo, Studio Nobel, 2ª ed., 1999.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó de. Apego ao lugar. In: CAVALCENTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ELALI, Gleice Azambuja; PINHEIRO, José de Queiroz. Autobiografia Ambiental: Buscando Afetos e Cognições da Experiência com Ambientes. In: PINHEIRO, José de Queiroz &

GÜNTHER, Harmut. (orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **OlharPeriférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

FONTCUBERTA, Joan. **O beijo de Judas: fotografia e verdade**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2010.

FRANCO, Renato. **10 lições sobre Walter Benjamin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIRÃO, Raimundo Girão. **Fortaleza e a crônica histórica**. 2ª ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar, Programa Editorial, 1997.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa & a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

GÜNTHER, Isolda de Araújo; FRAGELLI, Thaís Branquinho Oliveira. Estresse ambiental. In: CAVALCENTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HIGUCHI, Maria Inês Gaspareto; KUHNEN, Ariane; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Cognition ambiental. In: CAVALCENTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950 a 1990**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 1992.

HOLZER, Werther. **O Lugar na Geografia Humanista**. Revista Território. LAGET-UFRJ, n. 7, jul-dez, 1999.

IUNG, Eliane J.; PORTUGAL, Cristina. Cultura visual e o cenário das narrativas e memórias. In: **Cultura Visual**, n. 18, dezembro/2012, Salvador: EDUFBA, p. 27-39.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos de fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 3ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

KUHNEN, Ariane. Percepção ambiental. In: CAVALCENTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LANE, Silvia T. Maurer. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Silvia T. Maurer; SAWAIA, Bader B. **Novas veredas da psicologia social** (orgs.). São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Liv. Martins Fontes, 1997.

MANDAROLA JR, Eduadro. Sobre ontologias. In: MANDAROLA JR, Eduadro; WERTER, Holzer (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. Desafios e perspectivas da psicologia latino-americana. In: GUZZO, Raquel S. L.; LACERDA JR., Fernando (orgs.). **Psicologia Social Para a América Latina: O Resgate da Psicologia da Libertação**. 1. ed. Campinas, SP: Alínea, 2009.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, jan-jun, 1998/vol.3, nº1. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. p. 121-130.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Identidade social urbana. In: CAVALCENTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCENTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: CAVALCENTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NAZARIO, Luiz. **A cidade imaginada**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NOVAES, Adauto... [et al.]. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PAULA, Silas de. Narrativas imagéticas: adros visuais de um pensamento. *Líbero* - São Paulo, v. 17, n. 33 A, p. 51-58, jan./jun. de 2014.

PECHMAN, Robert Moses. **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PINHEIRO, José Q. et al. TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2001.

PINHEIRO, José Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**, 1997/vol.2, nº2. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. p. 377-398.

POL, Enric. A gestão ambiental, novo desafio para a psicologia do desenvolvimento sustentável. **Estudos de Psicologia**, mai-ago, 2003, vol. 8, nº 2. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.

POL, Enric. La Apropiación del Espacio. In: IÑIGUEZ, L & POL, E. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Monografies Sócio/ambientais, 1996.

PONTE, Alexandre Quintela; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; PASCUAL, Jesus Garcia. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 27, n. 59, p. 345-354, out./dez. 2009.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone. (org.). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MANDAROLA JR, Eduadro; WERTER, Holzer (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

REY, Fernando Luis Gonzalez. Encontro da psicologia social brasileira com a psicologia soviética. **Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 2; 57-61, 2007.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1988.

RYKWERT, Joseph. **A Idéia de Cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SAMAIN, Etienne (org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2ª ed., 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 5ª ed., 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2009.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e globalização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec.São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo, SP: EdUSP, 2005.

SAWAIA, B. Simpósio 4 – cultura, individualismo e sociabilidade contemporânea. O irreduzível humano: uma antologia da liberdade. In GUARESCHI, N., org. *Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 143-154.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 5ª ed., 2008.

SERPA, Angelo. *Lugar e Mídia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio Andres Bello, 2001.

SILVA, José Borzacchiolo da. *França e a escola brasileira de geografia: verso e reverso*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

SILVA, José Borzacchiolo da. *Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza*. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

SILVA, José Borzacchiolo da; COSTA, Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *A cidade e o urbano: temas para debates*. (orgs.). Fortaleza: EUFC, 1997.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TOASSA, Gisele. *Emoções e vivências em Vigotski*. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

TUAN, Yi-fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VALERA, Sergi; POL, Enric. El Concepto de Identidad Social Urbana: una aproximación ente la Psicología Social y la Psicología Ambiental. In: VALERA, Sergi; POL, Enric. *Anuário de Psicologia*, Barcelona, n. 62, p. 5-24, 1994.

WILHEIM, Jorge. *Cidades: o substantivo e o adjetivo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos você a participar da pesquisa **O direito à paisagem urbana: imagem e afetividade na construção de uma geografia do olhar**, desenvolvida nas sete regionais administrativas de Fortaleza (CE). Os dados obtidos nesta investigação servirão à construção da dissertação de mestrado da pesquisadora Silvia Heleny Gomes da Silva, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação da professora Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim. A pesquisa não dá direito a qualquer retorno financeiro ao participante, no entanto oferecemos como benefício os resultados obtidos de modo a contribuir com reflexões sobre a temática abordada.

Caso aceite, você participará de quatro atividades. Na primeira, você fará a elaboração de uma autobiografia ambiental, relatando sobre as suas impressões sobre o seu bairro. Na segunda, você preencherá o Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos, no qual é solicitado que você elabore um desenho e, em seguida, responda algumas questões relacionadas. Na terceira, será realizada uma entrevista com roteiro previamente elaborado. Com a sua permissão, a entrevista será gravada para que as informações sejam melhores registradas e analisadas posteriormente para a pesquisa. Na quarta atividade, você construirá uma imagem fotográfica sobre o seu bairro. Ressaltamos que seu nome não será identificado em nenhuma das atividades, bem como não serão fornecidas informações a terceiros que possam lhe identificar. Assim, seu nome não será citado na dissertação, artigos, relatórios ou qualquer outro meio de divulgação da pesquisa.

Ratifico aqui que a pesquisa segue todos os parâmetros exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Ceará (UFC), conforme Artigo 17 da Resolução 510, de 7 de abril de 2016.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFC/PROPESQ), é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos, tendo por objetivo defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - Res. CNS n.º 466/2012 e Norma Operacional 001/2013). Também é credenciado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (- CONEP) do Ministério da Saúde. O CEP está localizado na Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, Fortaleza (CE-Brasil). E pode ser contatado pelo email comepe@ufc.br, pelo telefone +55 (85) 3366-8346. O horário de funcionamento é de segunda à sexta-feira, de 8h às 12h.

A aceitação ou recusa em participar desta pesquisa não acarretará qualquer contratempo, desconforto ou prejuízo físico, mental ou material a você. Caso haja, você poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, solicitando que suas informações sejam retiradas, sem que isto implique qualquer prejuízo para você. Além disso, você terá acesso, a qualquer momento, às informações relacionadas à pesquisa. Em caso de dúvidas e desistência, você poderá entrar em contato com a pesquisadora por meio do e-mail silviaheleny@gmail.com, pelo telefone (85) 9.9717-3109 ou pela Coordenação do Mestrado

Acadêmico em Psicologia da UFC, situada à Avenida da Universidade, 2762 – Benfica, CEP: 60.020-180, telefone: (85) 3366-7661 ou (85) 3366-7651.

Caso aceite participar, solicitamos que assine esse documento, que será expedido em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e outra com você. Ao assinar este documento fica comprovado que você aceitou todas as informações aqui esclarecidas e que está ciente de todas elas.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Silvia Heleny Gomes da Silva
Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

IGMA
CENTRO
11/12/2018

Dados sociodemográficos:

Idade: 75	Sexo: Masculino (x) Feminino ()
Profissão: Aposentado (Trabalha como vendedor de usados)	
Naturalidade: Chorozinho	
Bairro de moradia: Itaperi	
Tempo de residência: 12 anos	
Bairro onde trabalha: Centro, há 32 anos - Morou na Av. João Pessoa	
Nível de escolaridade: Não estudou	

Desenho:

Não desenhou, mas deu referências sobre o que desenharia.

Grandes padarias na Av. Imperador com Rua Guilherme Rocha
Praça da Lagoinha, onde as pessoas iam conversar e pegar uma boa sombra
Beco da Poeira

1.1

Era o movimento que eu gostava. Era o pão melhor que tinha por aqui. Era a Padaria Ideal. O Beco era o movimento. E a Praça era de lazer, tem muita sombra, muito banco.

1.2

Existia muita tranquilidade na época, que hoje não existe. Hoje, de sete horas em diante é assaltado. Antes era melhor.

1.3

Tranquilidade
Bem-estar
Despreocupação
Liberdade
Medo

2.1

Penso que vai se acabar, vai ficar tudo para fora. Vai virar shopping. Eu ouvi falar que eles vão revitalizar o Centro. Mas eu não tenho medo dessa revitalização.

obs.: 1- tudo para fora é para o pessoal que tem dinheiro, os empresários.

2- mas eu não tenho medo (eu que o indaguei)

2.2

Comparo o Centro com o Montese. Porque no Centro tem tudo, que nem no Montese.

3

Caminho 1

Itaperi, Aeroporto, Montese, Av. Expedicionários, Av. da Universidade, Centro

Caminho 2

Idem

5.1

Muitas árvores bonitas, bem podadas. Ou morar no prédio de 33 andares, De lá a paisagem pro mar vê tudo. É uma paisagem também.

obs.: teve dificuldade de definir, demorou um tempo, mas respondeu.

5.2

Eu sinto que merecia ter reforma para melhorar. A casa velha aqui pra derrubar pra fazer prédio. Tinha que derrubar porque tá muito velho já.

5.3

Pra mim é trabalhar aqui e ter minha tranquilidade. Faço o meu serviçozinho, pinto prateleira. Eu gosto daqui. Eu abro aqui 8h da manhã e fecho 11h30. Aí 2h30 abro e depois fecho 5h, cinco e pouco porque fica esquisito o Centro, não tem mais carro na rua.

5.4

Conservaria: não tenho nada a dizer

Mudaria: As estruturas da loja. Fazer um espaço bom. Aqui é muito apertado, umas coisas em cima das outras.

5.5

Sairia, porque é muito ruim de vendas. Nos bairros é melhor. Eu é porque já me acostumei aqui. Passo dois ou três meses sem vender nada. Já tô acostumado. O aluguel daqui é muito barato, 350 reais. Se fosse caro eu já tinha saído fora porque não dava. Esse ponto aqui é de uma pessoa da Aldeota, eu conheço.

5.6

Um bairro que tivesse mais comércio. Que você bota as coisas e vende. Aqui tem custo pouco pra mim.

5.7

Uma cidade com bastante emprego, pra todo mundo. Comércio. O comércio funcionar é importante. Uma cidade sem emprego nem tem comércio nem tem nada.

5.8

Não tem anda de bom. De ruim tem é muito. Muito ladrão e vagabundo. De noite aqui eu não saio não, tem assalto.

obs.: ele me relatou vários assaltos que já aconteceram na rua onde trabalha

NARRATIVA AMBIENTAL
CENTRO
11/12/2018

Eu trabalhava numa empresa, J Macedo, por 32 anos. Era cobrador da empresa, das despesas que a fundação Dias Macedo, que era uma assistência médica. A fundação era mantida por outras empresas.

Eu vim do interior, foi onde eu me agreguei foi numa empresa. Terminou a reforma e a empresa foi diminuindo, eu entrei como servente. Depois fui pra fundação da mesma empresa.

Eu morava na Rua Senador Alencar, depois sai e vim pra Rua São Paulo e montei um bar restaurante. Depois mudei e fui pra Rua Liberato Barroso, mas eu morava na Av. João Pessoa. Depois mudei pra Rui Guilherme Rocha com restaurante também. Isso tudo antes de eu sair da empresa. Eu trabalhava no restaurante nas horas vagas. Depois vim pra cá, pra Rua Princesa Isabel, 327. Aí botei uma mercearia/restaurante e depois passei pra usados.

Eu gosto do Centro, tenho muitos amigos aqui. De 20 anos pra cá não mudou quase nada não. Parece que tão querendo revitalizar o Centro aqui. Eu gosto do Centro.

IGMA
BARRA DO CEARÁ
12/12/2018

Dados sociodemográficos:

Idade: 62	Sexo: Masculino (x) Feminino ()
Profissão: Comerciante (Trabalhava com carro de segurança - BRINKS)	
Naturalidade: Piauí	
Bairro de moradia: Planalto das Goiabeiras (bairro vizinho)	
Tempo de residência: Aproxim. 5 anos na Barra do Ceará	
Bairro onde trabalha: Barra do Ceará	
Nível de escolaridade: Até a 8º série	

Desenho:

Não desenhou, mas deu referências sobre o que desenharia.

Praça Santiago, do Pólo de Lazer da Barra do Ceará.

407 anos.

Marco Zero.

1.1

Às vezes, o pessoal vem pra bater foto do mar. Ver o lugar que é bonito demais. Aqui é um ponto de visitação.

1.2

A gente é acostumado aqui. É o ponto da gente trabalhar todo dia. Não tem outra mudança, é isso mesmo. A gente espera melhoras.

1.3

Medo

Surpreendido

Encanto

Perigo

Não sossego

2.1

Queria que melhorasse mais. Porque a violência tá grande demais. Hoje de noite deram mais de cem tiros. Se tivesse gente tinha morrido tudo. Passa dois dias tranquilo e depois volta. Como é que pode viver assim? A gente não sabe quando ou o momento que pode chegar.

2.2

Aqui é igual ao RJ. Não tem hora e nem dia marcado. Não respeita a polícia, não respeita ninguém.

3

Caminho 1

Planalto das Goiabeiras, Barra do Ceará

A mãe fica ligando e a irmã. Faz medo sair de noite.

obs.: Paulo relatou para mim que tem dias que dorme no barzinho dele porque tem que marcar presença, assim mostra que o lugar tem gente vigiando.

Caminho 2

Idem

5.1

Isso aqui é uma paisagem (apontou para a praia).

5.2

É uma alegria a gente vendo um rio desse. A gente aqui mora quase dentro do mar.

obs.: depois da pergunta fez um comentário para mim sobre o encontro do rio, que no caso é o Rio Ceará, com o mar.

5.3

O importante é meu trabalho mesmo, os amigos para conversar.

5.4

Conservaria: as árvores novas que foram plantadas

Mudaria: A condição de trabalho, comprar mesa, mercadoria. Ter mais estrutura.

5.5

Não. Porque aqui é muito bom, o clima é bom. É ventilado. Não sairia não.

obs.: o não foi enfático, além de assustado e rápido na resposta da indagação.

5.6

Segurança, apoio pra bem-feitoria.

obs.: a bem-feitoria que ele comenta seria a efetivação das promessas da prefeitura de restaurar/melhorar o local e ceder para cada pessoa que tem o seu pontinho de venda um espaço, feito um box.

5.7

A mesma coisa da 5.6

5.8

Tudo, menos a guerra que não tem condição de ser boa. Mas o resto é bom demais.

NARRATIVA AMBIENTAL BARRA DO CEARÁ 12/12/2018

Eu trabalho aqui há 5 anos. Gosto, acho bom. O defeito aqui é esse problema do pessoal que não se entende um com o outro. Mas o trabalho aqui é muito bom, a gente vende um coco. Aqui é agradável. O pessoal é humilde, legal. Onde você chega você encontra amigo. Sobre o problema de trabalho aqui é que eles querem tirar a gente porque vão fazer o calçadão aqui na área marítima da Barra do Ceará. Eles prometem dar boxezinhos e carro de lanche pra gente trabalhar. Eu tenho medo porque eu já não tenho emprego. Eu vivo disso aqui. Eles falavam em tirar a gente daqui há uns 3 anos. Ficamos preocupado. Enquanto eles não tirar nós a gente tá por aqui.

*Eles = Prefeitura de Fortaleza

IGMA PRAIA DO FUTURO II 12/12/2018

Dados sociodemográficos:

Idade: 21	Sexo: Masculino () Feminino (X)
Profissão: Atendente na lanchonete da tia	
Naturalidade: Fortaleza	
Bairro de moradia: Praia do Futuro II	
Tempo de residência: 21	
Bairro onde trabalha: Praia do Futuro II	
Nível de escolaridade: 2º ano do ensino médio	

Desenho:

Desenhou

1.1

Lembra paz, tranquilidade, calma aqui da Praia do Futuro 2.

1.2

Repetiu o 1.1

1.3

Paz

Calmaria

Beleza

Leveza

2.1

É um bom lugar porque é calmo. Porque tem a praia, às vezes, eu vou lá.

2.2

Parece a outra Praia do Futuro, que é a 1.

3

Caminho 1

Casa - trabalho - casa - às vezes, na praça de noite.

Caminho 2

Idem

5.1

É um lugar bonito.

5.2

Calmaria

5.3

A praia

5.4

Não mudaria nada, mas queria que melhorasse os atendimentos dos postos de saúde, esgoto, pois em algumas ruas é a céu aberto, tem muito lixo na rua.

5.5

Não, porque eu gosto.

5.6

Que tivesse mais oportunidades de estudo e trabalho.

5.7

Ter mais segurança, mais saúde e moradia.

5.8

O que tem de bom é a praia. De ruim tem o esgoto, lixo.

NARRATIVA AMBIENTAL PRAIA DO FUTURO II 12/12/2018

Nasci aqui, tenho 21 anos. Gosto de ir para a praia. Tenho muitos amigos. Trabalho o dia inteiro na lanchonete com a minha tia, de 13h às 21h. Tenho só o período da manhã e o domingo para relaxar, passear. Aqui é tranquilo, gosto daqui. Parei de estudar no segundo ano do ensino médio porque eu estudava a noite e precisei trabalhar.

IGMA CONJUNTO CEARÁ 19/12/2018

Dados sociodemográficos:

Idade: 56	Sexo: Masculino () Feminino (X)
Profissão: Estudante	
Naturalidade: Fortaleza	
Bairro de moradia: Conjunto Ceará	
Tempo de residência: 31 anos	
Bairro onde trabalha: UFC - Benfica	
Nível de escolaridade: Superior em andamento	

Desenho:

Desenhou

1.1

Representa a minha casa que para mim é o meu porto seguro.

1.2

A minha casa representa todos os sentimentos que eu sinto pela minha família, tem tudo.

1.3

Amor

Segurança

Tranquilidade

Paz

2.1

Eu gosto muito do meu bairro, aqui eu me sinto em casa. Mas ultimamente ele anda inseguro. Antes ele me passava mais segurança, mais tranquilidade.

2.2

Com um Porto Seguro. Que mesmo que ele tenha algumas inseguranças, é nele que eu me sinto bem e encontro tudo o que eu quero. Mesmo ele tendo insegurança, eu sinto segurança porque eu conheço ele, as localidades, a população do bairro que para mim já é conhecida.

3

Caminho 1

Av. C - Autopreças Braga - Av. Fernandes Távora - Shopping Jóquei - Av. José Bastos - Hemoce - Av. da Universidade

Caminho 2

Idem

5.1

Paisagem é viver em coletividade, é onde você tem relações afetivas. De uma certa forma você sabe do seu vizinho também. Por exemplo, na Aldeota quem mora nos prédios não vê pessoa na calçada e nem pode estar saudando o outro. Lá na Aldeota eles vivem apáticos. Eu gosto disso que tem aqui, dessa relação mais próxima, de sorrir para as pessoas.

5.2

Eu sinto felicidade, me sinto de bem com a vida.

5.3

Minha casa, minha família. A minha família está acima de tudo, pois ela não abandona nunca.

5.4

Eu mudaria o meu vizinho de rua, que é quase em frente, porque algumas atitudes dele me incomodam. Pois ele não respeita o espaço da rua, estaciona a frota de carros dele na rua toda e dificulta a passagem, até do pedestre. Porque ele estaciona em cima das calçadas alheias.

Eu conservaria o que já é bom, a tranquilidade da rua, os antigos moradores, a igreja.

5.5

Eu nunca pensei em sair, mas por conta do vizinho eu fico muito incomodada. Eu gosto daqui, muito mesmo.

5.6

O meu bairro é ideal porque tem lojas, mercantis, UPA, bancos para pagar as contas, posto de gasolina etc. A única coisa que falta aqui é só um cartório.

5.7

Que as pessoas tivessem mais cuidado com a cidade, não jogar coisas na rua, cuidar das plantas.

5.8

De bom tem tudo.

De ruim é essa insegurança que generalizou em todos os lugares. Antigamente, as pessoas respeitavam.

NARRATIVA AMBIENTAL
CONJUNTO CEARÁ
19/12/2018

Eu nasci em General Sampaio, fui embora com mais ou menos 6 anos para Fortaleza. Eu tinha uma irmã que morava em casa de família e ela queria sair da casa de família, então trouxe eu e minha mãe para morar em Fortaleza.

Ela saiu da casa de família, foi trabalhar em fábrica e alugou uma casa para nós morarmos. Meu pai também veio de General Sampaio para Fortaleza, mas ele não se adaptou e voltou para General Sampaio. Então, em Fortaleza ficou eu, minha mãe e minha irmã Margarida. E depois de um certo tempo, eu não lembro o ano exato, ela conseguiu essa casa no Conjunto Ceará. Fez a inscrição, se inscreveu e conseguiu justamente essa casa que foi na rua 1159, número 117. Foi quando veio morar eu, minha irmã, um filho que ela tinha e minha mãe. Aí foi nesse percurso né, que eu trabalhava na época Mesbla no Iguatemi, era solteira e nesse percurso de trabalho eu conheci o meu atual esposo.

Eu casei em 85, e em 86 a minha filha Bruna nasceu. A gente morou numa casa cedida e depois viemos para cá.

Quando eu cheguei no Conjunto Ceará, na quarta etapa, que era a etapa mais nova do Conjunto Ceará, as casas não tinham muros, só tinha calçamento e cada morador se responsabilizava por fazer o seu muro. Aí foi evoluindo, cada um fazendo os seus muros e hoje o conjunto tem uma melhor estrutura. Hoje eu moro na rua 1163.

Eu amo o Conjunto Ceará porque eu cheguei aqui adolescente, aqui conheci o meu esposo, tive as minhas duas filhas e botei num colégio muito bom do Conjunto Ceará, que para mim é o Luiza Távora. Que foi onde deu início a educação das minhas filhas. Que hoje eu só tenho a agradecer. Ele é particular, mas assim, aqui tem um outro colégio que ele é particular, mas investe muito mais em estética e para mim o essencial não é a estética é o conteúdo, a educação, a maneira como a diretora lidava com o colégio. Ela até dizia que o colégio era particular, a gente pagava, mas a gente não mandava em nada. Ela que mandava. Foi ótimo.

Graças a Deus, minhas filhas foram criadas assim, eu trabalhava, o pai trabalhava, sempre com uma pessoa diferente. Quando não tinha minha irmã ou minha mãe me ajudava. Mas graças a Deus, eu sei que não fui uma mãe de estar ali educando, mas com a ajuda dos meus familiares são duas moças que me ajudaram bastante no meu dia-a-dia. Assim, alguns anos depois também ajudaram a criar os meus pais, então, sabe, foram filhas muito boas, foram netas boas que hoje eu acho que tudo que elas têm hoje são coisas boas que elas colhem do que elas plantaram, das atitudes que elas tiveram no passado.

Hoje, já são adultas, cada uma já tem a sua casa. Hoje mora eu, o meu esposo e meu cachorrinho Chaparral. Que hoje é o nosso bem querer ele. Que a gente enfrente esse mundo aí, de trabalho, faculdade, mas quando a gente chega em casa a gente se encontra, porque tem essa bençãozinha nas nossas vidas né?

Quando eu casei, veio eu, meu esposo e Bruna morar aqui. Só que meu pai, na época que veio morar em Fortaleza e não se adaptou. Ele era agricultor do interior e não se adaptou com a cidade. Mas quando eu tive Bruna, aí ele ficava: interior - Fortaleza, interior - Fortaleza, porque ele era muito doido por criança, e era muito doido pela neta. Aí meu esposo chegou para mim e falou: por que teu pai não vem morar de vez com a gente? Eu falei com o meu pai, ele aceitou na hora porque ele até já tinha recebido outros convites dos filhos, mas até então não tinha aceitado. Aí quando eu sugeri que ele viesse morar comigo ele não pensou duas

vezes e veio. Então, eu acho que a partir dos 2 anos da Bruna, ele veio morar comigo. Aí ficou morando eu, Bruna, meu pai e meu esposo. Até vir a Renata, que nasceu em 1990. Aí pronto! As duas netas eram as queridas do avô. Era uma benção.

Ele dizia assim, quando ele recebia o salário dele: que ele tinha que tirar o dinheiro das netas. Eu trabalhava, aí eu dizia assim: meu pai não precisa. Aí ele dizia: precisa sim, as minhas netinhas não tem trabalho. Era sagrado! Até que ele faleceu.

E a minha mãe continuou morando com a minha irmã, que é na rua 1159. Hoje em dia a casa ainda existe. Só que assim, a minha irmã faleceu, minha mãe faleceu. Aí a casa hoje é uma herança do meu sobrinho, que na época morava com a gente. Essa minha irmã, foi uma irmã, uma mãe, inclusive era minha irmã só por parte de mãe, mas foi uma benção na minha vida. Inclusive quando meu pai estava sentindo alguma coisa e a gente se desentendia e eu ficava muito estressada, aí eu ia lá e era ela que me acalmava, sabe. Ela agia assim como se fosse uma filha, que nem os filhos dele fazia isso por ele.

Aí foi assim.

O bairro hoje, nós temos dois bancos no Conjunto Ceará, que é o Bradesco e o Banco do Brasil, e também a Caixa Econômica. Nós temos mercantis grandes, como o Fonseca, o Super do Povo, Vitória Régia. Temos uma UPA no Conjunto Ceará, temos o Hospital Nossa Senhora da Conceição, muito antigo no Conjunto Ceará, quando eu cheguei aqui ele já existia. E temos o Posto de Saúde Marcelo de Brito. Ah! Temos um Liceu no Conjunto Ceará e tem bastante escolas grandes que eu não conheço tão bem não. Tudo que eu preciso resolver, eu resolvo aqui. Sabe o que falta no Conjunto Ceará? Um cartório, é a única coisa que a gente sente falta. Aqui tem tudo.

**IGMA
SABIAGUABA
20/12/2018**

Dados sociodemográficos:

Idade: 76	Sexo: Masculino () Feminino (X)
Profissão: Agricultora	
Naturalidade: Lagoa Redonda (nasceu em 8 de dezembro de 1939)	
Bairro de moradia: Sabiaguaba	
Tempo de residência: 79 anos	
Bairro onde trabalha: Sabiaguaba	
Nível de escolaridade: "a vida" (ele me disse). Não estudou.	

Desenho:

Não desenhou, mas falou que desenharia algo que representasse a relação da casa com a rua.

1.1

Aqui era 11 casas e não tinha luz, água e nem telefone. A rua significa eu.

1.2

1.3

Orgulho
Felicidade
Agradecida

2.1

Para não modificar mais do que já tá.

2.2

Estrada Nova Sabiaguaba e São Paulo (por causa da grande pista de remonta a grande cidade).

3

Caminho 1

Casa - Cultivar a terra - Pasto

Caminho 2

Idem

5.1

Eu acho que é o Sol, que eu espio.

5.2

Eu me sinto muito feliz. Eu só ando conversando com Deus e agradecendo.

5.3

5.4

Não ter violência.

5.5

Não, porque foi aqui que eu ganhei tudo na minha vida.

5.6

5.7

5.8

De ruim, violência.

NARRATIVA AMBIENTAL SABIAGUABA 20/12/2018

Aqui nois somo uma comunidade, famia. É tanto que a gente tem um grupo de oração aqui. (Indaguei sobre a igrejinha que vi, que na realidade é evangélica. Dona Maria, que é católica, tem outra concepção do que é uma igreja, diz que a igreja de lá se chama Mãe Rainha, que é na Rua Pedro Mamede e diz que o seu grupo de oração faz parte dos Camilião). Nois mesmo formamo um grupo de oração pra nois né! Porque não tem coisa mió de que a reza, conversar né! De oito em oito dia começa lá da Rua Pedro Mamede, aí um vai pra uma casa, aí quando termina o da rua lá, aí eles desce aqui na rua José Parente, aí chega aqui nessa

minha, aí começa da primeira casa até a última lá. Aí volta pra trás de novo. Rezando em cada casa de oito em oito dia. Aí são as comunitárias das igrejas que vêm, que acompanha nois. Aí terça-feira foi a encerração, a festa muito animada que nois fizemo. Nois tudo somo católicos, meus fi e eu somo tudo católico.

Indago sobre o seu nome completo:

Meu nome é Maria Nogueira de Barros, completei 79 anos no dia oito de dezembro. Foi aniversário dois dia, sábado de noite e domingo. Eu nem sabia, quando cheguei era tanta da surpresa. Eu tenho uma irmã que mora lá na Lagoa Seca, dei fé as fia dela chegaram aí nuns carros aí com bolo, refrigerante. Passaram o dia comendo.

Minha fia, meu pai nasceu num lugar que pra chegar é Sapiranga, lá é Rua dos Cazumba lá. Aí quando meu pai casou-se, veio morar nesse terreno que era da mãe dele. Aí em 94 a minha vó ainda era viva, mas aí ela tinha um irmão. Aí ela pediu: "José, eu quero que você venda aquele terreno". Aí o meu tio vendeu, que era esse aqui. Foi vendido prum homi que chamava-se Doutor Modéstio, era doutor advogado. Ele comprou isso aqui. Aí meu pai chamava-se Joaquim Nogueira Barbosa. Aí o segundo dono que comprou disse assim: "Sr. Angélico (que era o meu pai, ele só chamava o meu pai assim), eu quero que o senhor fique morando aí, tomando de conta do meu terreno". Papai disse: "Tá certo!". Aí ficou. Ele (o pai) ainda não tinha nenhum filho casado. Que o meu pai tinha duas famia. A minha mãe criou João, Joana (que eram gêmeos) e Manuel. Minha mãe criou. Que eram os primeiros filhos da primeira mulher do meu pai. Mas a famia da mamãe era nove filhos, tava tudo reunido dentro de casa. Aí ele vendeu e o meu pai ficou morando, aí os fio chamava-se Doutor Modéstio.

Em 57, no dia 8 de junho de 57 eu me casei. Aí tinha lá em casa um cajueirão, aí ele chegava e se sentava.

Aí eu disse: "Doutor Modéstio, hoje eu quero ter uma conversa com o senhor".

Ele: "Não minha fia, pode falar o que você quiser".

Ela: "Eu quero que o senhor me dê uma morada aqui pertinho do meu pai. O Senhor dá?".

Ele disse: "Dou minha fia, mas eu lhe dou três meses de posse".

Ela: "E escreveu".

Ele: "Eu lhe dou três meses de cláusula, no dia que eu disser assim: Sr. Angélico, eu quero meu terreno desocupado por você e a sua fia. Aí você tem três meses pra você se virar".

Ela: "Aí ele morreu e deixou sem ata (sem o papel). Aí eu fiquei morando".

Minha fia, depois dessa palestra ele só viveu quatro anos, ele faleceu (o Dr. Modéstio). Ficou a esposa com Paulo, Neném, Helenice... só sei que ficou cinco fi. Com um mês dele falecido, a esposa faleceu. Ficou os cinco fi. Ficou o filho formado, chamava-se Modestinho, filho do Doutor Modéstio. Aí você sabe que tudo que esse menino planejou deu tudo pra trás. Deu pra beber, ruaceiro, ruaceiro, na rua não tinha quem gostasse. Ficou muita propriedade: no Siqueira, Aquiraz, na Praia do Futuro, dentro do Centro, na Major Facundo, Pedro Pereira, tudo tinha apartamento deles. Aí minha fia, quando foi nesse dia, vizinho a eles, eles morava por trás da Maternidade Escola em Parangaba. Aí no final da rua deles, era um vereador que morava lá. Aí ele pegou uma discussão com a mulher do vereador. Quando o vereador chegou ele tava discutindo com a mulher dele. Aí o homi botou ele pra correr e aí tocou fogo no carro. Aí minha fia, eu sei que por aí ele foi indo, foi indo. A irmã dele, a mais velha chamava-se Helenice. Aí ele na rua bebendo cachaça. Ela comprava um litro de cachaça, armava um rede assim no meio da sala, botava um prato de farinha e ele comia, bebia um bicada e botava um colher de farinha na boca. Morreu disso. Aí ficou os quatro. Um foi viajar

com uma funcionária e bateu o carro com outro. Quando a família do outro carro descobriu, achou eles na Parangaba e mandou matar. Ficou os três. O mais novo ficou louco, morreu. Aí ficou os dois, resta César e Helenice, só os dois.

Aí sim, eu me casei em 57, no dia 8 de junho de 57. Fiz casa. No dia 10 de dezembro, esse mais véi aqui, o Oswaldo casou-se, fez casa. Aí todo mundo foi se casando e foi fazendo casa aqui (falando dos filhos). E ela (Helenice) não procurava. Quando foi um dia, ela chegou tinha 11 casas, antes era só a do meu pai, agora tinha 11.

Aí ela não chamou eu pra um acordo, nem nada. Ela ficou muito triste, sentada bem aí nessa área dessa casa aí. Aí ela foi simhora. Tu sabe o que ela fez? Ela foi pra imobiliária e entregou o terreno. Quando foi um dia ele chegou, o advogado da imobiliária, chamava-se Zé Maria. Aí eu disse: "Quanto tempo eu tenho? Não, não tem problema não apenas eu tenho agradecer o tempo que eu morei aqui descansada. Meu pai faleceu, nois fiquemo morando e foi um moradia muito descansada, dominada só por nois, só pela famia, eu agradeço muito". Aí: "O que o senhor vai fazer com nois?" Aí ele disse: "Não, eu vou indenizar vocês". Eu digo: "Pois é, ela era a minha cumadi, madrinha da minha fia mais véa. Era pra ela ter chegado pra mim: "Oh! Cumadi, o que eu vou fazer com vocês?". Que eu tinha dito: "Cumadi, nois parte o terreno meio a meio, você fica com uma metade e eu com a outra metade e divido com os meus irmãos (Helenice deveria falar isso)". Meus planos era esse, mas ela foi pra imobiliária. Aí o advogado fez melhor pra nois de que pra ela. A mim ele me deu 55m de terra, dei 30m a dois fi e fiquei com 25m aqui. Aí do mesmo jeito ele (o advogado) fez o meu irmão, do mesmo jeito fez com a minha irmã, do mesmo jeito fez com o meu irmão e do mesmo jeito fez com a minha mãe, que nesse tempo a minha mãe ainda era viva. Aí pronto né! Nois fiquemo tudo nos seus cantim, tudo unido. E a parte dela ela foi vendendo, o advogado tirava um lote pra ele, e tirava um lote pra ela. E assim foi indo. Essas casas aqui que não é da nossa famia, é o que o advogado vendeu e eles venderam. E aqui eu fiquei morando.

Sim, aí quando o meu esposo morreu ele deixou muito gado, 70 cabeças de gado e eu nem sabia quantas cabeça de gado, que ele não criava aqui, era num terreno arrendado. Aí quando foi no dia que ele amanheceu morto, porque ele anoiteceu vivo e amanheceu morto. Eu chamei um filho com o neto mais velho e mandei aonde ele botava o gado. "Olha, diga ao Sr. Vicente que não solte o gado e o meu filho vai conferir". O menino contou o gado todim e eu disse: "Diga a ele que ele não solte o gado que eu vou falar com o dono da Indaiá, que eu vou falar, pedir esse terreno aqui. Pra eu trazer o gado e botar dentro, enquanto eu termino de resolver tudo". Aí bem, eu vendo 28 cabeça de gado numa mão só, R\$ 13.500,00. Nesse período, há 14 anos atrás. Aí eu fiz logo o acordo bem direitim, os meus fi aí debaixo de um pezão de cajá no canto dessa casa aí, meus fi tudo olhando pra mim e eu fazendo negócio. "Olha, o senhor vai me dar R\$ 1.500,00 reais tal dia pra eu ir pro cemitério fazer a catacumba do meu marido lá, porque lá o terreno é dele, mas não tem catacumba". Aí ele me deu. "O resto você vai me pagar de duas vezes". Até hoje, tá com 14 anos que tem R\$ 300,00 reais lá, que eu abandonei, porque ele foi me pagou de R\$ 200,00, pagou de R\$ 100,00, disse que era assim o dinheiro todim. Mas aí eu fui juntando, a minha cabeça muito boa, no lugar né! Aí eu fui cunhando aquele pouquinho, fui botando pra li, fui botando pra li. E aí depois que eu paguei a catatumba. Aí eu fui juntar o dinheiro. Eu tinha R\$ 9.000,00 reais de saldo. Fui na casa do Coronel Joaquim, porque esses dois lotes aí, 30 metros de terra aí era do coronel. Aí eu fui lá e pedi a ele pra ele me vender. Tinha outro lote, que essa casona aí com esse portão é do patrão dos meus menino. Aí eu comprei dois e cedi um pro patrão deles, que queria. Aí eu comprei por R\$ 9.000,00 reais. Aí eu entreguei. Porque eu quero os meus fi, aqueles que quiser, eu quero eles tudo a redor de mim. Aí eu comprando esse aí vai dar pra tudim. Aí já

tem esse bocado de casa e ainda tem essa parte desocupada aí que já tá tudo certo, ainda falta vim seis pessoas pra aí.

Aqui eu me acho muito feliz, aqui eu nasci, aqui eu me criei, aqui eu criei meus fi e tô criando os meus neto.

Indago sobre a rotina de Dona Maria e ela responde:

Minha filha, a minha rotina vou lhe dizer:

Eu me levando 4h da manhã, eu venho pro pé do meu fogão. Se convém, se hoje eu for cozinhar tudo, feijão, arroz. Aí eu boto a água do café aqui, a do feijão aqui, o arroz aqui. Aí faço o café, deixo o feijão cozinhando. Aí eu ajeito duas garrafas de café, uma pra ficar em cima da mesa pra quem for se levantando for bebendo, e a outra eu boto numa sacola pra eu levar pro meu trabaio.

Aí eu entro no meu banheiro, tomo um banho. Aí vou pro meu espeio, eu me olho, boto um cremezinho, boto um shampoquinho, aí visto a roupa deu ir pro meu trabaio. Aí bem, eu tô lá até mais tardar, é 10h40. Volto de lá pra cá, chego aqui no horário que os meus três netos chega. Aí vou cuidar do almoço de todos: é eu, eles três e dois fi. Só na hora do almoço. Aí pronto, termino, se der tempo, eu lavo as vazia nessa pia, se não der, eu arrumo bem arrumadinho nessa pia e vou me embora pro meu trabaio. Quando eu chego é 6h, 6h30, não tem horário pra chegar. 1h, 1h30 eu tô voltando pra lá, aí eu só venho esse horário. 5h30 até 6h. Lá eu pranto alfaça, cuentro, a cebola e o pimentão. Aí no período que o inverno termina, nós pranta isso durante o inverno. Quando o inverno termina, nois diminui aquele tanto. Se for até acolá naquela casa nois parte no meio, aí lá nois vamo prantá o mio, o feijão, a melancia e o girimun. Fica com bem pouquim verdura porque no verão a verdura cai de preço. E nós gastamo muito, a mão de obra nossa se precisar pagar um trabaiaador a gente vai pagar, aí tem o veneno, tem o estrume. Um carrada de estrume custa 2 mil reais. Aí tem o óleo do motor, 70, 60 real por semana, o óleo do motor. Aí precisa de um veneno, precisa de um adubo, precisa de uma coisa assim. Aí nesse período a gente diminui, deixa com bem pouquinha verdura. Aí chega a fartura do mio, do feijão, da melancia, do girimun, o verão todim. Quando chega novembro, agora eu já comecei. Quando chega novembro, dezembro a gente volta pra trás tudo de novo. Acabou-se o feijão, o mio. A gente vai continuar a verdura.

Pergunto se ela vende a verdura ou se é pra consumo próprio.

Não, a gente vende, a gente só não vende assim de mói em mói. Só se chegar uma pessoa, vim de longe, passar aqui a estrada. Agora, sempre aparece, para o carro lá e desce, pede pra gente vender 10 real, 5 real de verdura aí gente vende. Mas o período, se aprontou 10 canteiro, tem 10 canteiro pronto, aí o comprador vem comprar. Se for 20 (canteiros) aí vem dois, três (compradores), aí a gente divide.

Pergunto se esses compradores são donos de mercantis, ela responde que são da Ceasa.

Aí fora disso, desse movimento lá, agora eu já tô movimentando com essas coisas mais pouco. Quando eu tinha mais firmeza, quando eu chegava desse trabaio, aí eu dizia: "Oh! Agora nois vamo pescar". Botava a rede, que tá aí guardada. Nois ia pecar de rede. "Hoje negada nois vamos botar o rengaio". Nois botava o rengaio e ia pescar até 9h, 10h da noite. Aí deixava pros meninos colher no outro dia de manhã. É, pescaria do peixe.

Pergunto o que é o rengaio e ela responde:

Rengaio é uma armadilha que você bota dentro d'água e deixa lá parado e os peixe vai passando e vai maiando. E bora durante a noite.

Dona Maria faz outra observação.

Aí fora disso eu vou lá pra praia de oito em oito dia, lá pro canto onde essa minha fia mora. Vou buscar ostra. Aí antes disso, não, eu não tirava só a ostra não, eu ia buscar o sururu, que faz parte da ostra, ia buscar uma bixinha assim deste tamanho que chama inveio, um outro bichim, um outro marisquim. Tudo isso eu fazia, agora eu não faço mais, só vou mesmo buscar as ostra. Se chegar uma pessoa: "Oia, eu quero um saco de ostra. Se chegar outra, eu quero um saco de ostra". Aí eu vou lá pra casa da minha fia, apanho um bote e, às vezes, eu vou até perto do Iguatemi buscar lá, é umas bichinha que bota nos pé de mangue. Taí, isso aí é mangue, esse verde que tem na beirada da lagoa é o mangue. Aí lá de cima desce... Oia...

A entrevista é interrompida porque o cachorro do quintal derrama o lixo da cozinha.

Dona Maria: Alan, tu botou o lixo aqui o cachorro vai rasgar, soltou o cachorro. Alan, Samuel... Sai! Ele já comeu, é porque quando ele se solta fica doidim. A gente cria ele amarrado, num cria solto não.

Dando continuidade a conversa...

Aí minha fia, agora eu já não faço mais isso não porque é muito complicado, não é mais como era. Antigamente, não tinha perigo de nada. Agora é muita gente vagabunda nas praia. Aí agora ninguém faz isso. De primeira era só mulher. Nois ia daqui, nois is pra Barra do Ceará, Iparana, BicParque, tudo a gente ia buscar lá. Era longe, a gente ia. Ia nove mulher toda sexta-feira. Trabaiaava nove mulher junta, sexta e sábado. Nove mulher junta. Pegar essas coisas tudim pros barraqueiro. Cada qual tinha o seu tanto de botar.

Aí fia, agora ninguém faz mais isso não porque não é mais como era. Ninguém mais tem confiança de uma mulher ir só pra praia, ou duas. Ninguém faz mais isso. Por que é costume de pegarem, matarem e assim estrampar. Aí é, ninguém faz mais isso não. Tá muito diferente agora.

Aí antigamente eu que não quis me associar nessa associação. Mas essa associação chama-se, as mulher se aposenta, tem tudo no mundo, chama-se Marisqueira.

Pergunto se ia todo mundo ia e voltada de ônibus e ela me explica...

Não, minha filha, o dono da barraca que nois botava, ele tinha um carro. Se não fosse dele, tinha que fretar um carro pra ir deixar nois e ir buscar.

Penso que a entrevista terminaria aqui, e com o celular ainda gravando pergunto se Dona Maria sabe desenhar. Queria que ela fizesse um desenho para o mapa afetivo e ela me responde...

Sei não fia, minha cabeça não deu pra isso não. Eu trabaiei com muita coisa, mas a única coisa que eu achei que deu futuro pra mim foi a agricultura. Quando eu me casei, olha, eu trabalhava pra um mercado lá da Conde D'eu. Eu trabalhava pra uma loja fazendo labirinto. Eu pegava, como bem... Hoje é segunda-feira, eu ia deixar o que tava pronto e trazia uma

peça de linho ou organí ou cabradio de linho. Essas coisas assim, uma peça. Chegava em casa, a gente cortava, media, era medidinha a gente cortava ou uma blusa pra fazer de labirinto, ou um camisola. Aí pronto, a gente fazia aquilo ali aprontava, fazia, lavava, botava no grude e armava e ia entregar na loja. Labirinto, tipo uma renda. Aí eu deixei, foi o tempo que eu me casei. Aí eu comprei uma máquina Filipe Japonesa pra costurar. Costurava de noite e de dia. Acabei com essa máquina e aqui em Fortaleza não tinha os ferro dela, que ela era japonesa. Aí eu comprei uma leonano, aí não gostei e dei pra minha cunhada. Aí comprei uma máquina Singer, ainda hoje ela existe. Pra costurar pra homem, pra mulher, pra fazer enxoval de batizado, enxoval pra recém nascido, tudo isso eu fazia. Aí eu fui me desgostando porque eu tinha mais prejuízo de que lucro. Chegava assim uma pessoa da família, eu fazia aquilo tudim, e perguntava: "Maria, é quanto?". Aí eu dizia: "Me dá aí o que tu quiser". Aí eu entregava a linha, colchete, freche, essas coisas, tudo o que precisava. Eu tinha vergonha de cobrar. Aí eu digo assim: "Olha, eu vou viver a minha vida antiga". Porque de quatro ano a diante eu já acompanhava o meu pai, e a minha mãe pra fazer esse tipo de trabalho. Aí teve um período, eu com nove ano de idade, a mamãe parece que tinha cinco (filhos) e tinha uma menina, que eu criei essa menina com três mês de nascida e eu com nove ano. O meu pai prostou-se numa rede, a famia do meu pai tomou de conta. E a minha mãe prostou-se na outra e a famia da minha mãe tomou de conta. Separou nois! E a bichinha tinha três mês de nascida e o médico proibiu pra ela não mamar, porque se ela mamasse a doença era sífra (síflis), se ela mamasse cegava. Aí eu fui daqui pra um lugar, acho que assim umas duas léguas de viagem de pés, nove ano de idade, e ela dentro duma rede e minha mãe dentro duma rede com a bichinha no braço prum lugar que chamava Água Fria. Hoje em dia lá se chama Lagoa do Colosso. Aí lá eu fui pra casa duma tia que era bem de vida, tinha muito gado, tinha muito leite. Aí lá eu fui pra ficar com essa menina lá. Aí eu chorava de noite e de dia, eu não queria a separação dos outro que ficava em casa né, que tinha ficado em casa. E tinha outra irmã, que era do primeiro casamento, tinha uns 16 ano. Aí eu chorava, aí eu voltei pra casa pra onde tá a minha irmã. Aí nois fumu trabaia pra eu criar essa menina. Aí a gente fazia todo trabaio, a gente ia apanhá feijão, prantá batata, prantá maniva, todo trabaio. E isso aí eu fui me acostumando, fui me acostumando, e ela foi crescendo, e andou e engordou muito, ficou muito gorda, muito alegre. Quando foi, eu me casei com 15 anos e 6 mês. Quando eu me casei eu já sabia o que era criar um fío, eu sabia sabia o que era ser dona duma casa, eu sabia tudo no mundo. Eu nunca fui num colégio, mas essa crise foi melhor do que talvez eu tivesse ido prum colégio. Eu aprendi tudo no mundo. Amar, respeitar, trabalhar, querer bem. Por causo disso. Aí ela cresceu, eu me casei, ela ficou mais eu. Saiu do meu poder casada. Hoje ela mora acolá no final da rua. Eu digo pra todo mundo: "Minha primeira fia mais vea". Pois foi minha fia, aí eu me casei no dia 8 de junho de 1957. Em 57 eu tive um, em 58 eu tive outro, em 59 eu tive outro, em 60 eu já tava com quatro fio. A que nasceu em 60 mora aí, e um morreu, e outro tá do outro lado cuidando lá do meu canto, e depois daí por diante 18. Aí tive 18 filho, aí eu achei pouco, tive 9 homi e 9 mulher. Aí achei pouco criei um casal, 1 homi e 1 mulher pra fazer 20. Dos 20 tudim reunido, morreram 5, morreu 2 casal pequeno, e depois de criado com 22 ano morreu um afogado. Aí hoje resta 15 fio, graças a Deus, graças a Deus, 15. Tenho 15 fio. Olha, São Paulo, Morada Nova, São João do Aruaru, Avenida Recreio, Mudubim, Sabiaguaba.

Se eu pedisse pra senhora representar pra mim como a senhora enxerga o seu bairro aqui, como representaria?

Antigamente isso daqui era Lagoa Redonda, aí depois dessa estrada que formaram aí mudaram aqui o endereço nosso. Aqui de primeira era Lagoa Redonda, distrito de Messejana. Agora não, tudo é Sabiaguaba.

Quando eu falo Sabiaguaba, o que é a primeira coisa que vem na cabeça da senhora?

É como eu ia dizer, olha, a três anos atrás aqui todo mundo se reunia. Vinha aqueles dois meninos dali, esse aqui, aí tinha uns baquinhos ali perto desse muro. Todo mundo até 8h, 9h da noite sentava ali, nois tava ali tudo reunido conversando. Hoje a gente não faz mais isso. Essa porta da frente eu não abro durante o dia, só se eu tiver com mais uma pessoa sentada lá na sala, aí eu abro. Mas fora disso nois não tem mais confiança de abrir. Pra nois já modificou né? Eu acho pra mim que já modificou, a nossa moradia não é mais como era.

Eu enfatizo que a representação do bairro para Dona Maria é a rua e ela me conta uma história...

Olha minha fia, isso aqui não tinha rua. Isso aqui, esse terreno ele era conjugado com o Grupo Edson Queiroz, que é esse aí. E isso aqui era da minha vó, que ficou pro meu pai. Aí, olha, isso aqui não tinha nada. Era só o terreno mermo, aí nois entremo numa associação de um homi que chegou muito bondoso (um ainda é vivo, o outro morreu) aqui na Lagoa Redonda, aqui não tinha nada, não tinha uma escola, não tinha uma creche, não tinha nada. Aí esses dois homi se reuniram. O dono da Rua Pedro Mamede, deu lá no meio um lote de terra pra fazer uma cheche. Aí esse Sr. Vicente, que era da Secretaria da Fazenda, eles se reuniram e fizeram essa creche. Aí pronto, nois se associemo e todo mundo era associado lá. Aí aqui tinha 11 casas nesse terreno, não tinha energia, não tinha água, nem tinha telefône. Nada, nada. Aí como eu e minhas fia que era casada já tava associada lá, aí o vereador daqui chamava-se Zé Carlos, todo mundo conhecia ele por Cacá. Aí eu fui: "Zé Carlos, meu fi, e agora nois não tem energia, só tem energia aqui até na Rua Pedro Mamede, aí eu queria que a energia descesse lá pra casa". Aí ele disse: "A energia não vai descer pro seu terreno porque tem 11 moradores em cima do terreno da senhora. O pagamento de 11 casas não vai recuperar 24 poste que vai pegar". Que era lá da Rua Pedro Mamede descendo na Rua José Parente até o final da Rua Maria Nogueira. Não tinha rua, nem nome, só esse beco, que já tinha sido eu que já tinha dado. Que o terreno era emendado com o outro né. Era pra eu dar 3 e o Grupo Edson Queiroz dá 3. Eles lá não deram, aí eu dei. Aí todo mundo ficou calmo.

Se candidatou-se uma menina que é mesmo que ser minha fia, que era fia duma única professora que tinha dentro da Lagoa Redonda, chama-se Doutora Lúcia, ela trabalha em cinco hospital. "Ai Dona Maria, eu vou me candidatar a Deputada Federal, a senhora quer ir andar comigo atrás da sua energia?". Eu digo: "Lúcia, minha fia, se cada viagem que você marcar se você tiver como ir comigo, eu vou". Aí comecei a andar dentro da Coelce. Aí a Coelce: "Olha, a senhora só tem energia lá em cima do seu terreno se a senhora for ter convênio com a Prefeitura, a senhora quer ir?". Eu disse: "Se eu for encaminhada, eu vou". Aí ele me bateu uma carta e me entregou e disse: "Quando chegar lá dentro da Prefeitura, tem uma moça que atende numa mesa, se ela tiver a senhora entrega em mão, se ela não tiver bote lá e aguarde". Eu cheguei lá ela tava, eu cheguei, ela leu. Ela disse: "A senhora veio atrás dum benefício e a senhora vai pra sala dos beneficiários, eu deixo a senhora lá". Chegou lá, leu minha carta e me bateu outra, duas cartas ele me entregou, a que eu levei e a que ele me bateu.

"Agora a senhora vai levar essas duas cartas pro Cambraia, a senhora vai entregar ao Cambraia". Eu cheguei lá entreguei a ele, ele leu e disse: "A senhora vem atrás dum benefício, a senhora vai aguardar seu benefício da Coelce, vai daqui pra lá. Aí quando ele chega lá, aí a energia da senhora vai". Aí eu fiquei esperando, esperando. Quando dei fé chegou a Coelce um dia, chegou energia. Aí passou-se com uns 15 dias, um vereador disse: "Dona Maria, muito obrigada, seus parabéns". Eu disse: "Zé Carlos, se você tivesse ido andar atrás pra botar a minha energia, eu lhe agradecia. Mas é o seguinte, quem foi andar foi eu, eu fiquei conhecida em cantos que eu nunca tinha nem ido, e agradeço muito quem me levou". Ele: "Quem levou a senhora?". Eu disse: "Foi a Doutora Lúcia". Aí bem, chegou a luz, nem tinha água, nem tinha telefone, tinha nada.

Aí eu tinha uma nora, dona dessa casa aqui, que ela era muito espivitada. Ela não era daqui, ela era de Pentecoste. "Dona Maria, vamo fazer uns abaixo assinado, eu vou levar pra Pentecoste pra vim água pra nois". Eu digo: "Minha fia, vai". Fiz um aqui, entreguei a Jocélia, que era minha fia lá em Sabiaguaba e ela foi pra Pentecoste com outra. Aí eu sei que nois se reunimo tudo, aí eu fui entregar ao Fernando Hugo, em Messejana, outro vereador. Aí não demorou nada a minha água chegou. "Aí vamo batalhar Dona Maria, vamo arrumar telefone público?". Vamo! Aí fizemo outros abaixo assinado, aí entreguemo ao Zé Edilson, eu me lembro que ele trabalhava no telefone, na Telemar. Ai minha fia, eu sei que num instante chegou telefone público, acho que ainda tem uns pedaços por ali.

Aí o significado daqui é esse. Por que essa rua é citada no meu nome? Porque quando eu fui pra Prefeitura pra fazer o nome dessa rua, aí meu pai tinha um sei o que a rua Nogueira pra lá, aí Mamede que era a minha mãe, já tinha a rua Pedro Mamede. Aí eu perguntei: "Eu posso botar no meu nome?". "Pode!". Aí eu botei lá no meu nome. Por isso, eu digo, o significado dessa rua aqui só significa a mim. Porque os outro, muito abestado, não queria ir andar. Aí eu: "Menino, quem tem boca vai à Roma. E num é só rico que sabe conversar, falar não".

Dona Maria ri da história com alegria!

Pergunto para Dona Maria o que ele sente quando ela fala na rua dela. Ela diz:

Eu sinto muito orgulhosa, eu sinto felicidade de eu morar aqui, de vir muita gente a minha procura aqui, não veio só você, já veio muitas e muitas pessoa aqui a minha procura pra conversar comigo. Até a TV Jangadeiro já veio aqui. Aí eu me sinto orgulhosa né! E mesmo assim eu agradeço muito a Deus por eu ter tido essa oportunidade de eu ter criado a minha famia aqui, como pobre, mas não tem nenhum errado. Todos não tem nenhum formado, mas todos passaram pelos colégio, uns fizeram a oitava, outros fizeram a quinta, outros a sexta, mas tudo passaram pelo colégio, tudo sabe assinar o seu nome. Tudo trabalha, tudo são trabaiador, são dono das suas responsabilidades.

[Dona Maria sai apontando com o dedo a casa dos filhos e falando sobre eles]

Só esse aqui tem vinte e dois anos de firma, que perdeu a esposa agora. Aquele ali, o caçulin, nunca quis, nunca desapregou-se do mocotó da mamãe, nunca, nois trabalha junto. Nois anoitece e amanhece junto. Esse aqui trabalha numa fábrica de cerâmica lá na Aldeota. Tudim são empregado. E tem um ali que é dono de uma horta lá perto de mim, assim, tudo trabalha. Cada um tem o seu o que fazer. Tudo.

Pergunto o que Dona Maria pensa do seu bairro onde ela mora. Ela diz:

Eu penso assim, minha fia, que eu rezo muito e peço a Deus nas minhas oração que não modifique mais que já tá. Que não é pra ficar perdido.

Porque muitos cantos que você vê falar, que os marginal chega, manda desocupar as casas pra eles se apossar né?! E muitos cantos que não pode dormir, aqui nois pode dormir, nois dorme se quiser, até de porta aberta. Tudo é fãmia. Quem aparece, às vezes, é conhecido dos menino, não bole em nada. Aí por isso eu digo: "Eu peço muito a Deus que num modifique, não mais do que o que já tá".

Pergunto se ela pudesse comparar a Sabiaguaba com algo, com que ela compararia?

Minha fia, eu fui uma vez em São Paulo, umas parte eu achei assim parecia com isso aqui né! Lá onde a minha menina morava. Lá eu achava bonito, assim, a gente só não tinha era liberdade porque lá a casa dela era muito, os muro era muito alto, nera. Eu dizia assim: "Oh! Joceli, eu vou me embora quais que eu não vejo o sol" (Risos). Mas eu achava assim, tinha canto assim que eu achava parecido com isso aqui. Uma estrada lá que ela me levou pra nois ir pruma feira, parecia essa estrada nova que fizeram aí. Desse mesmo jeito, a gente caminhando e os ramim, tanto pezinho de planta assim nas coxia de um lado e outro. Aí eu digo: "Joceli, isso aqui parece a estrada nova que fizeram lá". (Risos).

Continuo o questionário e pergunto para Dona Maria o que é uma paisagem. Ela me responde:

Minha fia a paisagem, eu acho, eu acho assim, porque eu me deito quando eu me levanto eu saio pra fora. Oia, eu fico no meio dessas duas casas aí olhando pra paisagem que o dia vem clareando, o sol. O sol é o planeta pra mim mior do mundo, é o sol. A lua ela aparece de oito em oito dia, ela só clareia de quinze em quinze dia. E o planta do sol ele clareia pra nois enxergar todo dia. Pra mim, essa paisagem aqui pra mim, que eu espio pra cá é tudo na minha vida. (Risos).

Eu me sinto muito feliz nessa caminhada que eu faço todo dia. Eu vou andando, eu não vou calada. Pode até você um dia, você chagar perto de mim e você dizer assim: "Aquele mulher tá doida, que ela vai conversando só". Eu não ando só, eu ando com Deus e ando conversando com ele. Eu ando conversando, agradecendo o que eu já passei, as coisas pesada que eu já passei. Hoje em dia é outra, mas todo tempo agradecendo a Deus.

Um dia numa reunião que nois fomo fazer, todo mundo ficou admirado. "Olhe, eu vou dizer pra vocês que agradeço muito a Deus, me acho muito feliz no meio da minha fãmia. Eu me acho feliz, me acho assim uma pessoa que eu sou muito sorteada por Deus, porque, minha fia, muita coisa veio pra acontecer comigo e Deus desviou".

Dona Maria conta um acontecimento pra mim...

Eu fui pra praia me divertir mais a nora, e um bichim e duas netinhas que eu levei. Quando eu cheguei na beirada da praia, lá no mar aí tinha os botes e assim em cima tinha uma casa só coberta em cima, não tinha parede, não tinha nada. Nois levemo a latinha de conjunto com merenda pras menina e pra gente merendar. Quando eu vi umas pessoas distante assim vindo caminhando a nossa procura na beirada do mar, eu disse assim: "Antônio e Daniele, vamo pra li pra nois senta, de lá nois tamo vendo o mar". Graças a Deus, nessa hora Deus já tava chamando nois né. Quando nois chegamo lá, eles se sentaram assim na beiradinha do coisa, e eu caminhei daqui aquela coluna (Dona Maria faz comparação de distância). "Eu vou olhar

pra onde foi aquelas pessoa". Essa hora eles já vinham subindo com a arma na mão, aí eles botaram a arma em mim, aí eu fui me virando assim, aí ele foi dizendo assim: "Não corra não que é um assalto". Aí eu fiquei só na minha, aí eu fui me virando a diante muito, muito assim uns trinta metros a mais tinha uma casa. Aí eu só fui me virando e aumentando as passadas e fui correndo, aí eles disseram: "Mande a sua mãe parar". Eu disse assim: "Meu fio, é um assalto, eles já vem ali". Pronto! Só deu tempo de dizer isso. Quando eles chegaram e botaram o revólver em mim. Sim, aí eu fui correndo e eles: "Se você não mandar a sua mãe parar eu atiro". Aí eu fiquei nas minhas oração e corri corri até chegar nessa casa. E aí eles tomou conta dos menino, tomaram bolsa, toalha, merenda, tudo, tudo, tudo. Aí nessa casa só deu tempo de chegar lá, quando eu vi da conta de si eu já tava dentro numa rede, tavam botando garapa na minha boca. Aí o resto eu não sei mais contar.

Eu esperei, todo mundo esperou com muito longe. Ninguém andava com celular, ninguém andava com nada. Esse aqui tem carro, esse aí tem carro, tem moto, tem tudo (Dona Maria aponta pra casa de cada filho). Mas não dava pra gente ligar que eles fossem me pegar né. Aí foi esperar que a gente miorasse, aí nois caminheiro de lá, lá da beirada do mar até aqui. Isso faz uns oito ano.

Aí passou-se, passou-se quando foi uma noite, as minhas porta não era essa daí, era dessas porta comum. Aí graças a Deus que Deus me mostrou uma luz, eu comprei uma porta pro quarto lá, comprei uma porta pro quarto aqui e comprei as janela da frente, comprei essa janela de lado e comprei essa porta da frente tudo numa vez. Aí como o mais vei trabalhava na firma do Montenegro, que é um grande advogado, tinha vez que ele chegava tarde. Quando eles ia fazer acabamento de serviço, eles anoitecia dentro da firma. Aí eu fiquei esperando que ele chegasse, só a porta encostada, eu não botei o trinco. Quando ele chegou, ele chegou por essa frente aqui, por esse lado aqui. Não tinha essa área. Aí ele entrou, até meio embebido, eu botei a janta dele. Aí nois entremo, ele entrou pro quarto dele, eu entrei pro meu. Nem botei o trinco do meu quarto. E esse aqui dormia nesse outro quarto aqui, o outro menino, nesse outro quarto aí que é o banheiro. Aí minha fia, bem! E eu tinha feijão verde, o dono dessa outra casa aqui, sem ser essa, a de lá, chama-se Joca, é meu neto. Eu fiz assim: "Joquinha, meu fi, amanhã eu vou apanhar feijão verde pra você". Ele é um rapaz alto, magro, moreno. Aí quando eu vi aquela pessoa bulindo em mim, que eu abri os olho assim, em cima da cama eu disse: "Joquinha, a vovó nem apanhou o teu feijão". Que não era, era um homi. Aí eu me agarrei com esse homi e esse homi botou a mão na minha boca. E os menino durmindo lá no outro quarto, bem pertinho. Botou a mão na minha boca e aí me apertava, fazia assim que eu não gritasse. Valha, meu Deus do céu! Aí Deus me deu uma resistência tão grande que eu safei os dois braços dele da minha boca, ele me tacou na parede, aí quando ele me tacou na parede, aí eu gritei: "Francisco, meu fio, tem um homi dentro de casa". Os menino vem de lá pra cá. Ele abriu a porta de novo e saiu pra correr por essa daqui porque ele já tinha deixado aberto né. Aí ele saiu nessa porta aqui, o menino acompanhou ele, quando eu cheguei aí, desmaiei. Aí o menino voltou, deixou ele correndo e veio me acudir e chamar por esse aqui. "Loro, Loro, a mamãe tá passando mal". Ele chamou: "Cumade Carminha, cumade Carminha, porque eles aqui é assim, tudo é cumade". Aí, "A mãe tá passando mal". Aí foi que veio todo mundo. Aí oia, ele era de dentro desse sítio, tinha vindo pra casa dum homi, ele era pra ter ido pra casa dum irmão, aí ele vinha fazer isso. Primeiro, ele entrou na casa numa sobrinha minha ali, aí de lá botaram ele pra correr, aí ele veio e entrou nessa daqui, daqui ele arroudeou e pulou o muro e voltou pra trás. Aí pronto, os menino ligaram pra polícia, a polícia veio. Aí nessa noite foi uma noite de alvoroço, os menino aí trouxeram ele, os menino pegaram ele. "Não encoste a mão, meus fio. Não tem futuro". Aí a viatura veio e levou nois e fumo fazer o B.O. e passemos a noite no meio do mundo, o restante.

Aí por isso, eu digo: "Minha fia, tudo o que vem pra mim Deus desvia. Não acontece". Aí por isso, eu digo: "Eu sou muito agraciada por Deus, por Deus porque o que vem pra mim não me acontece".

E quando o meu esposo era vivo, eu sofri muito com ele, muito mesmo. Porque... Ave Maria, foi a pessoa que mais me deu trabaio na minha vida foi o meu esposo. De doença. Ele passou sete mês. Quando ele adoeceu eu tava com quatro mês de bucho, quando ele ficou bom tava com três mês de nascido. E a outra doença, ele passou só dentro do Hospital São Raimundo, ele passou três mês lá operado, fizeram um gesso, botaram ele. Foi operado três vezes da coluna, aí veio pra cá passou um ano no gesso. Alimentação seis mês de hora em hora, de hora em hora. Ele em cima da cama, ele em cima da cama, eu aqui, ele com um relógio no pulso marcando de hora em hora. Tinha que me levantar e dar a alimentação. Ele num pegava nem o cumê, nada, nada ele levava pra boca. Nesse tempo tinha nem ouvido falar em liquidificador, aí eu fazia a comida dele, passava numa peneira bem passadim. Eu ia buscar de quinze em quinze dia, ou eu ou a menina mais veia, aqueles tubo assim do canudo que passava o soro. O Doutor Eládio, que foi o médico dele, cortava os canudo deste tamanho, os pedacim pra ele passar a alimentação dele. Ele chupava na boca, passado dentro daquele coisa. Um ano todim no gesso. Só pela coluna. A coluna dele, ele quando operou, a coluna infeccionou. Deu uma infecção, muita febre, muito pus, muito sangue. O doutor chagava já tava um vrido dessa altura cheim de sangue com pus. Todo dia tomava uma caixa de soro, todo dia, todo dia, todo dia. Passou três mês dentro do Hospital São Raimundo e nada, não me deram nem esperança. Muita fé em Deus, aí fiz uma promessa com São Francisco, ainda hoje sou devota de São Francisco. Todo os dia 24 nois passemos, eu e a famia, quem quiser ir pro Canidé. Aí, por isso, eu digo: "Agradeço dizendo, todo mundo se admirando, se não sabia que era acontecido comigo". Eu agradeço muito a Deus porque tudo que foi de ruim que veio pra mim Deus desviou, Deus não deixou acontecer. Por isso, eu digo: "Sou muito abençoada por Deus". Tenho muita força de reagir. Eu digo assim: "Meu esposo morreu, foi muito alvoroço, mas eu pedi força a Deus". Eu mesmo fui pra funerária, ele era fiador do caixão fazia 22 ano, 22 ano que ele era fiador de caixão. Ele era muito caridoso também. Aí eu fui, cheguei lá tava fechado, mas realizei todo o enterro dele, fiz tudo por ele. E pedindo força a Deus, que Deus me desse força que eu queria reagir. O jeito que eu quisesse, que Deus me desse força pra fazer o enterro dele, do jeito que eu pensasse. Graças a Deus que Deus me deu e muitas e muitas forças. Morreu um fio afogado, eu pensei era do mundo ter se acabado, mas Deus me recuperou. E daí por diante tudo o que acontece no meio da famia, eu peço força a Deus. E Deus me recupera.

Agora eu tô com problema seríssimo de pressão alta. Quando eu me levanto tomo um gole de café, antes do banheiro que eu bebo um gole de café, eu tenho que tomar dois comprimido pra pressão, todo dia, todo dia. É. Ontonte eu não tomei, quando dei fé tava beba, bebinha. Eu já sei o que é, é a pressão. Porque a minha pressão é silenciosa, tanto sobe duma vez, como pode descer duma vez. É duma vez. Eu tenho a caixinha de comprimidos, já hoje vieram deixar três.

É minha fia, por isso, eu digo: "Graças a Deus, eu agradeço muito a Deus a minha vida de batalha". Desde nove ano de idade que eu sofro assim de trabaio, mas agradeço a Deus a força, a coragem que Deus me deu". Os menino: "Mãe, tá bom da mãe parar de trabaia, que a mãe não tem mais...". "Minha fia, se eu for parar dentro dessa casa aqui você sabe o que vai aparecer?". "Eu vou cair de doença pra vocês cuidarem de mim". E eu fazendo a minha caminhada todo dia, todo dia eu tenho certeza, Deus vai saber o que é que vai fazer comigo. Quando Deus permitir que eu não trabai mais, eu já sei, eu vou parar de trabaia. Mas pelo contrário não. Então, minha fia, eu vou fazer um negócio. Eu tenho esse gado aí, um dia que eu disser assim: "Hoje ligue pra fulano de tal que eu já tenho um comprador certo. Ligue pra

ele, diga a ele que tu tô chamando aqui que eu vendo o bicho. Aí ele vem, ou eu mesmo vou lá e faço a venda". Eu faço, sei que tá certo, tá resolvido! Eu resolvo tudo.

Minha fia, oia, antigamente, o pessoal se admirava que eu fazia isso. Oia, eu não sei ler, eu vou lá ficar andando de cara pra cima. Onde é a rua fulano de tal, onde é a rua? Não, oia, eu ia pra rua, só apanhava... Nesse período, das doença do meu marido, não tinha ônibus aqui na Lagoa Redonda não. O ônibus da Lagoa Redonda era 7 da manhã, 2 do dia e 7 da noite. Três vez por dia o ônibus passava. E quem não quisesse esperar por esse horário tinha que se dirigir daqui pra Cidade dos Funcionários. Você já ouviu falar na Seis Boca, na Toca do Coelho? Pois era, nois saia daqui e ia apanhar o transporte lá. Todo tempo andando de pés. Aí bem, chegasse lá minha fia, tu pensa que se eu fosse pro Hospital eu ia apanhar o ônibus que passa aqui? Oia, a clínica que meu marido se tratava, ele foi operado no Hospital São Raimundo aqui na Aldeota, e a clínica que ele se tratava desde o início da doença dele era depois da Assitência, três quarteirões tirando pro interior. Eu vinha de lá desse clínica pro Hospital Militar, do Hospital Militar eu tirava pro Hospital São Raimundo.

Eu ia pra Maternidade Escola, eu descia do ônibus no parque. Eu ia esperar que o ônibus passasse pra ir lá pra Maternidade Escola? Eu ia andando. Pegava a Rua Guilherme Rocha saia pro canto fulano de tal. Tinha a Sandu, meus menino tudo se tratava na Sandu. Se eu ia esperar que o ônibus passasse? Eu ia andando. Era mais rápido que ônibus. Nois não apanhava ônibus dentro do Centro de jeito nenhum. Ia pra... Vixe, como é que o meu marido se tratava lá? Na Castro e Silva, eu ia lá pra assistência, pra assistência não, lá pra aquela bicha, os primeiros hospital dentro da cidade. Como é? Santa Casa tudim de pés. (Risos).

Não tinha tanto perigo não, minha fia. Nem tinha esse horror de ônibus dentro do Centro nera, pra gente apanhar um ônibus né? Dava pra andar tranquilo, não tinha esse horror de transporte dentro da cidade não.

Aqui, o posto daqui da Lagoa Redonda todim era lá na Messejana. Pois é, minha fia, desse jeito. Eu nunca tive vergonha de fazer nada não. O meu sofrimento da infância, a minha infância é essa dagora. Eu não tive infância, minha infância foi sofrida pra gente comer, dar de comer pros irmãos. A gente ia pra uma praia fazer esse mesmo trabaio que eu tava dizendo. Quando a gente chegava, que a gente trazia aqueles objetos. Você já ouviu falar no Curió? Pois nois saia daqui, a casa da mamãe era, o terreno dela eu vendi pro Doutor Paulo, essa casa que tem depois dessa casa amarela. Nois ia daí lá pro Curió vender as coisa. Essas coisa que nois trazia da praia nois ia vender pra comprar as outras coisa. Comprar farinha, açúcar, café. Era muito longe. A gente chegava... Isso era a pé, eu num disse que não tinha ônibus? E a gente tinha que andar de casa em casa oferecendo.

Num tempo desse eu contando essa história, uma pessoa disse assim: "Tu não tinha vergonha não?". Não, vergonha faz era roubar. Se meu pai tivesse criado eu de sítio em sítio roubando, era feio. Mas a gente pegava uma coisinha e vender pra comprar as outras coisas que a gente precisa não fazia vergonha. Eu acho que não né. Eu não tive vergonha de nada.

Minha fia, eu sou muito conhecida, os moradores dono mesmo da Sabiaguaba era só bichão rico, era o: Doutor Nogueira, o Sergio Calado, o Celso, o Doutor Sérgio, esse pessoal tudo eu conhecia. Quando era no início da barraca da minha menina, que ela casou-se que foi morar lá, pra botar a barraca (perto da praia). O pessoal chegava, eu tava torrando peixe. "Oia, hoje nois queremos isso assim e assim natural". "Hoje que quero um peixe amuquinhado". Que é um peixe amuquinhado, você sabe? O peixe amuquinhado é assim, muitos aviadores ia pra lá, aí eles dizia assim, aí tinha um que era assim, eu ainda me lembro dele que ele era chato. "Oia, Dona Maria, hoje eu quero um peixe amuquinhado". Ele ia lá no congelador e escolhia o peixe grande do tamanho que ele quisesse. Aí ele botava esse peixe aqui, aí a gente passa a faca... Aqui não tem a barriga do peixe, que nois trata? Aqui não, trata aqui nas costa. Aqui nas costa, aí as duas bandinhas, sem escamar, sem tirar as escama, nem rabo, nem nada. Aí

tira só a guerra, aí vira ele, aí você passa sal. Aí fecha ele, aí bora ela na grelha, não pra torrar. Pra assar. Aí é o peixe amuquinado.

Quando aquele peixe tá bom, aí você coloca todo tipo de verdura. aí você coloca ali dentro. Aí coloca na bandeja, e bota lá pra eles comerem. Esse que é peixe... Como eles diziam: "Dona Maria, hoje eu quero um camarão fresco, da hora". "Dona Maria, hoje eu quero um sururu da hora". Era só apanhar o bote e ir buscar. "Hoje eu quero uma ostra dibuiada pra comer com arroz". Era só eu ir lá no mangue pagar, dibuiava viva, aí enchia os copim, aí botava na caçarola e botava todo tipo de verdura, voltava e botava na mesa. Muita gente, muita gente conhecida mesmo. Fui cozinheira. Trabaiei nove ano com a minha fia e deixei. É essa que mora lá, aí eu deixei. Não quis mais não. Que o marido dela bebia e tinha abuso e eu não. É nas primeira barracas de quem vai e chega na beirada do rio. Que tem um viaduto. Pois é, fia, aí eu deixei e fui cuidar só das minhs verdura e das minhas vaquinha.

Pergunto pra ela se ela sairia de lá onde mora e ele respondeu:

Não, daqui só pra derradeira morada. Pro cemitério.

Pergunto por quê.

Minha fia, não sairia daqui porque aqui foi que eu ganhei tudo na minha vida. Tudo quanto eu tenho foi prosperado nesse chão.

O meu esposo morreu, eu digo assim: "Eu agradeço a Deus, ele foi homi de muitas famia, mas nois nunca se separemo, nunca, nunca, nunca. Aqui tudo que nois fizemo, nois dois, foi aqui em cima. Ele partiu, ficou tudo aqui nas minha mão". Aí por isso... "Muié, vende esse gado". Não, isso aqui era meu mais do meu esposo. Meu esposo partiu eu vendi uma parte, faz de conta que eu vendi a dele, essa daqui fica. Um dia se eu tiver uma precisão, eu vendo um, dois. No dia que eu vou pro Canindé, pra pagar a nossa devoção, eu não vou bulir em nada meu, eu vendo dois bicho, pego o ônibus. Freto o ônibus. Esse ano, o frete foi 1.300 reais, vendo dois garrotes por 1.800 reais, pronto! Paguei o ônibus, ainda tirei saldo. Vou todo dia 24, saio dia 24 chego no dia 25.

Pergunto para Dona Maria o que é um bairro bom e ela me responde:

Acho que um bairro bom é a pessoa viver sossegada onde mora né?! Sem preocupação, sem a pessoa ir dormir: "Mas será que vão me roubar? Será que vem me matar?". Eu acho que canto bom é assim né?!

Tranquilidade, a pessoa viver tranquilo é a melhor coisa do mundo. Eu me acho muito tranquila.

Pergunto para Dona Maria o que tem de ruim no bairro.

Minha fia, o que tem de ruim, é só, o que eu acho só umas pessoas que aqui e acolá aparece desconhecido no mei da famia. É só o erro que eu acho aqui. Se chega aparece uma pessoa de fora daqui... Uma vez eu perguntei assim pros menino: "Meu fio, quem é aquela pessoa ali?" Se for conhecido, eles dizem. Se não for, eles dizem: "Vó, eu nunca nem vi". Aí a gente já fica sobressaltada né?! Ninguém não sabe quem é e quem não é. Aí sempre eu digo, eu deixo essas coisas aqui, a geladeira aqui do lado de fora, tudo aqui, essas coisas aí tudo cheio de roupa. "Muié, tu não tem medo que roube não?". Tenho não! Só se vier uma pessoa de fora. Mas aqui da minha rua eu acho que não tem. Eu acho que não tem quem tem coragem de vim

aqui. Esses que é nascido e criado aqui não tem nada o que temer. Aí se aparecer uma pessoa de fora errada, aí é mais fácil. Risos...

Peço para Dona Maria fotografar algo que representasse alguma coisa muito importante para ela ali onde ela mora.

Era, minha fia, se você tivesse falado na hora que você chegou acolá. Se você dissesse: "Dona Maria, eu vim aqui bater uma foto". Eu ia dizer, olha aqui eu no mei do meu gado! Risos...

Um dia desses num veio um homi, o Gustavo trouxe aí, chegando bem ali na hora que eles iam o gado vinha todim. Aí foi bom demais nesse dia! Risos...

A foto seria com o gado, mas eles já saíram.

**IGMA
CIDADE 2000
21/12/2018**

Dados sociodemográficos:

Idade: 29	Sexo: Masculino (X) Feminino ()
Profissão: Estudante	
Naturalidade: Fortaleza	
Bairro de moradia: Cidade 2000	
Tempo de residência: 22 anos	
Bairro onde trabalha: Benfica	
Nível de escolaridade: Superior completo	

Desenho:

Desenhou casas conjugadas, tal como tem no bairro.

1.1

De espaço privado, minha casa, meu habitat.

1.2

História, memória, lugar.

1.3

História, memória, lugar, vínculo afetivo, família.

2.1

Eu tenho uma visão otimista dele, afinal, tem uma demanda de moradia, é bem localizado e é um bairro muito bom de se morar.

2.2

Parece o Condomínio Nova Aldeota, porque o ambiente em si se parece muito, porque a gente se dispõe de todo tipo de serviço, a gente tem acesso.

3

Caminho 1 = Casa, trabalho, trabalho, casa

Caminho 20= idem

5.1

São espaços e ambientes em geral. Uma comunidade, uma praia. Pode ser a minha casa.

5.2

Me sinto pertencente, com um sentimento de inclusão, de se fazer parte da própria formação do bairro e seu desenvolvimento.

5.3

As minhas raízes e relações familiares.

5.4

O bairro em si é bem tradicional, conservaria esse sentimento de familiaridade.

Aqui eu sinto a falta de equipamentos culturais, sinto falta disso.

5.5

Não, porque eu gosto daqui. sairia só se fosse para conseguir um emprego bom.

5.6

Um bairro com condições favoráveis para a melhoria do seu bem estar.

5.7

Seria uma cidade onde o IDH fosse de qualidade.

5.2

De bom, tudo o que eu disse antes, sobre estrutura e familiaridade.

De ruim é porque o bairro é circundado por favelas, e algumas facções já dominaram. De uma lado tem a favela dos cocos, é uma delas dentre outras. Aqui é rodeado de favelas. Aqui é bem misto. Ao mesmo tempo é central e também periferia.

NARRATIVA AMBIENTAL

CIDADE 2000

21/12/2018

Minha mãe veio pra cá quando eu tinha 7 anos de idade. Ouvi relatos da minha tia Dasdores, que ela é moradora antiga daqui, desde a década de 80, que o bairro nessa época não tinha nenhum tipo de estrutura, não era urbanizado, onde só uma ou outra rua que tinha urbanização. E tinha uma linha de ônibus que passava pelo Hospital Geral. A partir dos ano 2000 é que o bairro se desenvolveu com mais intensidade, com a vinda de supermercado, houve a reforma do Posto de Saúde Rogoberto Romero, a reforma da igreja, em 2010.

As mudanças mais recentes foi a reestruturação horizontal do bairro, que é a pavimentação da maioria das ruas, a construção da praça da delegacia e a reforma ainda não finalizada da delegacia. Isso está atraindo mais os olhares pra cá, pra que as pessoas venham ocupar mais o bairro. O custo de vida aqui é um pouco alto, mas o lado positivo é a segurança, acessibilidade e é uma zona de amenidades.

A minha relação com o bairro é de pertencimento. Eu me sinto incluído como morador, apesar de eu ser mais reservado, eu conheço todo mundo e cumprimento.

**IGMA
PARQUELÂNDIA
21/12/2018**

Dados sociodemográficos:

Idade: 46	Sexo: Masculino (X) Feminino ()
Profissão: Vendedor ambulante	
Naturalidade: Fortaleza	
Bairro de moradia: Padre Andrade	
Tempo de residência: 8 anos	
Bairro onde trabalha: São Gerardo - Av. Bezerra de Menezes	
Nível de escolaridade: Ensino fundamental	

Desenho:

Não desenhou, mas falou que desenharia a sua bicicleta.

"Eu passo aqui e quando vejo o local, eu me lembro da bicicleta".

1.1

Pra mim hoje ela representa tudo. Tanto pra vim pra cá quanto pra comprar mercadoria. É o meu sustento.

1.2

Se eu ficar em outro lugar, eu me sinto perdido.

1.3

Bem estar

2.1

Tem muita coisa que tem que fazer porque aqui é avenida e não tem o cuidado com o pedestre. A preocupação aqui é só multas.

2.2

Aqui eu compararia como o meu porto seguro, porque é o meu ganha pão.

3

Caminho 1:

Padre Andrade - Cruza a Av. Sangento Hermínio - G barbosa - Praça do Temberge - Av. Bezerra de Menezes

Caminho 2: Idem

5.1

Paisagem, eu diria, que é um local bonito, como se fosse a Lagoa do Banana.

5.2

Eu me sinto bem. É bem movimentado. Nunca senti nenhum tipo de violência, acontece só os acidentes. É o pessoal mesmo que procura.

5.3

Hoje em dia aqui eu acho as amizades que eu fiz aqui. Fiz muitos amigos.

5.4

Conservaria: Seria o meu ponto. Seria uma das coisas que eu não mexeria.

Mudaria: O tratamentos dos agentes [da prefeitura] porque a gente até ajuda eles a ir deixar o pessoal do outro lado da rua, deixar no shopping. De certa forma, a gente ajuda eles.

5.5

Só se for obrigado mesmo, porque eu acho bom trabalhar aqui. Mas como não é em ponto fixo, eu não posso dizer que é meu.

5.6

Hoje em dia é meio difícil. A violência tá tão grande. Não tem como eu te dizer. Hoje em dia até na rua você não pode ficar tranquilo. O povo fica vendendo droga na rua. Não dá pra ficar tranquilo. Até no interior não é mais tranquilo, o pessoal vive roubando os bancos.

5.7

A cidade sem violência, poluição.

5.8

Bom: Movimento

Ruim: Tratamento dos agentes

NARRATIVA AMBIENTAL PARQUELÂNDIA 21/12/2018

Eu trabalhava no Açaí e fiquei desempregado. Comecei a vender salgado e depois vim pra cá. Já tô aqui há 4 anos. Aqui é bom de trabalhar. O problema é a fiscalização do shopping, eles que contratam da Prefeitura. Eu não posso ficar aqui, no máximo 3 horas. Depois eles chegam e eu tenho que sair. Aqui é tranquilo. O que tem muito aqui é acidente. Fico aqui de domingo a domingo, chego 10h ou 11h, e vou embora as 3h. No final de semana eu fico até às 8h da noite.

Obs.:

Sr. Altemar trabalha vendendo água e óculos escuros. Sob um guarda sol verde da Heineken se protege e passa as horas que dispõe ali trabalhando. Nossa conversa teve algumas paradas para a venda de água e perguntas de clientes sobre o preço dos óculos.

IGMA
BENFICA/GENTILÂNDIA
21/12/2018

Dados sociodemográficos:

Idade: 63	Sexo: Masculino (X) Feminino ()
Profissão: Gari	
Naturalidade: Itapipoca	
Bairro de moradia: Bom Jardim	
Tempo de residência: 8 anos	
Bairro onde trabalha: Benfica	
Nível de escolaridade: Ensino fundamental	

Desenho:

Disse que não sabe desenhar, mas disse que desenharia uma mangueira que dá fruto e um pé de tamarindo que tem na praça onde trabalha.

"Quando tem eu levo frutas, agora tá mudando a folha pra dar carga".

1.1

A mangueira dá fruta, a gente gosta da fruta dela. Só em a gente comer a fruta já é importante. Dá o suco, é bom. E ela caíndo do pé é bem docinha.

1.2

Eu sinto assim uma paisagem bonita, limpinha. Todo dia a gente deixa ela assim. Eu e ela (a colega de trabalho) é que deixa assim. Os outros que vem não deixa assim não.

1.3

Alegria
Saúde de poder andar
Bem estar

2.1

O bairro é bom, o pessoal que mora aqui gosta do bairro. Daqui acolá faz coisa que o pessoal não gosta. E tem moradores de rua aí que fazem sujeira, e a gente tem que limpar. A gente não gosta de reclamar, eles podem ficar com raiva. A vida Deles é assim.

2.2

Navio, porque quando a gente anda a gente gosta demais. Ver aquelas águas bonitas. Quando eu era mais novo eu fui pra Recife, Rio Grande do Norte, Noronha, São Paulo.

3

Caminho 1:

Bom Jardim - Repartição (URBFOR) - Praça da Gentilândia

Caminho 2: Idem

5.1

Uma paisagem é uma mata bonita, que nem a Amazônia. Quando eu vejo na televisão eu acho bonito, dá vontade é de morar. Onde a gente mora agora tem coisa ruim, mas no interior é mais difícil. A gente não confia não. Eu moro numa favela, mas pra mim é tranquilo, quem parar pra mim é bom dia, boa tarde. Lá foi onde eu fui ter as coisas.

5.2

Eu acho bonita, tem um vento agradável. É bom. Só a gente ver a natureza verdinha já é bonito.

5.3

O mais importante pra mim é o meu trabalho e saúde, tanto com saúde eu tô feliz.

5.4

Mudar não pode mudar não. Eu deixaria. Aqui tinha uma feira era grande, botaram aquela pista ali pros meninos brincar. Tá se acabando a feira.

Obs.: Sr. José lembra com saudosismo a feira e a variedade de grãos que armazenavam ali naquela praça, que tinha uma estrutura para essa atividade. A pista de que ele fala é a pista de skate, chamada de Skatepark da Gentilândia.

5.5

Eu acho bom aqui, mas eu não posso dizer nada porque quem quem manda é o chefe, e ele pode mandar a gente trabalhar em qualquer lugar. É bom aqui, fica mais ou menos perto da minha casa.

5.6

Pra mim todo bairro que eu morar é bom. Hoje a vida que a gente leva a gente tem que respeitar todo mundo.

5.7

A minha cidade ideal é o meu interior, Itapipoca.

5.8

Falou do bairro onde mora.

Bom: Mercantil porque compra o que quer e o posto de saúde. O resto quem quiser que se cuide. Tem que entrar pra dentro e pronto, porque é bala em todo canto. Moro na Rua Luminosa, Bom Jardim.

Ruim:

De ruim só tem o mal fazer (ladrões). Hoje a gente não pode andar tranquilo.

NARRATIVA AMBIENTAL
BENFICA/GENTILÂNDIA
21/12/2018

Eu tô aqui com mais de 10 anos, eu faço a limpeza da praça, daquela rua ali, daquela ali e dessa que se chama Marechal Deodoro. Eu chego 6h e saio 12h, aí vou guardar o material na empresa. Eu tô aqui de segunda a sexta. Eu gosto do meu trabalho, eu gosto de trabalhar. Tá com mais de 50 anos que eu trabalho nisso, já trabalhei com enxada, varrendo e no caminhã de coleta de lixo, passeio 10 anos fazendo a limpeza de rua. Já trabalhei paleando (enxada), caçamba e fiscal.

Aqui no Benfica é bom, ninguém mexe com a gente. Eu conheço o Toim do Bar, o chaveiro ali, esses meninos que trabalha no bar, conheço aquele cambista ali. Aqui é muito difícil ter problema. Teve um tempo que mataram bem uns 7 aqui na Praça da Gentilândia.

ANEXO A – INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFETIVOS

INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS (Adaptado)

Primeiramente, agradecemos pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir o seu bairro.

1. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas, sim, suas opiniões e impressões.

1.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

1.2 Descreva que SENTIMENTOS o desenho lhe desperta:

1.3 Escreva seis palavras que resumam seus SENTIMENTOS em relação ao desenho:

1 _____
2 _____
3 _____
4 _____
5 _____
6 _____

2. Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre a Vila Vicentina da Estância. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

2.1 Caso alguém lhe perguntasse o que pensa da Vila, o que você diria?

2.2 Se você tivesse que fazer uma comparação entre Fortaleza e algo, com o que você a compararia?

3. Descreva dois dentre os caminhos que você percorre com frequência (utilize nomes de lugares de origem e destino e detalhes que chamem a sua atenção durante o trajeto) relacionado ao seu bairro:

Caminho 1

Caminho 2

Dados sociodemográficos:

Idade:	Sexo: Masculino () Feminino ()
Profissão:	
Naturalidade:	
Bairro de moradia:	
Tempo de residência:	
Bairro onde trabalha:	
Nível de escolaridade:	

5. Pensando no seu bairro:

5.1 O que é uma paisagem para você?

5.2 O que essa paisagem que você observa te faz sentir?

5.3 O que é mais importante para você no seu bairro?

5.4 O que você conservaria e o que você mudaria no seu bairro?

5.5 Sairia daqui? Por que?

5.6 O que seria um bairro ideal na sua opinião?

5.7 O que seria uma cidade ideal na sua opinião?

5.8 O que tem de bom no seu bairro? E de ruim?

5.9 Caso eu te pedisse para fotografar o que representa o seu bairro para você o que seria?
